

REVISTA

DA SEMANA

N. 53 31-12-55 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

QUEM TEM RAZÃO?

CONCHITA OU
MÁRIO MASCARENHAS

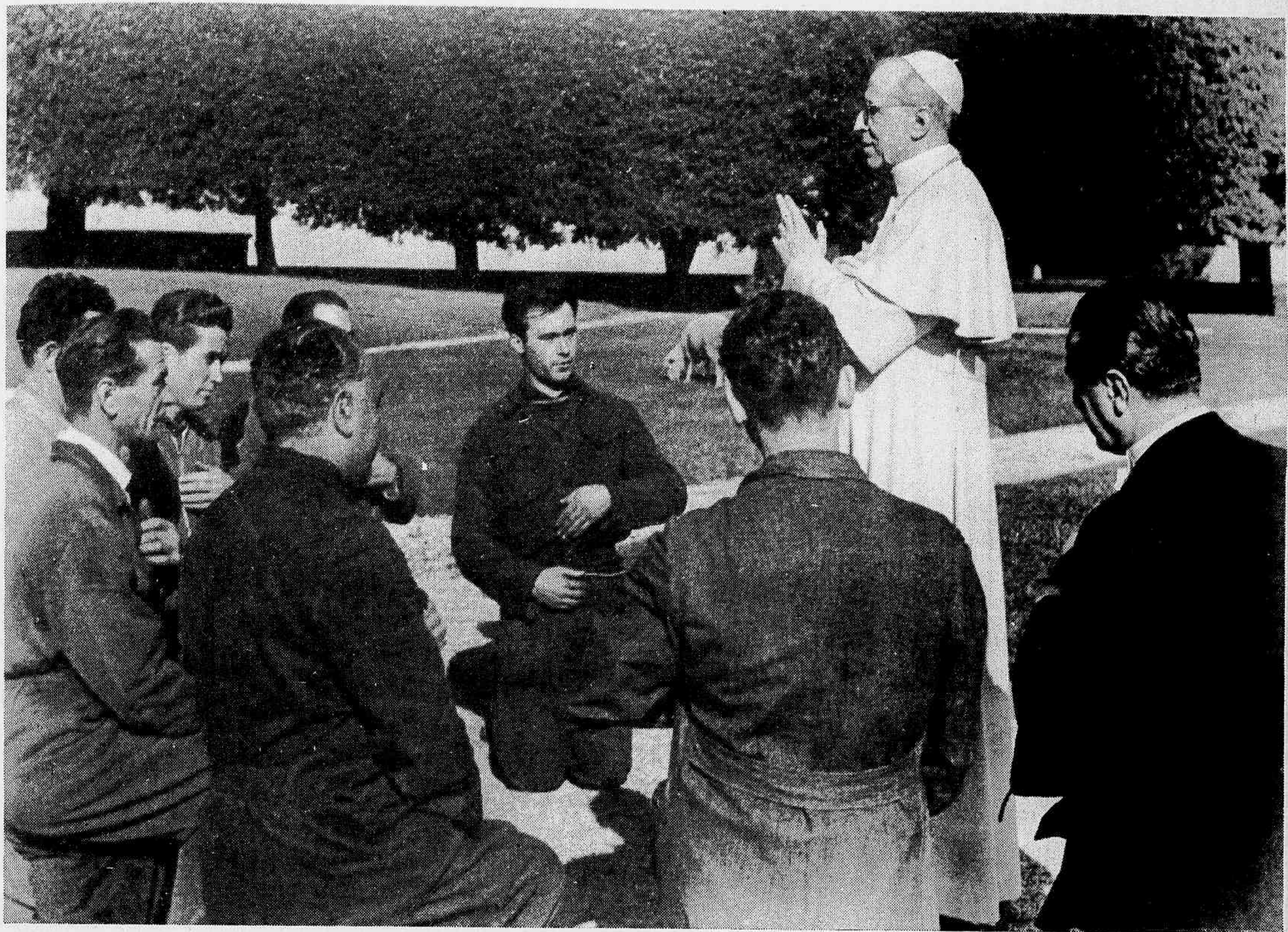
FALAM (COM EXCLUSIVIDADE)
MARIDO E MULHER

EM SUA RESIDÊNCIA de Castel Gandolfo. Sua Santidade o Papa Pio XII passa, todas as manhãs, horas e horas em contacto direto com a natureza. Sua meiga figura, vestida de branco, é vista sempre a passear pelos jardins.



DUR
dirig

M
ze
volve
ruas,
aprox
Mesm
trepid
renta
pesa
de m
beran
mo, c



DURANTE SEU matinal passeio, muitas vezes detém-se Pio XII para abençoar a alguém ou fazer carícias em uma criança, ou simplesmente para dirigir palavras de conforto a um empregado. Ei-lo ministrando sua bênção a um grupo de serviçais, ajoelhados, cheios de contrição, para recebê-la.

O PAPA MILAGROSO

A VISÃO DE JESUS CRISTO NÃO FOI O PRIMEIRO MILAGRE QUE SUCEDE AO PAPA PIO XII. — JÁ EM 1950 LHE ACONTECERA UM PRODÍGIO. — UMA VISITA A CASTEL-GANDOLFO, QUE É A RESIDÊNCIA PAPAL DE VERÃO.



Reportagem de LUIZ MENEZES (última de uma série)

MADRUGADA iria de um dia luminoso de dezembro de 1954. Uma tênue briza sopra envolvendo a velha Roma e o Vaticano. Já nas ruas, com os primeiros toques do dia que se aproxima o povo italiano alegre como sempre. Mesmo assim, com o ranger das carroças e o trepidar dos ônibus de dois andares, tudo apresentava uma calma sepulcral. Por detrás dos pesados portões do Vaticano, a lida primeira de mais um dia triste, sim, triste porque o Soberano Pontífice se achava gravemente enfermo, começava a movimentar os tarefeiros da

Santa Sé. As primeiras missas estavam já sendo oficiadas nas capelas do Vaticano e a confraria se preparava para a lida diária.

Num grande salão próximo aos aposentos do Papa Pio XII, o Dr. Galiazzi Lizi e dois outros colegas, aparentavam um cansaço insuperável, consultando-se entre si para descobrir uma nova terapêutica, ou um processo clínico mais cômodo para combater os soluços do Papa, que dia a dia definhava com o exaustivo ataque permanente de u'a moléstia que a própria ciência dos homens até agora não explicou.

Enquanto uma das enfermeiras do Santo Padre servia uma taça de café aos médicos de Sua Santidade, saía dos aposentos papais o cardiologista, que tirara a pressão de Pio XII. Num balançar de cabeça bastante significativo, indicava êle que o Santo Padre estava irremediavelmente baqueando. Este aspecto, leitores, era o diário, durante todos os dias de dezembro passado, quando mais grave se tornava a saúde do governante do catolicismo.

Pois num dia como êsse, quando o cenário chegava a se repetir como rotina do Vaticano



sombrio, que o inesperado aconteceu. Tivera muita febre durante a noite. Pio XII se recompunha pela manhã, e bem cedo, apesar de não poder quase se movimentar no leito, rezou ardentemente sua oração matinal. Rezou naquele dia com um fervor diferente; com uma fé flamejante e com a vontade férrea que lhe move as ações. Sôzinho, recitou várias vezes a oração ANIMA CHRISTI. Na terceira ou quarta vez, não sabe se recordar, quando pronunciava o trecho IN ORA MORTIS MEAE, Pio XII viu surgir do vidro rosa que guarnece a janela de seus aposentos, um raio de luz fulgurante, claro e límpido como o raio solar. Parecia alongar-se aquele faço de luz, revoando e se desfiando como a tênue fumaça de baforada. Pio XII viu surgir, então, a seu lado, a figura de N. S. Jesus Cristo, com uma longa túnica branca bordada não sabe ele com que cores, naquela atitude característica do Deus Homem, de cabeça caída ao natural, pendendo humildemente para a frente. Estendeu-lhe a mão ferida. Dela espargia tanta luz que Pio XII se sentiu em outro mundo que não o nosso. Julgando que Deus o vinha chamar, disse-lhe o Santo Padre balbuciando e sem respiração: Jubete me venire a te (ordenai-me que vá a ti).

Mas Jesus Cristo não viera buscá-lo. Realmente, só estava ali para dar-lhe o conforto do astral, trazendo-lhe a saúde desejada e tão reclamada por milhares de fiéis em todo o mundo, que precisam dos sábios conselhos do Pa-

pa. Num gesto também característico, Cristo abençoou o Santo Padre. Mais nada viu Pio XII, do que a mesma luz que surgira à sua janela. No ar, um halo fluídico trazia-lhe novo conforto ao espírito, e coragem ao corpo. Segundo Pio XII, aquilo era sublime demais para ser um sonho. Estava acordado, e não dormiria na oração. Não! fôra real tudo o que vira. A princípio, sentiu-se tão reconfortado que confessou teve ímpetos de abandonar imediatamente o leito. Só não o fez, porque a vontade não superava os movimentos. Repousou profundamente por alguns instantes, e sem dizer palavra viu entrar nos aposentos o Dr. Galiazzi Lizi e tomar-lhe o pulso.

Teve vontade de lhe contar. Retrocedeu todavia, porque não cometeria esse sintoma de alucinação para o médico que certamente tomaria como gravidade da moléstia mais esse aspecto. Mas o Dr. Lizi saiu dos aposentos papais e anunciou que o Sumo Pontífice repousava tranqüilo, corado e com pulso normal; o que não acontecia há dias.

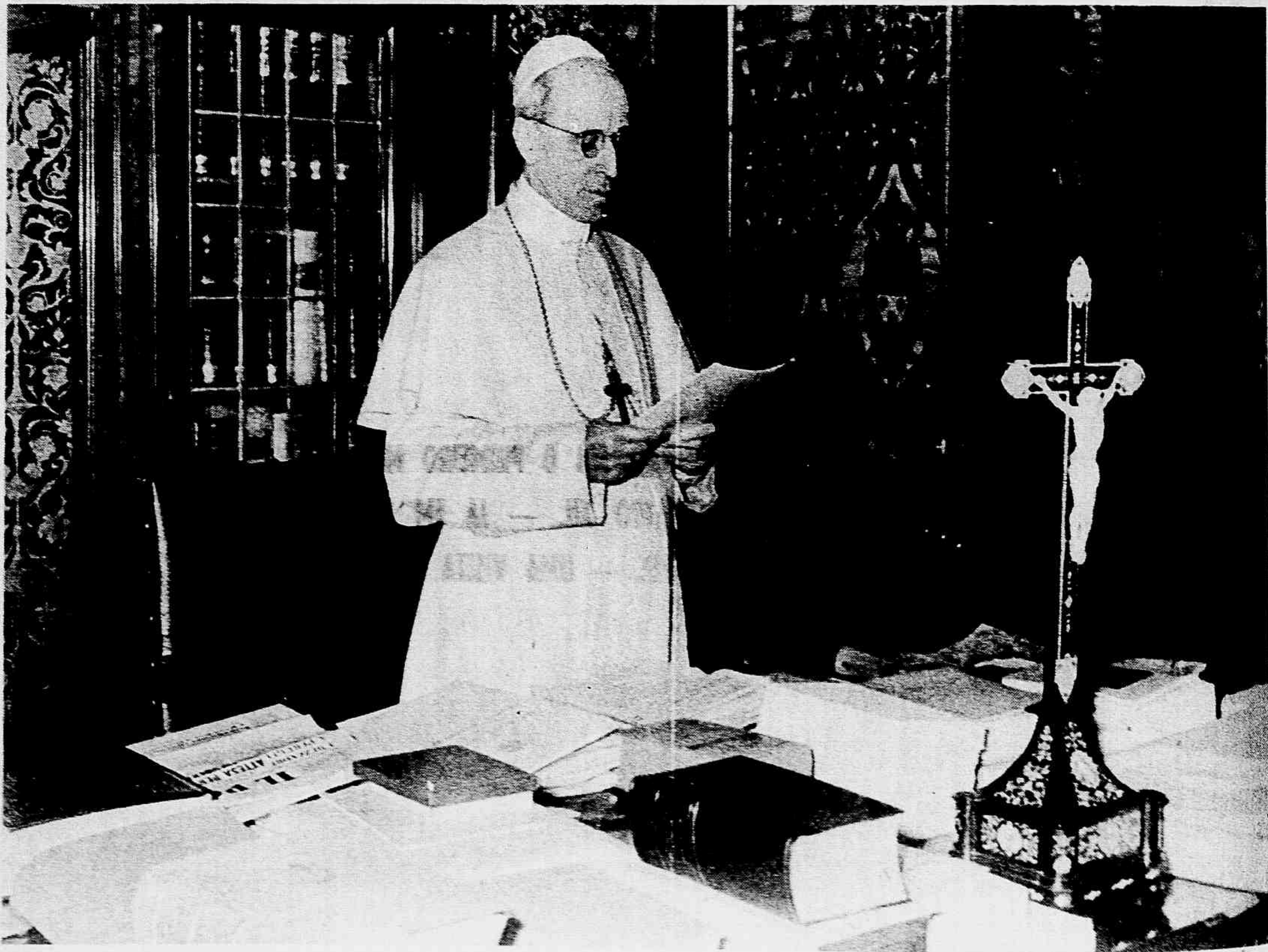
Evidentemente, a observação clínica não tinha duplo sentido. Daquele momento para diante, Pio XII melhorava a olhos vistos. Recuperou-se em apenas uma semana de tal modo, que muitas das medicações foram suspensas. «A batalha da medicina tornou-se efetiva», diziam os jornais. O Papa melhorava. Nas esquinas do Vaticano, os jornalistas pareciam ambulantes. Todos se juntavam nas bancas para saber do estado de saúde do Papa. Intensificavam-se nas Igrejas os pontificais em regozijo pela saúde daquele que por muitos anos ainda, há de dirigir os destinos da Santa Madre Igreja. Mas seu segredo perduraria por muitos meses. Ninguém, excetuando-se duas pessoas, no Vaticano, guardavam a sensacional notícia. Essas duas pessoas deixam

de ser citadas aqui, porque a pedido, não podemos divulgar. Como «OGGI» contou a aparição de Jesus, esses dois nomes seriam prejudicados. Pio XII algumas semanas depois embarcava para Castel Gandolfo onde passou a convalescer. Já aparecera aos fiéis por diversas vezes, quando embarcou para sua residência de verão.

E foi naquela mansão de simplicidade, onde os turistas pensam ver o fausto e o ouro que se anuncia ter o Vaticano, que o Papa recebeu os fiéis. A chegada a Castel Gandolfo é algo surpreendente. Para o ônibus numa pequenina vila, onde tudo é simplicidade e rústico. Atravessa-se um jardim mal tratado e ao final de um velho e secular corredor se depara com um salão enorme onde nem um candelabro esconde a lâmpada comum que fica pendurada ao teto. O trono que se vê ao fundo, em côr reluzente, e o quadro Pietá de Miguel Ângelo, todo copiado em mármore, são os únicos adornos. Um microfone e um tablado onde ficam os guardas de Sua Santidade, emolduram o quadro.

A espera é curta. Centenas de peregrinos, procedentes de todas as partes do mundo sentem a aproximação do Papa. Assoma o trono aquela humilde figura, que irradia simpatia e fé, simultaneamente. Abençoa a multidão e atendendo aos brados em diversos idiomas salda os fiéis em alemão, inglês, francês, espanhol, italiano, russo e mais não fala porque comumente não surgem ali turistas de dialetos ou línguas diferentes. Mas nessa exuberante solenidade não se contém da massa o espectador e grita: Brasil! Brasil! O Papa ouve e cala. Sorri francamente e põe as mãos em atitude característica. Diz então no idioma que Camões compôs: — «Brasil! Grande povo os brasileiros! Grande religião a vossa. O infi-

TODAS AS SEMANAS, NAS AUDIÊNCIAS QUE CONCEDE, SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII RECEBE



O PAPA reserva a parte matutina do dia a examinar o expediente do Vaticano. Ele, em seu escritório, à sombra do Crucifixo, examinando um documento. Falando inúmeros idiomas, o Papa faz questão de examinar a volumosa correspondência diária, que lhe chega de toda a parte do mundo.

nito Deus misericordioso abençoei esse povo católico, glória da Santa Igreja e orgulho do Vaticano. Que a paz do todo poderoso reine com o Brasil e seus adorados filhos. Dou-lhes minha bênção e guardo no coração a vossa hospitalidade.»

Não existe um só mortal que ouça o Papa falando seu idioma, que não se debilhe em lágrimas; lágrimas de carinho, de felicidade.

★

Nos círculos da Curia, a confirmação da aparição, apesar da comoção despertada, não causou, entanto, surpresa. Com efeito, salienta-se nesses círculos que o Papa, cuja santidade de há muito ultrapassou os limites da Cidade do Vaticano, já em setembro de 1950 fôra testemunha de um prodígio, do qual é próprio deu parte ao cardeal Tedeschini. Diz-se, nos mesmos círculos, que a aparição de Jesus Cristo ao Santo Padre, no período mais doloroso de sua doença, e num momento em que muita gente considerava moribundo o príncipe da Igreja, pode, de certo modo, ser considerada natural. Com efeito, vem confirmar o caráter de santidade da vida e da obra do Sumo Pontífice, e é, a esse título, que será recebida a notícia com profunda admiração em toda a Cristandade.

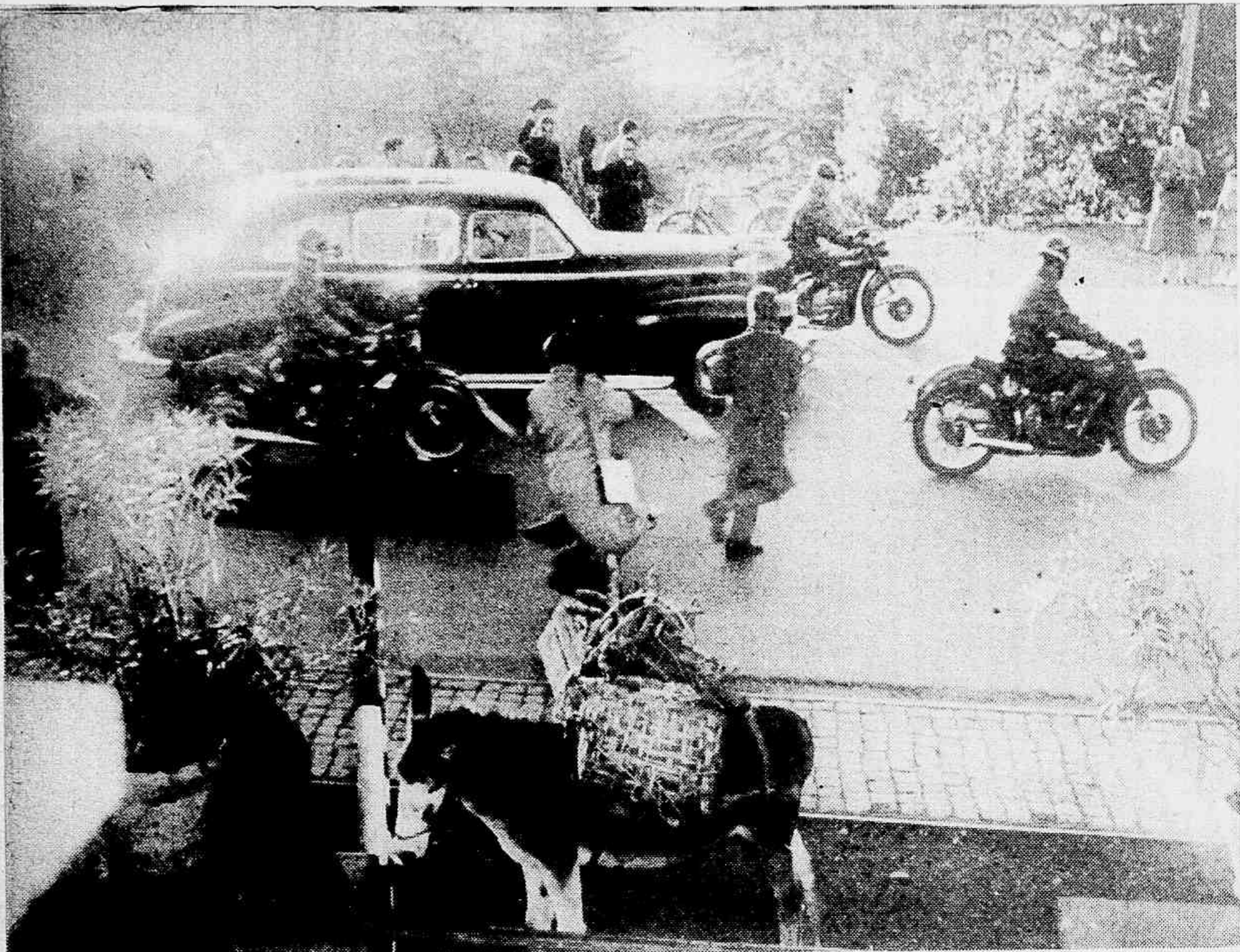
Estamos na semana do Natal. A narrativa que fazemos coincide com a data magna da cristandade. E não foi outra a nossa intenção senão a de tornar público o que de mais real se sabe, até o momento, da aparição de Jesus Cristo ao Santo Padre. A própria revista que deu a notícia, pois como dissemos em nosso número anterior, o «furo» não nos pertence, assegura que o Papa conseguiu falar com Jesus Cristo. Essa notícia, porém, foi desmentida



INÚMEROS PEREGRINOS DOS MAIS REMOTOS PAÍSES, QUE VÊM BEIJAR-LHE A FÍMBRIA DOS VESTIDOS



A MÁQUINA de escrever acompanha Pio XII aonde quer que vá. E' nela que prepara os discursos, diretamente, sem seguir um rascunho manuscrito. Talvez tenha sido Pio XII o 1º Papa a fruir dos últimos aperfeiçoamentos da técnica e da ciência moderna, deles usando com indistigável alegria



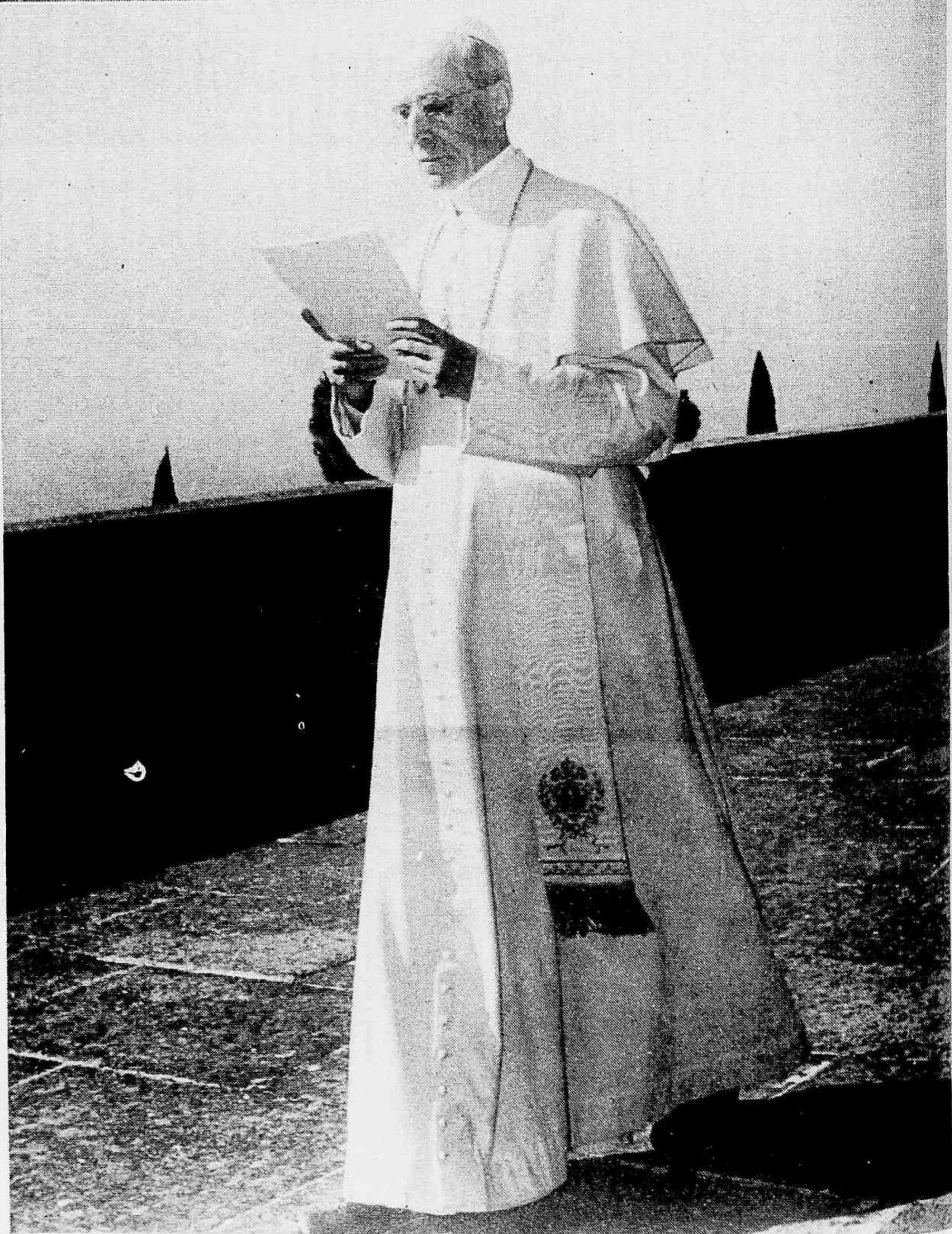
por fontes do Vaticano, as mesmas que confirmaram a aparição. Sua Santidade agora narra a seus auxiliares imediatos o que se passou naquele alvorecer. Sua narrativa, porém, ainda não saiu dos muros do Vaticano, e como tal, podem avaliar a dificuldade em conseguirmos a retratação fiel da milagrosa aparição. A carta das NN.UU. nos garante o direito de guardar a informação. E foi invocando esse documento transcendente, que podemos com subsídios proclamar talvez em primeira mão com esses detalhes, a radiosa notícia. Está afastada a possibilidade de contestação ao milagre do Papa. Os céticos e descrentes; os ateus e irreverentes, irão por certo comentar o caráter e as circunstâncias desse milagre. Mas citando o próprio Jesus Cristo, que eles escondem como uma mentira histórica, abandonando na ignorância os subsídios e provas que o mundo através dos séculos nos fornece, diríamos que eles não sabem o que fazem, e merecem o perdão do pai altíssimo.

Que julguem os cristãos. Que blasfemem os hereges...

DE CASTEL GANDOLFO ao Vaticano são 20 milhas de distância, através da Via Apia. Em julho, todos os anos, o Papa dirige-se, de automóvel, para o sítio de suas férias. A polícia italiana o escolta, enquanto o povo aplaude satisfeito.



POR QUATRO meses, esse espetáculo se repete todas as manhãs, em Castel Gandolfo: Pio XII, enquanto caminha pelo terraço de sua residência de verão, para adiantar o expediente, vai lendo os documentos mais importantes.



REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira

ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Papa Milagroso	2/5
Mascarenhas x Conchita	8/10
..... e	47/49
Eles são os donos do assunto.....	20/22
O Natal e a Arte	26/29
1955 passado a limpo	40/43

SEÇÕES

Champanhota	11
Puxe pelo Cérebro	12
Semana em Revista	14/15
Artes	18
TV na Revista	19
Pelas esquinas da noite	23
Por esse mundo de Deus	24/25
Feminina	32/33
Palavras Cruzadas	34
Revista há 50 anos	38
Literária	39
Semana Astrológica	44
Música	46
Último flash	50
Figura em foco	51
Fortuna	54/55

LITERATURA

Florações do Ano Novo (A. Nery) ..	7
O machado de prata (Conan Doyle)	30/31
Nízia Figueira, sua criada (Mário de Andrade)	52/53

CAPA

Ann Blyth (Kodachrome MGM)

Este número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

FLORAÇÕES DO ANO NOVO

A esperança é a forma de confiança pousada em tudo que desejamos. Sentimento agradável, bilíssimo é a persuasão da esperança dissolvendo as nossas agruras, os nossos descontentamentos e tantas vicissitudes pouco menos que intoleráveis. Sem essa luz na alma, tudo resultaria insípido, repugnante e teríamos positivado em nossa vida, a perda de todos os bens. A esperança é a imagem do homem continuado. É a insistência da renovação, é o alento em tudo que há de mais morto e falido em nosso ânimo. Um ano triste, um ano de preocupações dolorosas, de sustos, temores e ameaças, é quase um ano igual a todos que atravessaram a nossa existência. Mas em todos os nossos desesperos há constantemente as etapas da esperança. Há ressurgimento e florações anunciadas por esse toque mágico na alma. Há mudanças de cores escuras para cores luminosas e suaves arrumadas em nosso espírito pelas mãos sutis da esperança. Com ela e por ela, renovamos o nosso eu várias vezes no dia.

Vivemos com a esperança de viver bem e quando isto nos falha, resta-nos a esperança de morrer bem. Temos uma capacidade infinita de defesa na idéia de melhores dias, com melhores acontecimentos trazidos pela felicidade como reajustamento às grandes tristezas que nos sufocam e abatem. Movido por esse sentimento magnífico, esperamos. Esperamos horas, dias, meses, anos e afinal toda a nossa existência! Pois bem. Continuemos com este mesmo propósito. Em esperança, sonhemos com um mundo melhor, com acontecimentos compensadores e façamos do ano de 1956 um motivo de esperança irradiando paz ao nosso espírito conturbado e satisfação à nossa alma

desmaiada! Pensemos que o Ano Novo será bom, amável e dádivo. Vamos esperá-lo com o melhor dos nossos pensamentos e a mais nobre das nossas intenções. Esperá-lo com o olhar tranqüilo e a face desanuviada das tristezas para mostrar-lhe que apesar de tudo e acima de tudo, ainda está viva a esperança em nossa alma e pelas suas mãos queremos receber do ano de 1956, o gesto que nos foi recusado neste que passou.

Mostraremos toda a nossa boa vontade em recomeçar. Mostraremos a nossa alma disposta a reconstruir novos mundos, despidos de ressentimentos e esquecidos de tantas penas e sustos.

Recebamos o Ano Novo, como se recebéssemos em nossos braços uma criança pura e boa, bela e magnífica cheia de promessas grandiosas e vestida de poesia e mistério! Lutemos contra a má memória. Esqueçamos o que perdemos para desejar que no ano entrante, a paz e a harmonia sejam os signos da nossa presença na terra!

Solidifiquemos o nosso coração na esperança e tudo será menor em tristezas e mais forte em grandezas!

É mais um ano de graça que os filhos de Deus recebem como prêmio para oportunidades de construir virtudes e bens!

ADALGISA NERY

Mascarenhas, abatido e pensando no filho:

SE PEDIR PERDÃO PODE VOLTAR

DECLARA MASCARENHAS

Texto e Fotos de



O «DESESPERO DO MÚSICO» EM RITMO DE VALSA... ★ «FIZ TUDO POR ELA, ATÉ NOME DE RUA ARRANJEI PARA A «DANADA»... MAS, CONCHITA NÃO ME OUVIA...» ★ MARIOSINHO VIVE CHORANDO

(Texto na pág. 10)

O PROFESSOR

● Não se poderá afirmar que Mário Mascarenhas seja um homem... incoerente. É, antes, um produto híbrido de duas personalidades distintas, que, nele, se confundem de modo contundente — o homem e o músico.

Mesmo sob a emoção violenta do drama que ora vive, a sua indignação pelo ultraje é de uma brandura enternecedora, quando se queixa (reclinado na poltrona, mãos cruzadas sobre o joelho dobrado, olhos postos no chão):

«A «DANADA» É BONITA MESMO...»

A predominância do elemento feminino entre os discípulos do «Rei do Acordeão», e a honestidade e honradez de seus propósitos, tornaram-no um «indiferente» às coisas do coração... até que surgiu Conchita.

Um dia Mário se casa. O acontecimento, mercê da enorme popularidade do professor, alcança repercussão nacional. Mas, a sua vida, ainda assim, é a vida do professor, é a vida do músico. Mário é um criador. O trabalho se acumula. Asobornado com o programa de realizações a que sua alma de artista o impelle — traz a esposa para junto de si no trabalho, e pouco a pouco, lhe transfere parcelas da popularidade que desfruta.

«CONCHITA NÃO ERA NINGUÉM...»

A moça se projeta no cenário artístico onde Mário impera absoluto. Tudo, agora, é Conchita (até nome de rua, num loteamento em Teresópolis...) jovem e bela (menina-moça de uma geração atômica), guindada velozmente aos píncaros da glória — admirada, cortejada e desejada por milhares — um dia fraqueja e... peca.

Mário se desespera e faz escândalo. Mas... o desespero do ultrajado não chega a ser o «desespero do homem», porque foi o «desespero do músico».

Conchita, muito pálida, mas ativa.

NÃO QUERO SABER MAIS DÊLE!

W. GUARNIERI

DECLARA CONCHITA

«MÁRIO ME PROMETEU QUE NÃO DARIA PUBLICIDADE AO NOSSO «CASO» ★ «MEU FILHO NÃO SERÁ CRIADO NAQUELE APARTAMENTO INFERNAL...» ★ O AMBIENTE DA CASA DOS PAIS DE CONCHITA

(Texto na pág. 10)

A ALUNA

● Não se poderá afirmar que Conchita seja uma mulher... leviana. É, antes, uma «menina-moça» que — na idade da boneca — precipitadamente se casou.

Filha única e mimada de distinta e pacata família, seus desejos jamais se contrariavam. Papai «Eugênio», imigrante polonês, que a custo de sua habilidade profissional prosperou e fêz fortuna, zelava demais pelos caprichos da filha.

E Conchita foi crescendo voluntariosa e bonita. Aos sete anos é internada em um colégio austero — o «Sion». Dos 11 aos 14 faz o ginásio com menos vigilância.

A vocação pela música manifesta-se por essa época. O fascínio do instrumento refulgente lhe empolga a alma infantil.

«QUERO APRENDER ACORDEON...»

E Mário surgiu na vida de Conchita.

Insinuante, simpático, vistoso, o professor preocupa-se, apenas, em aperfeiçoar a aluna. É só a aluna que vê na sua frente A menina, a moça ou a mulher para ele não existem.

Mas, a menina, a moça ou a mulher já não vêem mais o professor. Vêem é o MÁRIO.

«QUERO ME CASAR COM ELE...»

Conchita se casa com Mário. Mário se casa com Conchita, mas continua solteiro com ela.

Obrigado a dividir, cada vez mais, o tempo disponível às atenções conjugais, cada vez mais, também, o professor se distancia mais da aluna. Mas, agora, Conchita é também famosa.

Surge, então, o «outro». Insinuante, másculo «play-boy» das praias cariocas. Sem a experiência necessária para se desvencilhar do que se convencionou chamar «percalços da fama», Conchita não sabe que decisão tomar.

«AGORA QUERO ACABAR COM ELE...»

Mas «papai» Eugênio, ficou «abafado». Agora, quem manda em Conchita é Conchita mesmo. (Ou será alguém?)



DECLARA MASCARENHAS



A «caminha» de Máriozinho na casa dos Chmura. Aos domingos, «vovô» Eugênio e «vovó» Didi traziam o pirralho ao Russel. 2ª feira iam buscá-lo.

O telefone toca, insistentemente, em meio ao alarido que fazem dezenas de moças na sala de espera da «Academia de Acordeon» do prof. Mário Mascarenhas, no 12º andar de um velho edifício da Cinelândia. Uma mocinha de óculos adianta-se para atender. O que aconteceu a seguir, deu ao repórter, que acabava de chegar, uma noção do aturdimento por que passava o moço, herói inglório do drama passionai.

— Não. — falava a moça de óculos — D. Conchita não trabalha mais aqui...

O nome «Conchita» produziu um «frisson» nas moças, e um silêncio relativo se fez, de que se aproveitou uma outra gorducha para advertir a mocinha que atendia o telefone:

— O professor não quer que fale mal «dela»... Diz que ela não está, mas não dá muita «bola» para essa gente... A jovem desligou, com raiva, o aparelho e nos veio atender. Quando soube do que se tratava, mirou-nos de alto a baixo, com desconfiança, e foi transmitir ao professor o nosso recado.

A pequena sala de espera tem um aspecto de «atelier de costura» de subúrbio. Por toda parte retratos do mestre, rodeado de alunas. Cartazes de propaganda dos festivais de música; prospectos das «Academias» filiais de todo o Brasil. Não há um centímetro de parede disponível. Duas mesas unidas, reservam um canto para a «secretária», o resto é ocupado por cadeiras comuns, onde se sentam, indóceis, as alunas com seus instrumentos.

Ao fundo, divisões de madeira, com 3 portas, indicam as «salas de aula». Por uma delas, desapareceu a nossa recepcionista.

Ficamos sabendo, então, que era «dia de exame final». O ambiente é de nervosismo, portanto. É o professor quem dá a nota final para «passagem de ano». (100 alunas por dia era a cota daquela semana...) Há várias semanas vem examinando assim...

A moça volta com o recado de que só «mais tarde» ele nos poderá receber, pois ainda faltam 28 moças para atender.

No regresso, ainda permanecemos por longos minutos à espera da última examinanda. A figura simpática do jovem professor assoma o limiar da porta. Cabelos em desalinho, fisionomia cansada, olhar esgazeado, desculpou-se e pediu que aguardássemos «mais alguns minutinhos»...

Apenas algumas retardatárias havia, agora, na sala e o ambiente estava mais calmo. Quando, por fim, fomos admitidos, entrou conosco, também, um jovem que acabava de chegar.

Sentamo-nos. O professor passou as mãos pelos cabelos, tentando recompô-los. Mas, quem falou primeiro foi o jovem acompanhante:

— Estou aqui para «censurar» a sua reportagem...

— ???

— Sim. O Mário está muito cansado e ainda sobre o forte abalo emocional que o fato lhe causou, e não «tem cabeça para pensar».

O professor confirma, tristonho:

(Continua na página 48)

DECLARA CONCHITA



Conforto não faltava em casa dos pais. Tinha geladeira, televisão e até um aquário. Agora, Conchita «tinha saudades dos seus peixinhos»...

UMA coincidência feliz possibilitou-nos obter, com exclusividade, uma entrevista com a jovem esposa de Mário Mascarenhas, alguns dias após a sua última aparição pública, na delegacia do 4º Distrito Policial, onde fôra intimada a comparecer para se defender das acusações que lhe fazia o marido.

Após uma prolongada vigília no escritório do advogado de Conchita — dr. Geraldo Veridiano de Azevedo (que embora sem se furtar à reportagem, insistia em preservar a sua cliente de qualquer manifestação pública) a coisa era por demais desanimadora. Uma lista enorme nos foi exibida. Ali se achavam registrados pedidos idênticos da quase totalidade dos jornais, revistas e emissoras desta capital, S. Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, etc., afóra ainda algumas publicações estrangeiras.

A história começou na tarde de segunda-feira, dia 19 de dezembro, quando voltamos à residência dos pais de Conchita, num distante subúrbio da capital, para repetir a fotografia do prédio em que moram.

(Na tarde anterior, já ali estivéramos tentando convencer um contraparente de Conchita (o tio Antônio) que nos permitisse entrar para falar aos pais da moça — já que, segundo alegava, Conchita se encontrava fora do Rio).

Escolhido o mesmo ângulo e obtida a nova fotografia, voltamos a posicionar com o tio, tentando confundi-lo e para verificar se o alegado na véspera era verdadeiro.

E foi nessa altura dos acontecimentos, que a feliz coincidência aconteceu.

O moço — que nos atendia no limiar da porta de acesso ao sobrado onde mora o casal Chmura — em dado momento empalideceu, e ficou-se mudo, ao reconhecer duas pessoas que desciam de um táxi, a curta distância de onde estávamos, e para nós se dirigiam com passos apressados.

Não foi preciso grande esforço para identificarmos Conchita (que carregava uma pequena valise de mão) e uma outra senhora de baixa estatura. A jovem, apenas cumprimentou o tio, subiu as escadas com grande pressa. A sua acompanhante, que ficara indecisa na porta da rua a nos mirar surpresa, o tio Antônio advertiu, em tom de excusa:

— E' da reportagem, d. Didi...

— ... da «Revista da Semana» — juntamos.

D. Didi nos foi apresentada pelo moço. Era a progenitora de Conchita. Ela pigarreou confusa:

— «Ah!... Faz muitos anos que somos leitores de sua revista... — mas, logo procurou encurtar a conversa e esclarecer que Conchita não poderia adiantar nada mais, pois essas eram as determinações de seu advogado.

Por largo tempo, d. Didi ouviu-nos pacientemente e por fim admitiu, apenas, entrássemos para nos entendermos, telefonicamente, com o causídico.

Estava vencida a primeira etapa — mas, o mais difícil, ainda estava por vir.

(Continua na página 49)

NASCE MAIS UM PRÍNCIPE DE ORLEANS E BRAGANÇA — A SEGUNDA NOTÍCIA É ARTÍSTICA: KLINGER

NO SABADO PASSADO, nasceu o sexto filho de Dona Esperança de Orleans e Bragança, Príncipe Francisco, que veio juntar-se aos seus irmãos, Pedro Carlos, Maria da Glória, Afonso, Manuel e Cristina. A Família Imperial está de parabéns e este é, sem dúvida, o acontecimento da semana.

★

ENCONTRA-SE NO RIO, onde provavelmente contratará artistas brasileiros, o meu bom amigo Edmundo Klinger, diretor artístico de rádios argentina e chilena e arrendatário de "Le Carroussel", boite do San Rafael. Trata-se de um dos grandes admiradores dos artistas brasileiros e, quando estivemos no Uruguai, vimos Elizete Cardoso, Marlene, Trio Nagô, todos convidados por este grande amigo da música brasileira.



Serve-se a «hostess n° 1», sra. Naná Winnans.

A nota social de importância foi dada pelo sr. e sra. Bob Winnans que ofereceram um grande e elegante jantar, em homenagem à sra. Dolores Guinle que partiu para os Estados Unidos.

★

O Museu de Arte Moderna inaugurou a sua quarta exposição de pintura de crianças. Nesta ocasião, foi exposta uma bela e artística árvore de Rossini Perez.

★

Na quarta-feira, o jantar-dançante do Country, contrariando o hábito, não foi dos mais animados. Na quinta, teve lugar o do Lagoinho que esteve animado e num clima bem mais fresco, pois foi muito elevado.



O cronista Roberto Vasconcelos na estréia do Teatro de Arena.

O sr. e sra. Nelson Brant Maciel ofereceram um simpático jantar no «Night and Day» aos seus amigos. Estiveram presentes os casais Rubens Alves Lima, Humberto Tavares, Péricles Monteiro, Júlio Avelar, Osvaldo Mota, Antônio Stokler de Queiroz, Sílvio Figueira e a srta. Maria Augusto Ribeiro do Couto.

★

O sr. José Maria Alkimin já está fazendo contatos para o futuro governo. Exemplificando: outro dia, almoçaram no «Bife de Ouro» o político mineiro e o sr. Cícilio Matarazzo.

★

Desta vez, Burle Marx que tem decorado tantos jardins, públicos e particulares, fez uma exposição de suas plantas no Copacabana. Todos foram ver e quem ganhou mesmo foi a Associação das Senhoras Noelistas.

★

O pintor baiano, Genaro de Carvalho expôs e teve sucesso. Comemorou com um «cocktail».

★

Dia 22, um grande desfile (tecidos América Fabril) terá lugar no Lagoinho. Tomarão parte, as srts. Maria Laura Duarte, Teresa Simões Soares, Eliana Moura, Lígia Coutinho, Marly Azeredo Lopes, Lew e New Cobra, Gilda Joppert, Ruth da Gama e Silva, Suzette Laureano e Ana Bentz.

★

O Itatiaia Country Club promoveu um grande almoço que se seguiu à inauguração da Estação Rodoviária que terá uma estação transmissora de altos falantes com notícias de minuto em minuto, um plano inclinado que levará os acalorados e sedentos de paisagem à serra, um estacionamento gigantesco, uma oficina mecânica ainda maior e todo o conforto que seja possível imaginar numa estação rodoviária. É um verdadeiro mundo.

★

O sr. Eduardo Tapajós está reeditando uma coisa formidável que teve sucesso ano passado. Trata-se dos banhos noturnos de piscina. Concorridos a mais não poder.

Um grupo de homens de sociedade promoverá na residência (das mais bonitas) do sr. Valtér Quadros uma festa de Natal. Temos certeza que será das mais alegres e movimentadas.

★

O casal Benjamin Besinger III depois de alguns dias no Rio, outros em São Paulo e algumas semanas divididas entre Punta Del Este e Buenos Aires, deverá completar a sua lua de mel com alguns poucos dias no Rio, quando voltarão para os Estados Unidos.

NOTÍCIAS DE S. PAULO

O Instituto dos Arquitetos em São Paulo apresenta a mais valiosa coleção de cartões para Natal: trabalhos de Portinari, Di Cavalcanti, Graciano, Gerda Grendani e Tarkka, entre outros.

Com uma bela cerimônia na Igreja de Nossa Senhora da Paz, casam-se no dia 3, a srta. Maria de Lourdes Queiroz de Moraes com o sr. Saul Agostinho Bandeira de Melo Janequine.

Comenta-se em São Paulo que a srta. Maria Helena Morganti e o sr. Hélio Souto pretendem convidar o bispo-auxiliar de São Paulo para celebrar o casamento que deverá ser dos mais concorridos.

As debutantes de 1955 ofereceram uma bela e grande homenagem à Sra. Iole Ciasca, no "Santa Paula Country Club".

Um grande jornalista norte-americano, Thomaz Hollyman, do "Hollyday", andou por São Paulo, fotografando coisas e pessoas da Sociedade. Agora está no Rio, a cargo de Jacinto de Thormes.

O sr. Ricardo Fazanelo Filho parece que ignora a fama de povo pouco civilizado que nós temos no Exterior. Tanto assim que resolveu colaborar com este ponto de vista, passeando com uma onça na Quinta-Avenida.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Álvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Lda.

AZASO EB-5

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

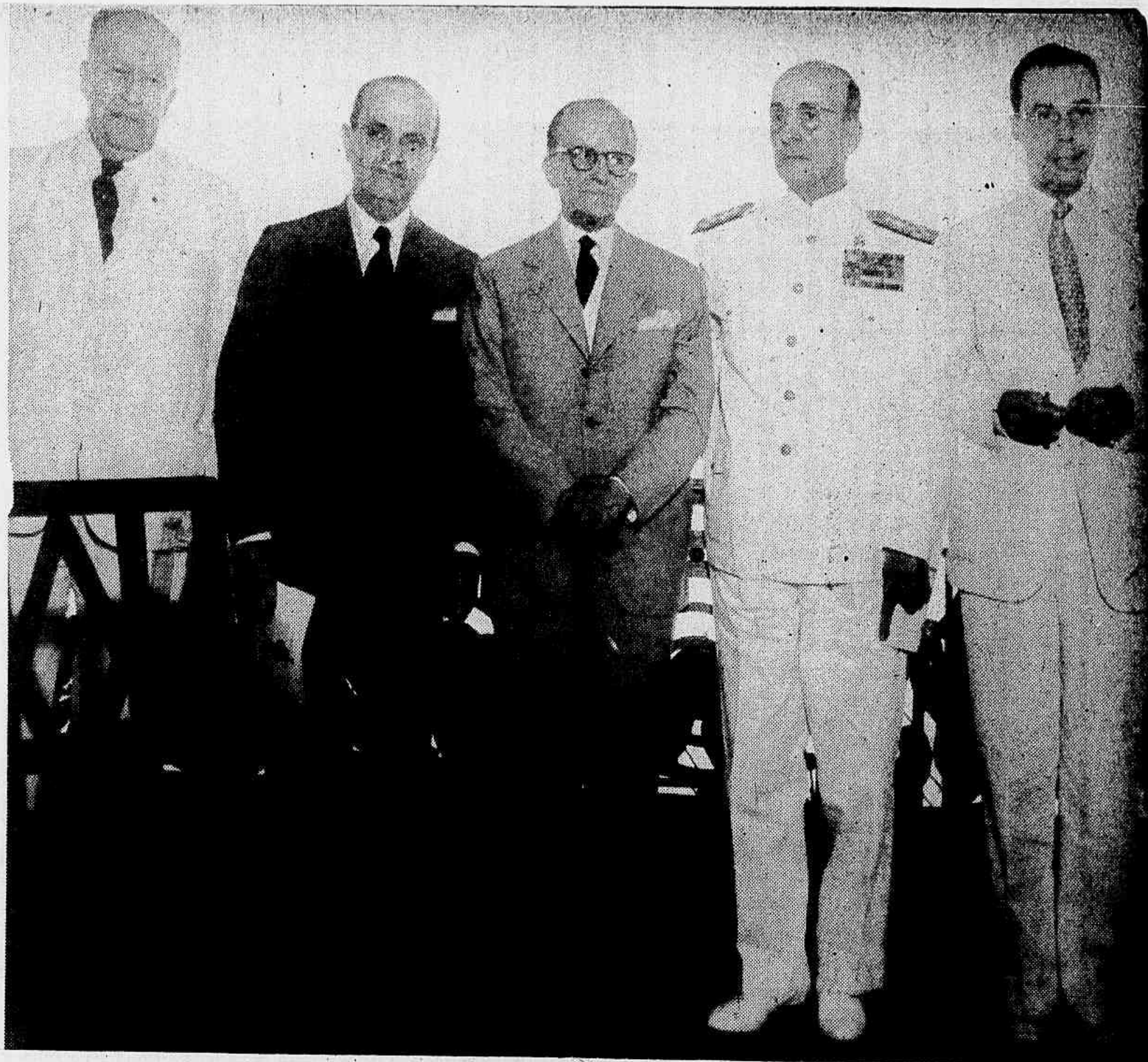
- 1—Mercúrio é o símbolo do:
 - Amor?
 - Mal?
 - Comércio?
- 2—Escreveu «Illuminations»:
 - Laforgue?
 - Rimbaud?
 - Valéry?
- 3—Fica a poucos quilômetros de Belo Horizonte uma cidade histórica:
 - Curvelo?
 - Diamantina?
 - Sabará?
- 4—Escreveu a «Sinfonia Infantil»:
 - Schubert?
 - Schumann?
 - MacDonald?
- 5—Estêve no Brasil comandando uma flotilha de aviões Savoia Marchetti:
 - Bruno Mussolini?
 - Conde Ciano?
 - Badoglio?
- 6—Faz cem anos que faleceu o grande filósofo:
 - Nietzsche?
 - Leibnitz?
 - Kierkegaard?
- 7—Tasman foi:
 - Navegador?
 - Pirata?
 - Governador?
- 8—«Number One» é um romance de:
 - John Steinbeck?
 - John dos Passos?
 - John Barbirolli?
- 9—Em que cidade Toscanini estreou como regente:
 - Rio de Janeiro?
 - Viena?
 - Milão?
- 10—Que grande poeta morreu em consequência de um espinho de rosa:
 - Omar Khayyám?
 - Rilke?
 - Hafiz?
- 11—E' um grande pôrto da Inglaterra:
 - Rotterdam?
 - Liverpool?
 - Antwerp?
- 12—«Por êsse preço não quero mais suíços», frase de:
 - Pedro II?
 - Dom Pedro VI?
 - Pedro I?
- 13—O «Malleus Malefactorum» era um tratado sobre os castigos a serem infligidos aos:
 - herejes?
 - feiticeiros?
 - sarracenos?
- 14—Cadidja casou-se com:
 - Matoma?
 - Lutero?
 - Zuinglio?
- 15—«Camarada, quem toca neste livro, está tocando num homem», verso de:
 - Whitman?
 - Fernando Pessoa?
 - Poe?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Comércio; 2 — Rimbaud; 3 — Sabará; 4 — Mac Donald; 5) Bruno Mussolini; 6 — Kierkegaard; 7 — Navegador; 8 — John dos Passos; 9 — Rio de Janeiro; 10 — Rilke; 11 — Liverpool; 12 — Pedro II; 13 — Feiticeiros; 14 — Matoma; 15 — Whitman.

NA SEMANA DA MARINHA

Na Tribuna de Honra do Hipódromo da Gávea, por ocasião da homenagem à Marinha: da esquerda para a direita, dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, ministro Alves Câmara, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, ministro Luiz Gallotti e tenente brigadeiro Armando Trompowski.



BRILHANTE O PROGRAMA REALIZADO PELO JOCKEY CLUB BRASILEIRO. — O ALMÔÇO E OS DISCURSOS TROCADOS.

«O Jockey Club Brasileiro acompanha e aplaude as solenidades efetuadas que elevam e consagram o valor das homenagens prestadas» — disse o presidente dr. Mário de Azevedo Ribeiro. — «Aqui podemos sentir o afeto manifestado aos homens do mar e avaliar o progresso sempre crescente do turfe brasileiro», respondeu o almirante Alves Câmara, ministro da Marinha. São frases dos dois discursos que salientam o mútuo aprêço de longa data mantido entre a sociedade líder dos esportes turfistas nacionais e a gloriosa Marinha de Guerra Brasileira, e que foram trocados, ao «champagne», por ocasião do almoço efetuado no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea, no segundo domingo deste mês. Ao ágape estiveram presentes o titular da Marinha e grande número de almirantes, bem como vários diretores do Jockey Club Brasileiro. A festa foi concluída com um bem organizado programa de carreiras, cujos vi-

toriosos, proprietários e jôqueis, receberam, entre palavras de agradecimento e incitamento do ministro Alves Câmara, valiosos mimos. E assim que, ao dr. Francisco Eduardo de Paula Machado e ao jôquei Oswaldo Ullôa, couberam os conferidos ao G. P. Almirante Marquês de Tamandaré, Barroso e Visconde de Inhaúma; a Justo Perez e ao jôquei J. Baffica, o do páreo Almirante Saldanha da Gama; ao Stud Vice Rey e ao jôquei E. Castillo, o do páreo Mariz e Barros; ao Stud Chamma e ao jôquei M. Silva, o do páreo Jaceguay; ao sr. Augusto Maria Sisson e ao jôquei D. Moreira, o do páreo Greenhalg; e ao Stud Setaurita e ao jôquei M. Silva, o do páreo Márcilio Dias. Com a reunião de domingo, 10, na Gávea, o Jockey Club Brasileiro fechou, brilhantemente, o ciclo das homenagens às classes armadas do seu calendário de 1955, e em que haviam sido antes, também reverenciados, o Exército e a Aeronáutica.



A sra. dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, entre um grupo distinguido de senhoras presentes a festa em homenagem à Marinha. À direita: Flagrante da bela mesa do almoço oferecido pelo Jockey Club Brasileiro à Marinha.

A SEMANA EM REVISTA

A SEMANINHA

Os discursos do sr. Paulo Cunha e suas entrevistas com John Fostes Dulles tiveram grande repercussão na imprensa internacional. Tudo muito bonito, mas vamos ver se os portugueses, preocupados com Goa, deixam de mandar-nos o bom vinho e o azeite que tanta falta nos fazem. Ou haverá protesto brasileiro...

★

O médico Jorge Marsillac foi um dos integrantes da comissão do S. N. do Câncer, que se pronunciou contra o «Carboncellox» do engenheiro Sebastião Corain.

Esse tal «Carboncellox»
Parece curandeirismo:
Se deteção ou fly-tox
Não afeta o organismo,
Que diga ao Sebastião
— Aconselho a Marsillac —
Experimentar seu «carvão»
No câncer do... Cadillac!

★

E agora uma idéia para ajudar os trens da Central a transportar mais passageiros: tirar os assentos. Já estamos tão habituados a viajar em pé que ninguém daria pela falta deles.

Santos Alves

DE 7 EM 7

E o Ano Velho — que já foi Novo e Bom — termina do jeito que começou: com a exploração em cima do povo. Laranja a 30 cruzeiros a dúzia, ovos a 28, bacalhau a 60 o quilo, por aí adiante. Para o chefe de família, a Semana das Festas foi de amargar. A maior. ★ Já o produtor Watson Macedo não pensa assim. Fêz uma consoada gostosa, com os duzentos pacotes (merecidos) que lhe conferiu a Comissão Julgadora do 3º Festival Cinematográfico do Distrito Federal, pelo seu filme mais recente, «Sinfonia Carioca». ★ Mas o «Rio 40º» continuou de castigo. Só p'ra não voltar a fazer mais isso: um filme com inteligência e bom cinema, nacional. ★ Tristíssimo o Natal da família de um funcionário da Prefeitura, em Fortaleza, fulminado por um colapso, depois de permanecer duas horas na fila para receber seis meses de atraso e ao lhe dizerem que voltasse no dia seguinte. No dia seguinte não voltou: era sepultado. ★ E na mesma fila, já anteriormente outro funcionário municipal tentou o suicídio, seccionando a carótida, pela mesma razão. Onde se conclui que no Ceará tem disso No duro. ★ Em Portugal teve também: temporal devastador, com o Tejo pelas alturas, campos alagados e outras calamidades. Mas a maior, para os portugueses, foi a morte de Egas Moniz. Sábio, Prêmio Nobel e um grande sujeito. ★ A «estrêla» do Natal carioca foi Leslie Caron, duas vezes em cartaz: Com Michael Wilding em «O Sapatinho de Cristal» e com Fred Astaire em «Papai Pernilongo». Falando em pernilongos, papai aqui continua a sofrer dos ditos. Desde Oswaldo Cruz não há tanto mosquito nos bairros cariocas. Oh, manes do saudoso médico-higienista! Olhai por nós! ★ Ainda falando em mosquitos, no Oriente Médio é que eles andam por cordas, com as complicações na Jordânia, incidentes em Gaza (e em casa também), e toque de recolher em Belém. Não é o de Pará. No Egito, as celebrações de Natal foram canceladas. Como na grande batalha: não houve. ★ Houve, entretanto, amor entre os estudantes do Teatro Duse que o Pascoal mandou à Europa. O inverno europeu fêz aquecer os corações dos jovens e pelo menos dois casamentos estão em vias de fato. ★ Casamento? Papai falou em casamento? Nesse caso é melhor mudar de assunto, porque o Mascarenhas vem aí.



MENDES DE MORAIS

Por ocasião do aniversário do General Angelo Mendes de Moraes, os delegados fiscais da Prefeitura do Distrito Federal, e os amigos do citado militar, mandaram oficiar no altar-mor da Igreja da Candelária, uma missa em ação de graças, à qual estiveram presentes inúmeras pessoas de destaque nos setores da política e da administração pública brasileiras. A orquestra do Teatro Municipal, e seu câro, compareceram à solenidade, emprestando-lhe beleza. Na foto, tirada na sacristia, após terminada a Missa, o General recebe os cumprimentos de seus amigos.



TIROLESES NO RIO

Estiveram no Rio de Janeiro, tendo se apresentado inclusive no Teatro Municipal, em um espetáculo concorridíssimo, diversos músicos do Tirol, componentes de uma Banda de Caçadores muito afamada em toda a Áustria. No High-Life, um baile que reuniu quase toda a colônia austríaca residente no Rio de Janeiro foi o pretexto para apresentá-los. Pena que tenha sido muito curta a estada do pessoal de calças curtas e de chapéu com peninha entre nós. O flagrante acima foi tirado na ABL.

●
pess
mes
cuj
com
aper
circ
cruz
Na
está
man

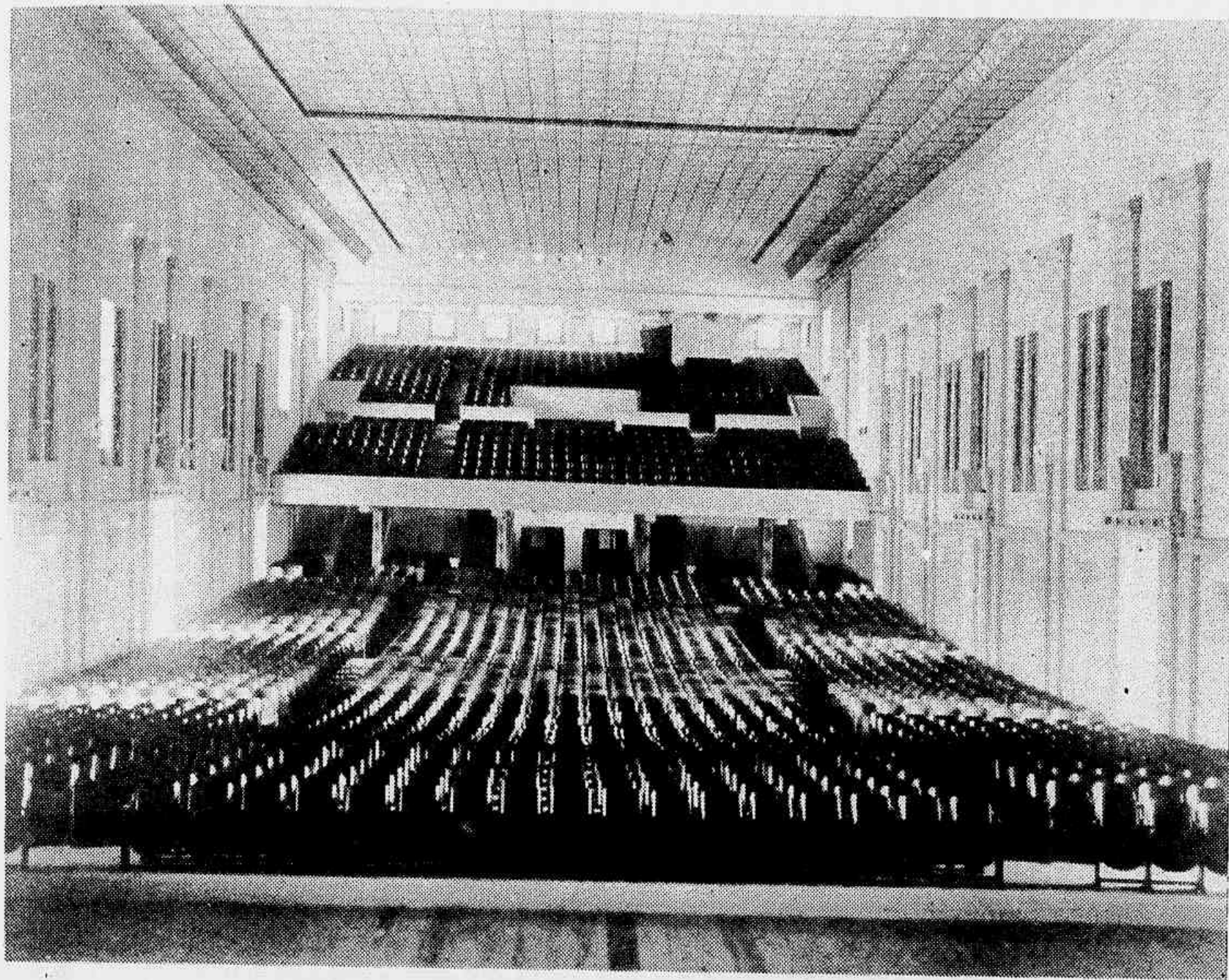
★ C
em t
ça F
sem
«Der
se fo

★ S
pelo
abat
pelo
autar
comp
Minc
mas
Enfin
êro
se «
veito
vaço

★ E
por l
Adem
golec
de V
Crist
o Flo
derro

★ O
barca
para

★ U
fundo
ralelo
atrav



CINEMA PARA 3.000 ESPECTADORES

● Este salão que o leitor está vendo, amplo e confortável, com capacidade para três mil pessoas, portanto um dos maiores do Brasil, não está situado no Rio nem em São Paulo. Nem mesmo em qualquer capital de Estado: existe na cidade do Rio Grande (Rio Grande do Sul), cuja população não vai além de oitenta mil almas e foi inaugurado no dia 3 de dezembro último, com CinemaScope, som estereofônico e uma tela maior que a de qualquer cinema do Rio. Perde, apenas, para o Cine República de São Paulo. Chama-se Cine Glória e foi construído pelo circuito exibidor F. Cupello & Cia., que investiu nessa obra aproximadamente oito milhões de cruzeiros.

Não ficaria bem em qualquer bairro ou mesmo na Cinelândia. Onde se conclui que o Rio está cada vez mais na bagagem com relação a cinemas, embora alguns tenham aparecido ultimamente. Poucos, para o desenvolvimento da metrópole.

NACIONAIS

★ O governador paulista, Jânio Quadros, botou em tremenda sinuca seu secretário de Segurança Pública, incumbindo-o de terminar, em uma semana, com o jogo do bicho em todo o Estado: «Dentro de sete dias, mandarei fazer apostas; se forem aceitas, a responsabilidade será sua».

★ Sabe o leitor o que é sal mocom? Pois saiba, pelo menos, que sal mocom não tem direito a abatimento de frete na Central do Brasil. Isso, pelo menos, foi o que determinou a direção da autarquia, em resposta à reclamação de uma companhia agro-pecuária de Montes Claros, em Minas. Essa, não sabendo o que é sal mocom, mas sentindo-se prejudicada, recorreu à Justiça. Enfim, tudo se aclarou: sal mocom é apenas um erro de dactilografia: Onde se lê «mocom», leia-se «comum»... O juiz que tratou do caso aproveitou a oportunidade para fazer várias observações mais ou menos engraçadas.

★ Enquanto o Vasco empatava com o América por 1 a 1 (o gol vascaíno conquistado quando Ademir se encontrava impedido), o Flamengo goleava o Fluminense por 6 a 1 (vários frangos de Veludo), e o Bonsucesso entrava bem do São Cristóvão, por 3 tentos a zero. Já no basquete, o Flamengo conquistou o pentacampeonato, ao derrotar o Sírio e Libanês por 58 a 52.

★ O Coronel Geraldo de Menezes Côrtes embarcou para Aracaju, onde irá assumir o posto para o qual foi recentemente designado.

★ Um grupo de motoristas cariocas pretende fundar uma organização de transporte sem paralelos no país. Uma torre central comandará, através das ruas do Rio, uma frota de 25 táxis

encaminhando-os aos lugares para onde se fizer necessária a sua presença. Cada táxi será dotado de um aparelho receptor-transmissor. Se o viajante for estrangeiro, poderá entender-se, em sua própria língua, com os controladores, entre os quais haverá intérpretes especialmente treinados.

★ Havia seis meses que um funcionário aposentado da Prefeitura de Fortaleza buscava em vão receber seus vencimentos atrasados. Há dez dias, a notícia saiu auspiciosa nos jornais: o pagamento dos inativos já estava marcado. O velho trabalhador postou-se em uma fila, no dia aprazado, e esperou pacientemente. Mais de uma hora depois, correu a notícia, logo confirmada, de que ainda não seria dessa vez o pagamento. Não agüentando a emoção, o funcionário tombou por terra, já sem vida: fôra fulminado por um ataque cardíaco.

★ Victor Brecheret, o grande escultor paulista autor do imenso «Monumento às Bandeiras», e um dos precursores da arte moderna no Brasil, faleceu aos sessenta e um anos de idade, deixando viúva e dois filhos.

★ Eleazar de Carvalho, após colhêr diversos triunfos à frente das orquestras belgas, apresentou-se há pouco no Theatre des Champs Elysées, em Paris, com enorme sucesso.

★ Aviões de observação descobriram, junto a uma ilha não muito afastada do litoral baiano, um estranho objeto negro, que foi por diversas vezes fotografado. Agora, as autoridades do Ministério da Marinha, após examinar as fotografias com cuidado, concluíram tratar-se, com quase toda a certeza, de um submarino alemão encalhado, por qualquer motivo, em um banco de areia. Presume-se que esse barco tenha sido um dos submarinos designados para interceptar os navios brasileiros, durante a última guerra.

INTERNACIONAIS

Pittigrilli explica porque é mais fácil decorar uma frase estúpida que uma inteligente: «A frase estúpida encontra, em nosso cérebro, os sulcos gravados pela estupidez hereditária».

Ao ser prêso, em Sydney, Austrália, por explorar a mulher, esclareceu o marido Collin Lindsay porque não trabalhava: «Tenho de ficar em casa cuidando do bebê». Enquanto outro anjinho, êsse nos Estados Unidos, interpelado pelos guardas sobre a razão por que descarregara toda a carga de sua carabina em um muro, declarou: «Eu me sentia muito só».

Um rico cidadão grego, falecido nos Estados Unidos recentemente, deixou suas valiosas notas de dólares para serem divididas entre as quatro moças mais bonitas e honestas de Leukas, pequenina ilha onde nascera. Agora, essa fortuna acaba de ser distribuída pelos pobres, porque não foi possível uma conclusão acerca de quem fossem as quatro mais belas e honestas de Leukas.

Em Odense, na Dinamarca, foi há pouco inaugurada uma Universidade para donas de casa. O curso completo é de três anos, e nêle poderá encontrar uma mulher tudo o que necessita para dirigir, com brilho e eficiência, um lar moderno.

Em Viena, foi extinto o cargo de vigia de incêndios da cidade. Foi em 1534 que pela primeira vez apareceu, pelas ruas da cidade, o vigia de incêndios. Seu posto de observação era o alto da torre da Catedral, de onde divisava praticamente toda a capital. Agora, após quatrocentos anos, o vigia de incêndios foi extinto. O que aliás motivou uma passeata de protesto.

Ricardo Fasanello, brasileiro, atualmente em Nova York, causou tremenda balbúrdia ao passear, em plena Quinta Avenida, com um filhote de onça. Enquanto as cobras atacam os transeuntes indefesos na Avenida Rio Branco, é bom saber que as onças se apoderaram da Quinta Avenida...

Clemente Atlee, líder socialista inglês, por trinta e três anos, acaba de retirar-se à vida privada, não sem antes ser agraciado, pela Rainha, com um título de Conde. Um conde socialista, francamente, não é de se encontrar todos os dias. Mas um socialista conde, é demais.

Na Espanha, um empregado que há oito anos vem desviando ações de importante firma em que trabalhava, acusado de 1.212 delitos diferentes por um promotor rigoroso, enquadrado em 215 dos 230 artigos do Código Penal Espanhol, foi condenado a 3.692 anos de cadeia. Exagerados, êsses espanhóis.

A FESTA DOS PUBLICITÁRIOS



Aspecto de uma das alas da mesa do banquete de 250 talheres no Copacabana Palace.



Genival Rabelo, presidente da ABP, discursando.



Herbert Moses cumprimenta Artur Mosse Martins



Milton Pedrosa e Ricardo Ramos trocam idéias.

APRESENTADO O NOVO PUBLICITÁRIO DO ANO

Noite de gala para a família publicitária brasileira foi a solenidade realizada no dia 4 de dezembro no Copacabana Palace, em comemoração ao Dia Pan-Americano da Propaganda. Como já se tornou praxe, foi consagrado, naquela oportunidade, o publicitário do Ano, sendo escolhido, desta vez, o Sr. João Agripino da Costa Dória, como representante máximo daquela atividade, no Brasil, no ano de 1955. Foram, também, entregues as medalhas de Jubileu de Publicidade, aos Srs. Arnaldo Ballvé, diretor das Emissoras Reunidas do Rio Grande do Sul, Armando D'Almeida, diretor da Inter-Americana Publicidade, Arthur Moss Martins, diretor da McCann-Erickson do Brasil e Herbert Moses, presidente da ABI. À solenidade, compareceram o Embaixador do Japão, Sr. Yoshiro Ando e esposa; Adidos Comerciais das Embaixadas dos Estados Unidos, França e Portugal; o Prefeito de Salvador, Sr. Hélio Machado; o General Lauro de Medeiros, Presidente da Comissão Técnica de Rádio; e vários elementos representativos de todas as empresas de publicidade do Brasil.



João Dória, Publicitário do Ano de 1955, improvisa seu discurso.

● O PAPEL DESBRAVADOR DA PROPAGANDA

Após o jantar, em que confraternizaram publicitários de todos os Estados, o presidente da Associação Brasileira de Propaganda, patrocinadora daquela solenidade, Sr. Genival Rabelo, falou ressaltando a importância daquela reunião, fazendo um retrospecto da publicidade em nosso país, com sua influência na formação de hábitos de consumo, na estruturação de uma melhor economia e na elevação dos padrões de vida de nossa gente. E, como resultado da propaganda em seu papel desbravador, já reconhecido por nossos homens públicos, foi possível o Plano de Turismo para a Bahia, cuja execução foi confiada à Doria Associados Propaganda, que levou a direção da ABP a decidir em favor do seu dirigente na escolha do Publicitário do Ano.



Silvio Behring, Publicitário do Ano de 1954, transmite ao senhor João Dória o título para 1955.

● UMA NOTA A PARTE

Todo o mundo publicitário do Rio esteve presente, destacando-se o elemento feminino que com suas toiletas elegantes deram uma nota à parte na grande festa dos publicitários.



Carlo Rizzini e Herbert Moses abraçam-se.



Da esquerda para a direita: Madame Artur Mosse Martins, Pedro Worms e Genival Rabelo.

— A SOLENIDADE NO COPACABANA PALACE

a

EXPERIMENTE!

CONCURSOS ★ CARTAZES

NATA"



Mais do que em Pieter Brueghel, porém, é em seu grande predecessor Jheronimus Bosch (1450-1516) que esse mundo invertido está presente. Em algumas de suas grandes telas — como na «Tentação de Santo Antônio» do Museu de Lisboa, vêem-se peixes que voam, cântaros que ao mesmo tempo são cavalos, aves que são navios, etc. etc. No «Jardim das Delícias» do Museu do Prado, ainda mais caracterizado está esse «mundo dos adynata»: e isso, mormente na asa direita do enorme tríptico, que representa um «Inferno». Nêle, músicos são supliciados pelos seus próprios instrumentos — como, por exemplo, o que, inteiramente desnudo, está crucificado a uma harpa —; como no verso de Téophile de Viau há pouco citado, «le feu brule dedans la glace», o fogo e o gelo aparecem juntos. Um homem pende atravessado de uma chave, enquanto um imenso coelho, tocando uma buzina de caça e carregando um agulhão utilizado pelos caçadores para irritar o animal acuado, conduz o cadáver putrefato de um homem. É o velho tema da caça que se vinga do caçador, «das Wild den Jäger fället», como disse Grimmelshausen. Um exame mais acurado da obra do pintor de s'Hertogenbosch certamente que nos revelaria um número ainda maior de adynata, representado de maneira inexcusável. Tal exame, contudo, foge aos limites do presente trabalho. Os exemplos citados, porém, já nos servem para testar até que ponto foi Jheronimus Bosch influenciado pela tradição literária medieval, fixando em suas obras alguns dos tópicos mais característicos da Idade Média latina.

TEATRO EM TV

● No rádio, há um grande público, principalmente feminino, fã de novelas. Na televisão as apresentações ganham em interesse, pois além de ouvir, os espectadores podem ver os artistas. Torna-se portanto um pouco mais difícil a tarefa dos diretores, que, além de boa voz, necessitam de protagonistas que interpretem com segurança os papéis que lhes são confiados. As nossas emissoras, procuram contratar os melhores elementos do rádio e teatro, para valorizar as suas representações. Dêsse modo, os espectadores têm tido oportunidade de assistir a grandes espetáculos, vividos por artistas de valor e aos quais naturalmente não poderiam conhecer, se necessitassem para isso de adquirir bilhetes para o teatro que, como sabemos, estão a preços elevadíssimos. A TV-Tupi deu mais um grande passo na sua programação, contralando para dirigir o teatro das segundas-feiras, a Adolfo Celi. Cada uma das apresentações, como "E' preciso viver", "Está lá fora um inspetor", etc, constitui um verdadeiro sucesso.

● O teatrinho em que trabalhavam Tônia Carrero e Paulo Autran, em peças ligeiras, foi substituído este mês por apresentações de contos de Natal, destacando-se Nicette Bruno nos principais papéis. A TV-Rio também encena regularmente peças teatrais, sendo que, em "TeveScope", aparece agora, Colé, que no entanto, não está sendo bem aproveitado. Cômico de grandes possibilidades e que onde chega agrada plenamente, Colé não tem conseguido distrair, como era de se esperar, aos tevendo.

Heloisa Helena, considerada com muito acerto a melhor tele-atriz de 1955, é um dos elementos mais destacados do elenco da TV-Tupi e, em diversos papéis, agrada sempre, embora por vezes, exagere um pouco as suas caracterizações.

As novelas, em ambas as emissoras, também são exibidas regularmente. Nem sempre as peças escolhidas são boas e as interpretações corretas, mas, de um modo geral, agradam aos fãs dêsse gênero de teatro. Falando sobre teatro, não poderíamos deixar de mencionar os espetáculos destinados às crianças; geralmente apresentações feitas com marionettes ou fantoches e que constituem o encanto da garotada.

Portanto, grandes e pequenos, têm no teatro um dos melhores divertimentos entre os vários que lhes proporciona a TV. É necessário pois que as representações não sejam descuidadas, mas sempre melhoradas, com a escolha de originais interessantes, interpretados de maneira correta, por bons artistas.

GRAU DEZ

...Para Lidia Matos que, em "Encontro entre amigos", leva sempre ante às câmaras pessoas de destaque dos mais diversos setores, com as quais mantém interessantíssimas palestras.

★

...Para Jardel Filho no principal papel masculino em "Está lá fora um inspetor". Durante todo o espetáculo manteve uma atitude discreta, vivendo o personagem de maneira muito correta.

...Para Leny Eversong que, nas suas audições, procura da melhor maneira possível atender aos pedidos dos espectadores, interpretando os números de sua predileção. De qualquer modo, Leny agrada a todos, mesmo quando não canta o número preferido por esse ou aquele fã.

★

...Para Elsa Miranda que continua a sua temporada na TV-Tupi, com agrado geral.



Nancy Montez, a rumbeira que participa com destaque de quase todos os "shows" da TV-Tupi.

A cantora interpreta de maneira muito pessoal, os mais diversos gêneros de canções.

★

...Para "Lar, Doce Lar", dirigido por Sílvia Aulic que tem sempre uma sugestão útil para as donas de casa, seja na cozinha, adornos pessoais ou decoração do lar. Para as mesas de Natal e Ano Bom, têm sido executados para as espectadoras, pratos artísticos e muito apetitosos.

VAMOS MELHORAR?



João Loredó, Ioná Magalhães, Maria Vitória e Ida Gomes, tomam parte em uma das peças encenadas na TV-Tupi.

Há qualquer coisa de errado com as exibições do "Repórter Esso", sem dúvida um dos mais completos e movimentados informativos da TV.

Gontijo Teodoro ultimamente não tem conseguido o agrado costumeiro para o programa que narra. As interrupções são constantes e, por vezes, ou o espectador assiste a uma cena em completo desacordo com o que o locutor narra no momento, ou tem que aguardar por vários minutos que apareça no vídeo a notícia anunciada.

Parece-nos que as apresentações estão sendo feitas quase que de improviso. Seria interessante procurar coordenar melhor as narrações de Gontijo com as filmagens exibidas. Vamos melhorar?

★

Continua faltando assunto para as apresentações do "Tele-Semana". Os temas escolhidos são desinteressantes e cada vez o programa perde mais a originalidade e bom gosto exibidos nas primeiras audições.

★

Pernambuco de Oliveira tem em "Modas e Decorações" um dos mais úteis programas femininos. O agrado dessas exibições junto às espectadoras, pode ser constatado pelo grande número de cartas que o cenógrafo e decorador recebe e que procura responder, solucionando os problemas que lhe são narrados.

Pernambuco, por vezes, quando sugere algum modelo de traje esporte ou rigor, o faz, colocando ante às câmaras figurinos, para que as interessadas notem os detalhes dos vestidos, enquanto ele os descreve. Quase sempre no entanto a projeção não é boa ficando prejudicada a sugestão do modelo. Seria melhor que Pernambuco desenhasse, como fazia anteriormente, em ponto grande, as idéias que oferece e que, dêsse modo, poderiam ser melhor aproveitadas.

NÃO é novidade alguma que certos assuntos têm o dom de fazer-nos evocar, imediatamente, nomes de determinadas pessoas, aos quais estão, de modo todo especial, ligados. Não é mais possível separar, digamos, o assunto «Fome», do DONO DE ASSUNTO «Josué de Castro». Um e outro estão de tal modo entrosados, que quase se sinonimizam. E quem, por exemplo, irá negar que Zizinho é o dono da bola? Poderá surgir outro jogador melhor, talvez (nós não acreditamos), ou pelo menos igual: Zizinho contudo, será sempre recordado como o senhor absoluto do couro. Ninguém, como êle, capaz de tais «dribles» espetaculares, dos «rushes» impressionantes, dos «penalties» desconcertantemente cobrados. Seu nome há de estar sempre unido a uma pelota. Existem donos de assunto — intocáveis, senhores de vida e de morte em sua especialidade, podendo dispor a bel prazer de seus senhoria-dos. Alguns dêles estão reunidos nessas páginas. Vejam os leitores se é, ou não, tal como lhes dissemos.



JOSUÉ DE CASTRO

FOME — Não é de hoje que Josué de Castro se preocupa com o problema alimentar da Humanidade. Dois livros de grande valor o atestam: «Geografia da Fome», e o recente «Geopolítica da Fome». Através de artigos, folhetos, palestras radiofônicas e pela televisão, panfletos e conferências, Josué de Castro, no Brasil e no estrangeiro, há muitos anos busca desvendar os segredos da Fome.

ÊLES SÃO OS



RACHEL DE QUEIROZ

GOVERNADOR — Um morador da ilha, a quem lôra perguntado o que havia de interessante para se ver no lugar, assim respondeu: «Já estêve na casa de Rachel?». Porque, em verdade, Rachel de Queiroz é uma espécie de anjo da guarda da Ilha do Governador. Quem pensa em Ilha, pensa em Rachel — é uma fatalidade. A cearense tanto se adaptou ao sítio, que imaginá-la em outro recanto é praticamente impossível, hoje.

DONOS DO ASSUNTO

Texto de ALVARENGA JÚNIOR



CARLOS MACHADO

NOITE — O dono da noite é Carlos Machado. Nenhum, como ele, consegue organizar «shows» com tanta eficiência. As mais belas produções, as mais lindas garôtas, os cenários mais impressionantes, são de Carlos Machado. O homenzinho sabe o que faz. Ainda agora, «Banzo-Aiê» vem prová-lo sobejamente. Por tudo isso é que, quem entre nós pronuncia o vocábulo «noite», está fazendo alusão a Carlos Machado também.



ZIZINHO

BOLA — É o Bangu que possui um Zizinho, ou Zizinho é quem carrega o Bangu nas costas? De qualquer jeito, há gente que não torce pelo Bangu, mas por Mestre Ziza. Está incorporado ao patrimônio nacional, como o Pão de Açúcar, o café, a praia de Copacabana ou os trajes de baiana. Seu nome atravessou as fronteiras do país, e hoje corre célere pelo mundo. Zizinho é de bola. A bola é de Zizinho, sem dúvida.



MÁRIO MASCARENHAS

ACORDEÃO — Em sua grande parte, a atual epidemia (benigna) de acordeonistas, de ambos os sexos e de todas as idades, que vem se alastrando pelo Rio de Janeiro, é devida a esse simpático professor. O acordeão deu-lhe tudo: dinheiro, posição, até uma esposa. Bem verdade que essa, acaba de eclipsar-se de maneira inacreditável. Enfim, esposas podem fugir; mas acordeões são fiéis e permanecem.



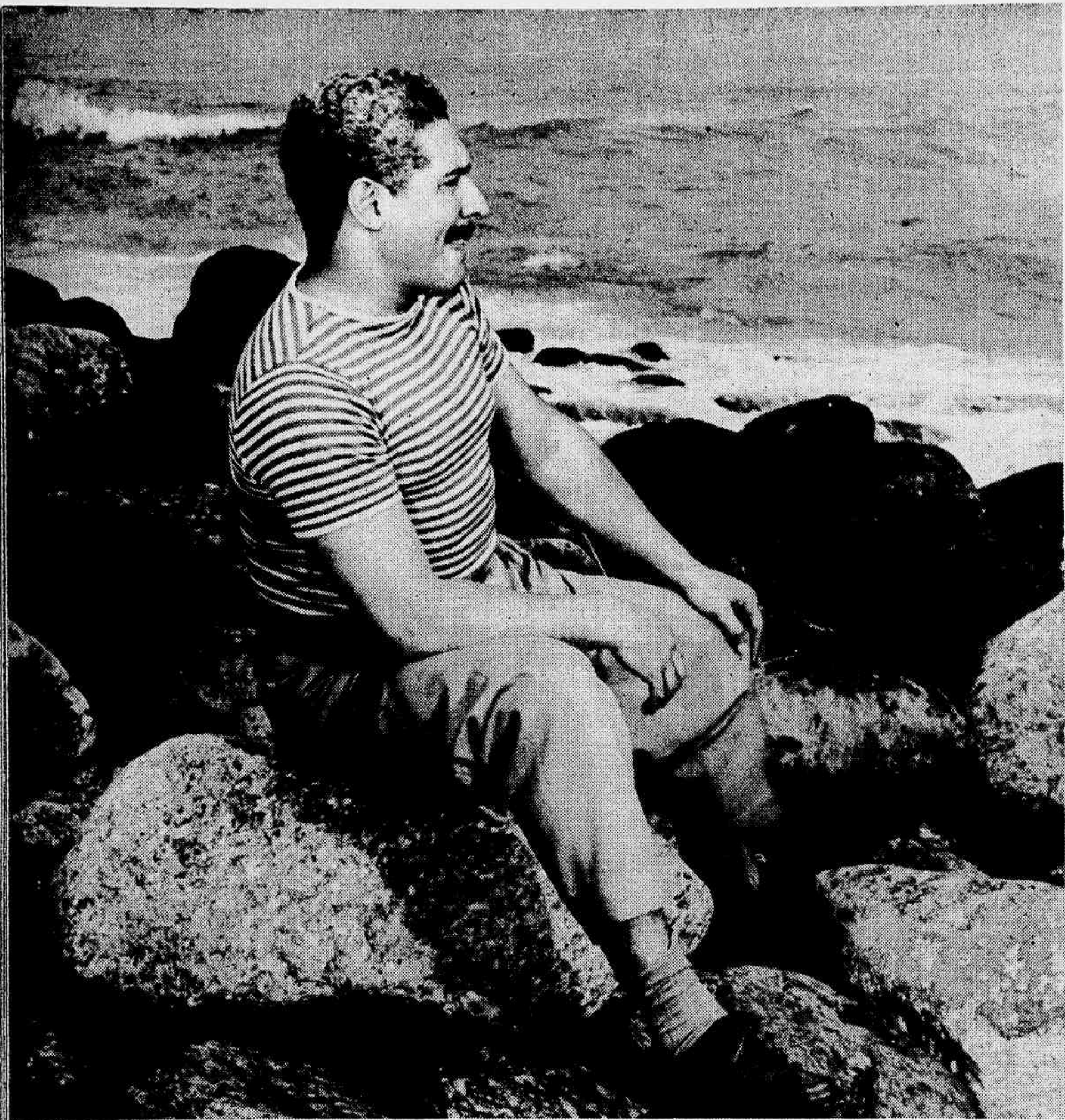
RAUL PILLA

PARLAMENTARISMO — Há quantos anos que o eminente deputado Raul Pilla vem se batendo pelo Parlamentarismo? Seu «Catecismo Parlamentarista» espalha-se, em sempre novas edições, por todo o país. Na Câmara, seus discursos se sucedem, buscando provar as vantagens do sistema parlamentarista sobre o presidencialista. Na hora da votação, porém, a emenda que criaria entre nós um Parlamento cai sistematicamente. Mas Raul Pilla não desanima e sempre recomeça tudo outra vez.

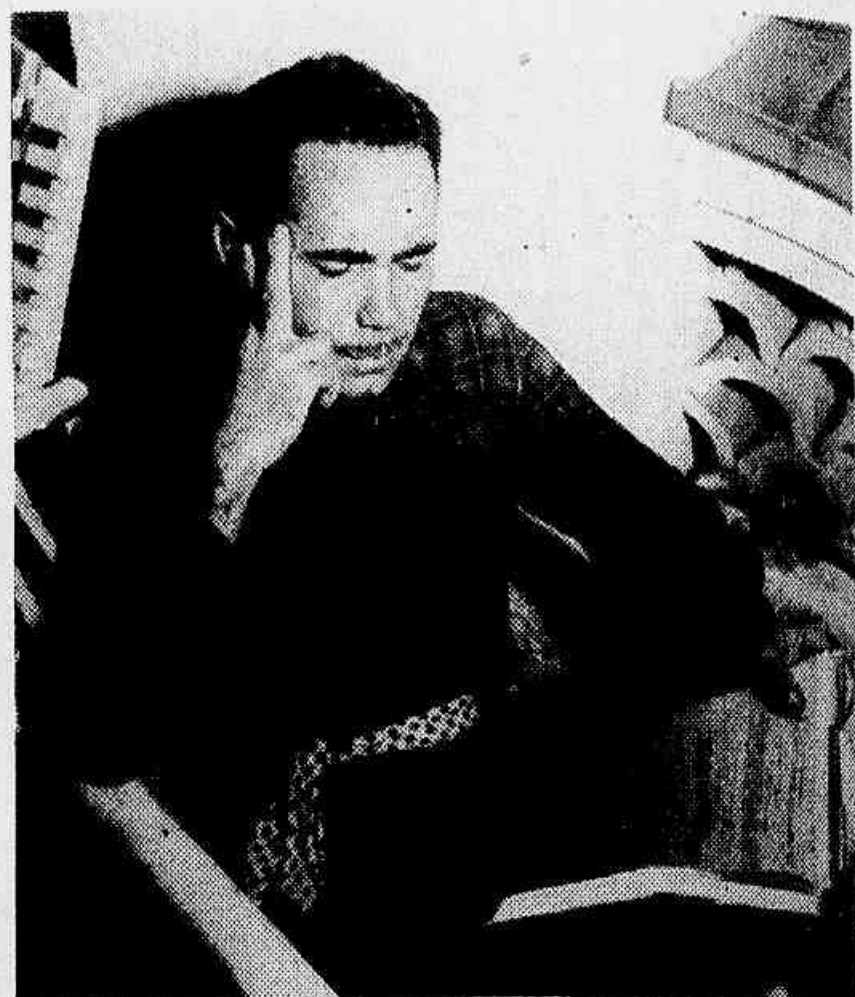


NELSON CARNEIRO

DIVÓRCIO — Lutando contra toda sorte de preconceitos, enfrentando a opinião poderosa da Igreja, o deputado Nelson Carneiro, de quatro anos para cá declarou guerra mortal à indissolubilidade do vínculo matrimonial. Até uma peça de teatro escreveu, para combatê-la. Mas o divórcio, como o parlamentarismo, ainda não viu sua hora chegada, no Brasil. De qualquer maneira, o dono do divórcio é Nelson Carneiro, fora de dúvida.



OS DONOS DO ASSUNTO



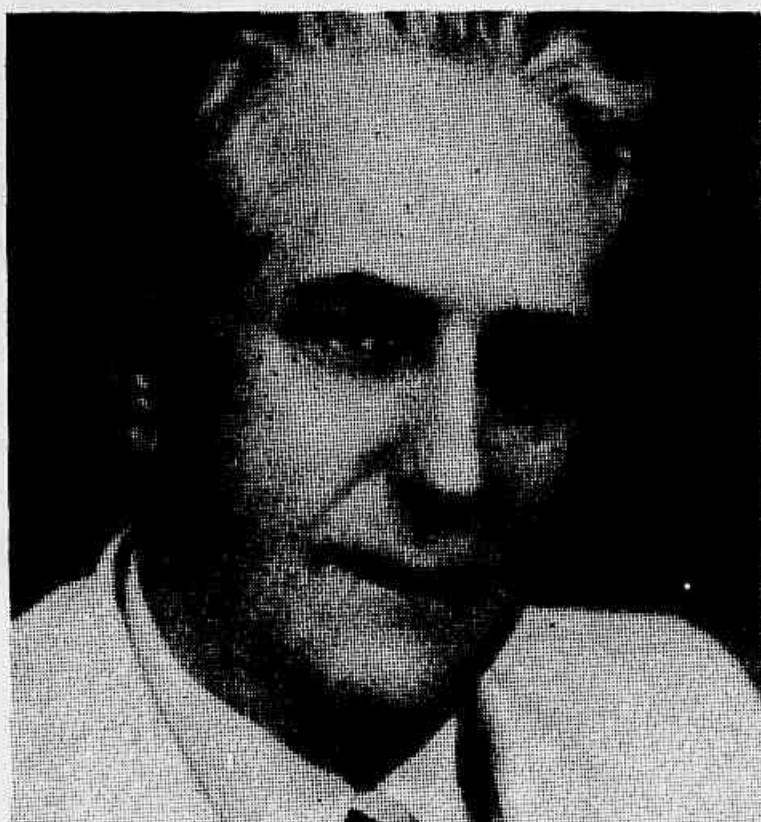
HUMBERTO TEIXEIRA

BAIÃO — O introdutor dessa dança nordestina no Rio de Janeiro talvez tenha sido outro; Humberto, porém, concorreu mais que qualquer um para sua divulgação. Até uma deputação foi possível, graças aos baiões do compositor. Como, pois, não atribuir-lhe o título de proprietário, por direito incontestável, do assunto? Humberto Teixeira e baião são uma só e única coisa, indivisível e indiscutível.



DORIVAL CAYMMI

MAR — Caymmi nasceu na Bahia, em frente ao mar. Veio para o Rio, e o mar o acompanhou. Aqui construiu sua vida boêmia, compôs suas canções, pintou suas telas — sempre com o mar ao lado. Ultimamente, foi para São Paulo, trocando a praia pela montanha, o sol pela garoa. Como porém esquecer o mar? O mar está em seu sangue, faz parte de sua vida, de sua morte. Pois Caymmi bem sabe: é doce morrer no mar.



OLEGÁRIO MARIANO

CIGARRAS — Um dos melhores livros de poemas do vate pernambucano chama-se «Últimas Cigarras»; também seu «ex-libris» ostenta o desenho de uma dessas cantadeiras do verão. Afinidades de temperamento entre o poeta e o inseto? Não cremos: pelo menos, Olegário, se levou a vida inteira a cantar, deu para economizar para o inverno muitas moedinhas de ouro. Um cartóriozinho não faz mal a ninguém...



ARACY DE ALMEIDA

CHUVA — Entre os povos primitivos, nas sociedades antigas e mesmo nas contemporâneas, os «manda-chuvas» gozavam de grande prestígio. Claro que é possível provocar, cientificamente, a queda da chuva. Janot Pacheco o sabe muito bem. Não dispõe ele de complicados aparelhos e de uma equipe de auxiliares para tal fim? Quem, no Brasil pronuncia a palavra «chuva», está dizendo, praticamente, Janot Pacheco.

JANOT PACHECO

SAMBA — Há quanto tempo que Aracy de Almeida é a personificação do samba? Não é de ontem, nem de anteontem, é de muitos anos, desde o tempo de Noel Rosa. A adolescente de então amadureceu, ficou mais velha, porém a voz continua a mesma. Ela é, dentre todas as demais cantoras, aquela que melhor interpreta o samba. O samba, se tem proprietário, esse proprietário só pode ser Aracy de Almeida.

"DE PEDRO A PEDRO"

FERNANDO LOBO

1 Sou um seguro admirador de Silveira Sampaio. Ele me tem entregue as melhores alegrias, desde que surgiu no teatro e causou essa brecha enorme no já constituído que, de certo modo, foi caindo em lugar mais esquecido. Por causa d'êles muitos que temiam os «leões» dos palcos, perderam o medo e se fizeram autores ou artistas. Sampaio surgiu dentro das noites com idéias novas, com textos bem talhados e, sua figura, sempre dando de graça bom humor que é bom remédio para o fígado. Lembro-me do seu «Americano em Recife» lá no alto do «Monte Carlo», do seu «Quem roubou meu samba» e «No país dos Cadillacs», já no palco do «Beguin». Este último, sem dúvida, foi um «show» de vitória completa, pois conseguiu uma permanência, em forma de «record». Agradava sempre, e enquanto rodava já o seu autor prepara êsse de «Pedro a Pedro» esperado como uma bomba. Fui ver a apresentação. Tenho certeza que a palavra cabe aqui em ausência, para o nosso bom Silveira é «inspiração». Por conta dela, os baixos têm sido justificados permanentemente. Faltou a tal palavra a Silveira Sampaio e seu espetáculo rola grosso, pesado, monótono e muito lusitano. As curiosidades que nêles poderíamos descobrir já estavam no «show» anterior. As mesmas mulatas, os mesmos mulatos cantando em forma de ópera, aquele mesmo Bambi dos teatros e de «shows» outros. A abertura encanta os olhos. Chega a caravela. E' o descobrimento e o texto é bordado por algumas piadas. Depois o espetáculo vai endurecendo cada vez mais. E' cantado em guarani, é falado em luso, é lamentado no leilão de escravos. A música de Guio de Moraes merece palmas e o guarda-roupa de Alceu — como sempre — é belo e bem vestido. Moças bonitas como Diana Morel, Hebe, Suzy, Ruth, Cláudia fazem o branco com Vera Regina, Maria Teresa e Nilza. Quadros autênticos como o «Bumba-meu-Boi» nos animam de quando em vez. Depois o final. O pano fecha. O público volta ao assunto e o assunto não é o espetáculo. Um ponto de história, transformado em «show». Eu confesso que sempre fui muito contra a história, pois nunca acreditei nela. Daí o perdão que Silveira deve me dar, caso essas palavras estejam tortas, sem nexos, sem pé nem cabeça.



FESTA — No solar das Batista naquele ano que «Vingança» era o samba de sucesso. Por estar presente no Rio o gaúcho Lupicino Rodrigues este grupo esteve reunido, para cantar samba, trocar conversas. Nêles Paulinho Soledade, Paulo Medeiros, Aracy de Almeida, Comandante Assis, Waldemar Bonbonate, Linda Batista, Nenen Batista e de cavanhaque e suspensório. Noite grande aquela. Mas já faz tempo!



O «SHOW» DE ONTEM — Era o «Americano em Recife». No elenco Grande Otelo e Teófilo de Vasconcelos. Uma idéia de Silveira Sampaio para o «Monte Carlo» que naquelas noites era de Machado. Hoje o mesmo Machado trabalha com elenco bem maior ali no «Night-And-Day» com o seu «Banzo Aiê».

ROTEIRINHO

Elza Miranda bem louvada pelos cronistas, quando no Copacabana... Depois de Elza que irá nos dar o Copa? — Evidentemente Caribé está fazendo falta no Copacabana. Do contrário músico não vestia rigor com meia branca. — Antônio Maria diz que eu sou cronista do «trio atacante». Aceito a graça como elogio, pois conheço vários cronistas da «defesa»... Fechado o «Casablanca» é um perigo se reabrir nas mãos de algum «cabeça de bagre»... Uma vez em S. Paulo é preciso ver e ouvir o conjunto de Esmeraldino, no «Chicote». Flávio Porto batizou assim aquele grupo: «Esmeraldino e seus Cordas Quentes»... Vai caminhando bem o «Meninão» mas a boemia gostosa é mesmo no «Michel's»... Também em São Paulo nasceu outra «boite»: «Tetéia»... Em Recife festa grande no solar Antiógenes Chaves. Casamento de sua filha. Aviões levaram amigos cariocas e paulistas para o acontecimento... Ludy Veloso e Armando Couto, o sucesso do Teatro Maria Della Costa com a peça de Millor Fernandes: «Do Tamanho de um Defunto».

POETA E SAMBA

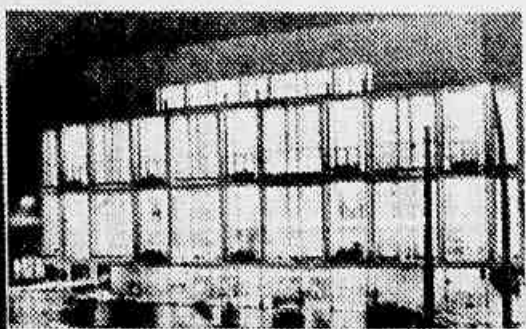
Paris vai ter Vinicius de Moraes outra vez. Ele que aqui veio escolher gente e coisas para o seu «Orfeu da Conceição» está voltando. Ficar alguns dias em Roma, verá o novo ano já em Paris e mal despoente fevereiro o poeta aqui estará para filmar os exteriores, nos dias de Carnaval. A música do filme é uma melodia muito suave e que ele compôs num dia de saudade em louvor a sua filha Suzana. Um dia desses porém, Vinicius cantou baixinho o seu último samba, um samba com esta letra:

Vire esta fôlha do livro
E se esqueça de mim
Finja que o amor acabou
E se esqueça de mim...
Você não compreendeu
Que o amor é um mal de raiz
E que ter medo de amar
Não faz ninguém feliz...
Agora vá sua vida
Como você quer,
Porém não se surpreenda.
Se outra mulher,
Nascer em mim



TRIO DE OURO, vai fazer o Carnaval paulista. Com êle uma grande e bem afinada Escola de Samba. Também no «show» da «boite» «AFRICANN».

Como do deserto uma flor
E compreender
Que o ciúme,
E' o perfume do amor!



POR ESSE MUNDO DE DEUS

OS CANTORES DE ÓPERA, indiscutivelmente, já não são os leões e pesadões divos do princípio do século. Vejam, por exemplo, esses dois, que tomaram parte na «Flauta Mágica» de Mozart, que reinaugurou a Ópera de Viena.

←

➡
ATRAVESSAR o canal da Mancha a nado já está se tornando lugar comum. A pé é que são elas. Compreendendo isso é que o jovem belga Jacobs Van Lent enfrentou, metido nesse trajo, às 48 horas de caminho que separam a França da Inglaterra.



EM COPENHAGUE, na Dinamarca, um automóvel vinha em desabalada carreira, quando teve de desviar-se de um obstáculo qualquer, indo de encontro à uma árvore. Tão forte foi o impacto, que a carroceria do carro, como se fosse um animal ferido, enroscou-se ao redor do tronco, tomando a estranha posição que a pequenina foto acima nos permite examinar.



WALTER CHIARI, ex-noivo de Lúcia Bosé, apaixonou-se perdidamente por Ava Gardner, ex-namorada do toureiro espanhol Dominguín. Não se conformando, Dominguín imediatamente passou a cortejar Lúcia, com quem se casou.



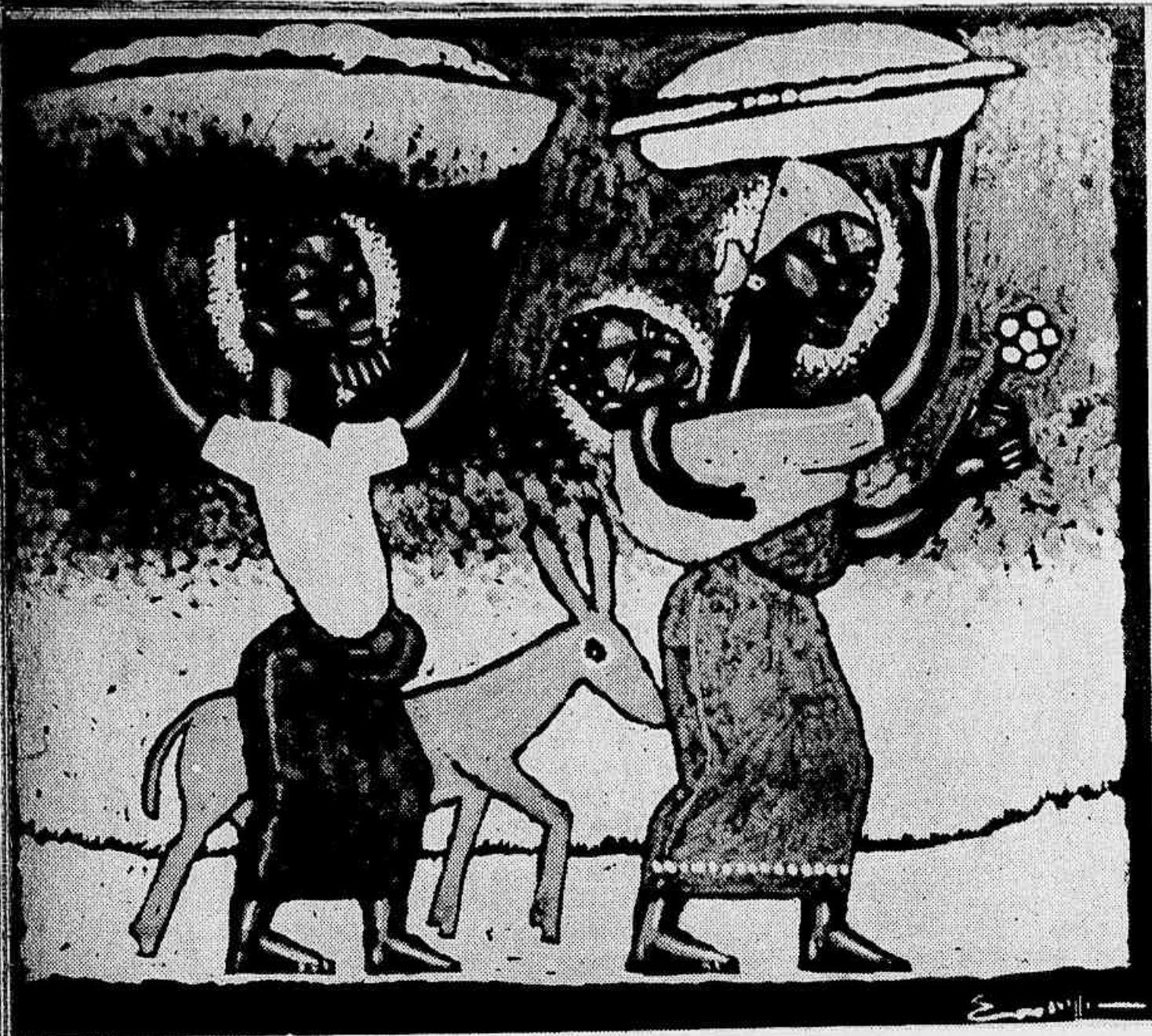
O MAIS HÁBIL adestrador de porcos do mundo é esse francês, Albert Hoppe, que para atingir suas finalidades emprega inclusive música. Não sabíamos que porcos podiam ser também ensinados, mas já não há dúvidas.

← ESSE CORPO pertence à estrelinha francesa Brigitte Bardot. A fotografia foi tirada por seu noivo, um jornalista francês, para o álbum de família, e pareceu-lhe tão boa, que o homenzinho não teve dúvidas em enviá-la para publicação.

→ DIANA DORS fêz anos. A sensacional atriz inglesa — espécie de réplica inglesa de Marilyn Monroe — comemorou o fato com uma festa íntima, de que foram convidados de honra o marido, Dennis Hamilton, e seu cão.

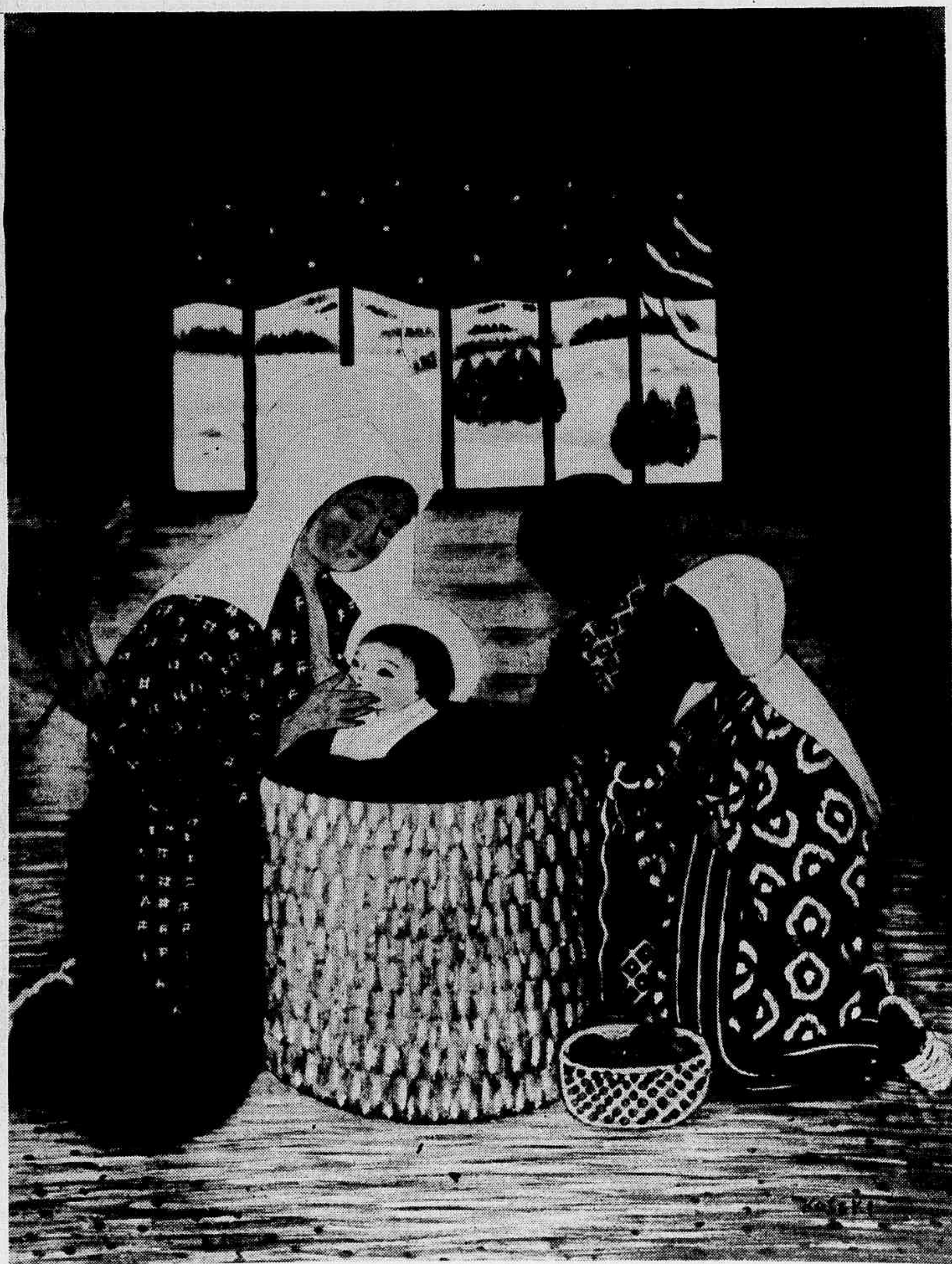
FILHA DE PEIXE... Esther Williams aqui está, na piscina de sua residência, ensinando Pamela, sua filha mais moça, a nadar. Esther já apareceu em cerca de 20 filmes. No próximo, pela primeira vez ela não nadará.





A «FUGA PARA O EGITO» foi interpretado pelo primitivo artista da África Equatorial Francesa. A Sagrada Família é composta de negros.

«TRÊS REIS MAGOS» diante da manjedoura, é um trabalho ingênuo realizado por uma criança. Os psicólogos estudam com cuidado esta arte.



HA CÉRCA de seis meses, no Rio de Janeiro, e patrocinado por uma revista de arte que nela se edita, encerrava-se um concurso que, devido à sua originalidade, logo atraiu a atenção geral. Tratava-se de escolher a representação mais convincente de um «Cristo de Côr», e do júri de seleção, composto de inúmeros críticos e historiadores de arte, fazia parte o bispo Helder Câmara, representante da igreja. Isso porém não impediu que algumas pessoas mal informadas taxassem de «sacrílega» e de «infeliz» a interessante idéia, afirmando que o simples fato de imaginar-se um Cristo diferente de sua versão original, já era uma incongruência, quando não uma provocação. Ora, a **versão original** da figura de Jesus ainda não foi estabelecida. Os historiadores cristãos divergem entre si, e enquanto atribuem ao filho de Maria cabelos louros e olhos azuis, outros apontam-lhe traços mestiços, e pele escura. Vê-se destarte que, por êsse argumento, não poderia ser condenado um concurso como o «Cristo de Côr». O mais interessante é que, em tôdas as épocas, e nos mais diversos quadrantes da terra, os artistas representaram a Jesus e à sua Mãe com as características raciais que eram as suas próprias, indiferentes a uma possível inverdade histórica. Assim as diversas representações da Virgem Maria e de Jesus Cristo, entre os primitivos flamengos, entre Van Eyck e o Mestre le Flemale, Van der Weyden e Hans Memling, por exemplo, estão baseadas nos característicos físicos dos flamengos; Fra Filippo Lippi, italiano, representou, certa vez, os traços de sua mulher e de seu filho em uma «Madona com o Menino»; na Escola de Cuzco, a Virgem e o Menino possuem traços nitidamente incaicos. Não é, pois, de admirar que os demais povos do mundo façam o mesmo, emprestando aos vários figurantes da doce história de Natal seus próprios rostos e tipos biológicos, tal como temos o ensejo de averiguar pelas fotografias que ilustram as presentes páginas.

★

«CRISTO NA MANJEDOURA», concebida pela artista japonesa Koseki. Os traços nipônicos dos figurantes são uma peculiaridade a destacar.



«MADONA E O MENINO» é um baixo relêvo do cubano José Quintero. A concepção ingênua e a composição simples dão vulto a bela obra.

O NATAL INSPIRA A ARTE ▶



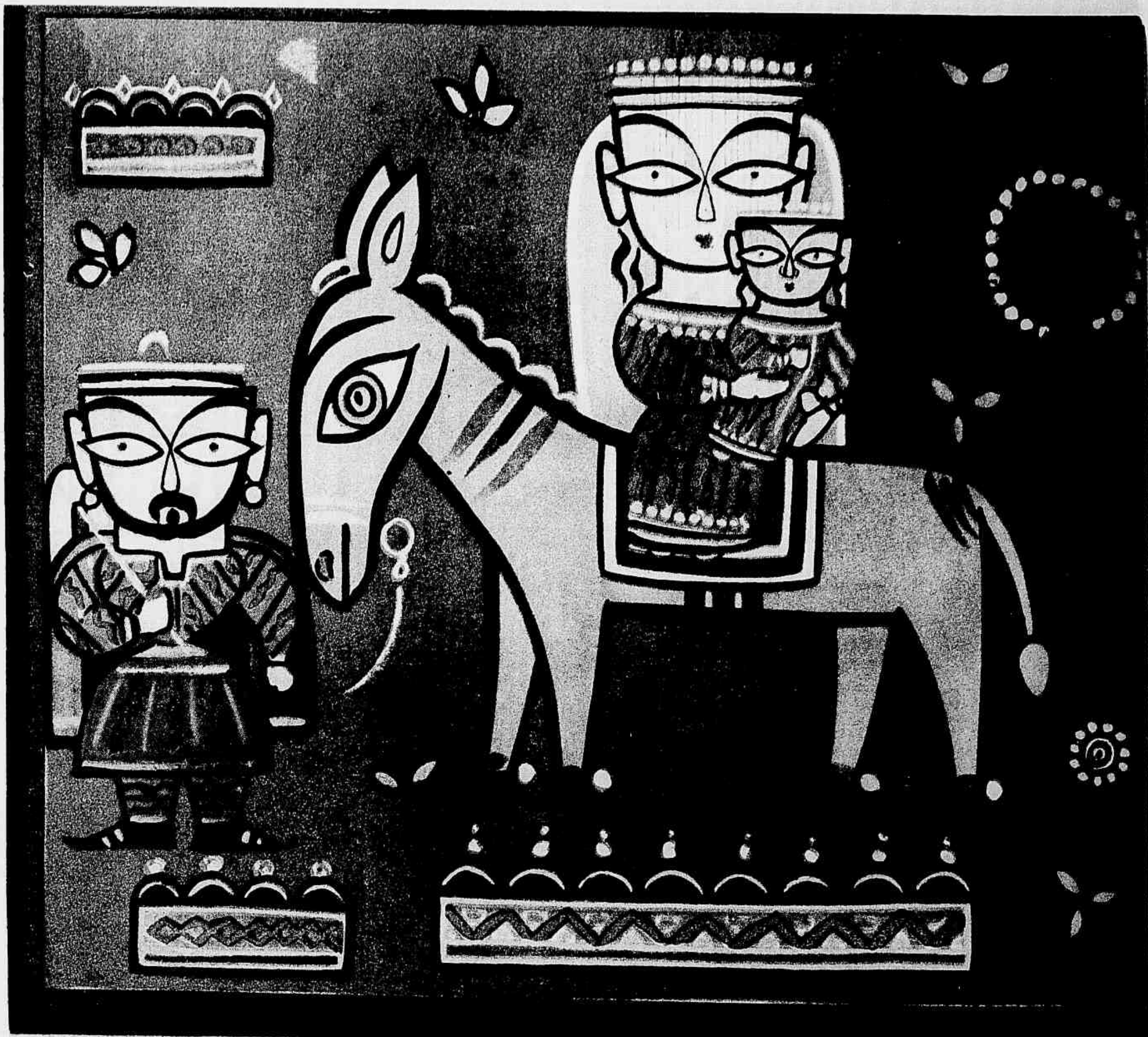
聖瑪利亞及耶穌
南無阿彌陀佛

A SUAVE história do Menino Jesus, que nasceu num estábulo e que teve por berço — ele, que era o Rei dos Reis — uma palha estendida sobre uma manjedoura, narrada pelos Apóstolos, e pelos escritos sagrados, correu mundo e foi aliar a pequenina Judéia à poderosa Roma — logo passando às mãos dos vândalos, aos povos normandos e aos anglos indômitos, aos treus e magiares — espalhou-se a narrativa, e os artistas de todas as épocas e cândidos, apressaram-se em fixar em telas ou em mármore o acontecimento. Com o passar dos tempos, a nova lei chegou às novas regiões — a América, a África, a Índia e o Japão — levada pela palavra iluminada dos missionários. O Nascimento dos Reis Magos, e todos os demais episódios da vida de Jesus, foram transplantados para terras longínquas, particularidades não compreendendo a determinadas características étnicas ou psicológicas, tendo o artista representante. Surgiram, destarte, Nossa Senhora um Jesus Cristo negro, observados ambos por um negro São José. Se se passava no Japão — um Menino Deus de olhos amarelados e uma rochinchuda para uma Nossa Senhora que poderia ter sido de Osaka. Que importa, porém, que a cor da epiderme varie, se a poesia do Natal é conservada? Que interessa o pigmento, se mantém-se, vivo e íntegro, através dessas pinturas, influências de todos os continentes do mundo, e que apresentamos aqui.

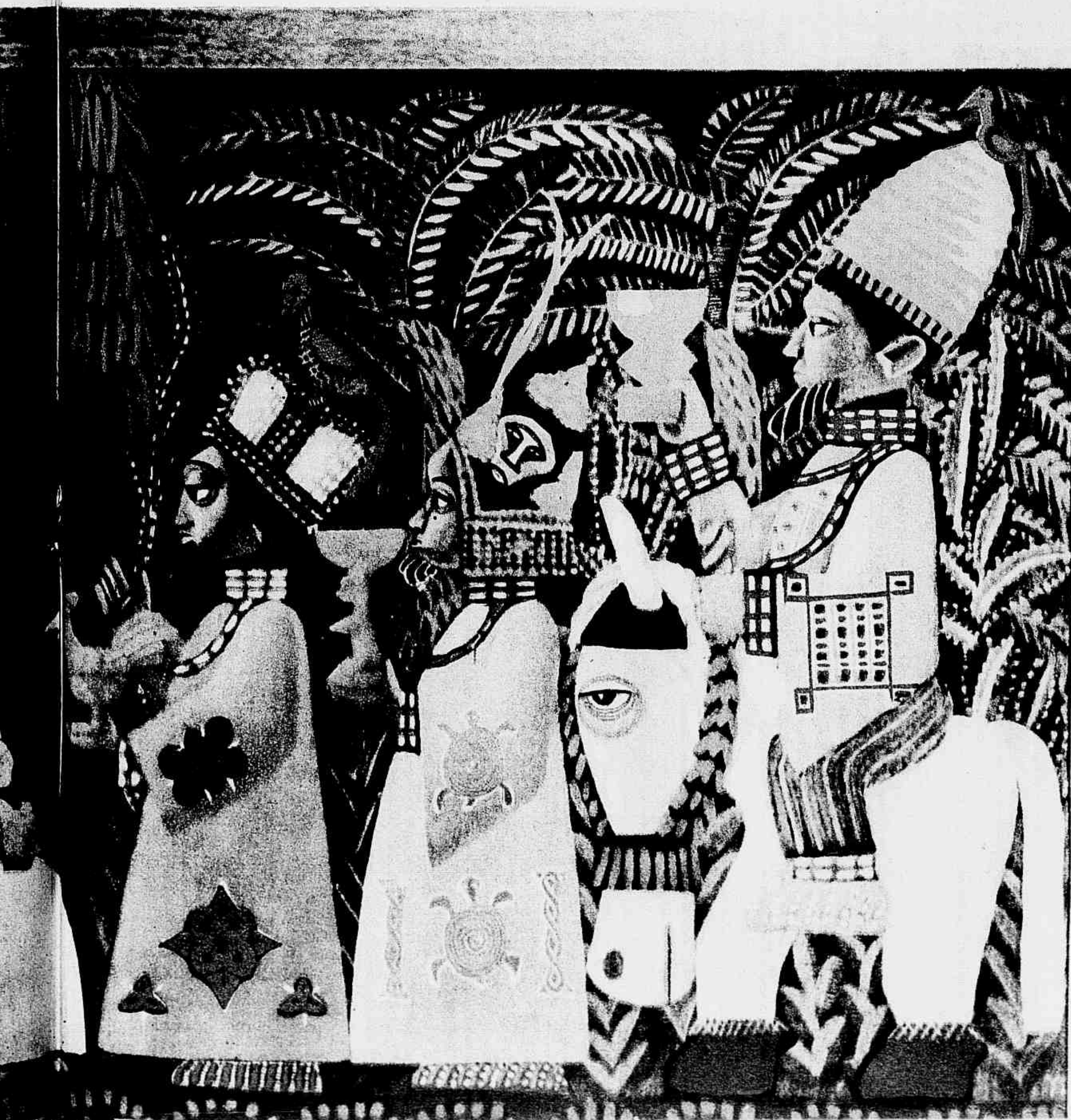


O NATAL INSPIRA A ARTE

u num estábulo entre um boi e um asno,
dos Reis — um simples punhado de pa-
a pelos Apóstolos, pelos primitivos cris-
e foi atingir as terras mais distantes. Da
assando às bárbaras tribos germânicas e
indômita, aos bizantinos e polacos, eri-
os artistas dessas terras, ainda ingênuos
ou em armore ou madeira o auspicioso
nova fé veio atingir outras e mais estra-
e o Japão, a China e a Oceania distantes
ários. O Nascimento de Cristo, a Adora-
dios da vida de Jesus, adquiriram, assim
laridades as mais variadas, cada uma se-
ticas ou psicológicas do povo a que per-
arte. Nossas Senhoras negras, conduzindo
um negro São José; ou então — se a cena
olhos amendoados que estendia a mãozi-
que poderia ter nascido em Tokio ou em
siderme virie, ou a forma dos olhos, se a
o pigmento, se o simbolismo da religião
turas, inênuas e deliciosas, que provêm
sentamos a apreciação de nossos leitores?



A ARTE HINDU aqui aparece re-
presentada por essa «Fuga para o
Egito» do artista contemporâneo
Jean Mini Roy. A típica maneira in-
diana de representar os olhos —
grandes e arredondados — está
presente revelando fino trabalho.



INFINITAMENTE DELICADO é esse
trabalho chinês (no canto esquer-
do da página): a «Madona e o Me-
nino», pintado em papel por um
desconhecido artista. Note-se a
atenção que a criança está pres-
tando ao besouro sôbre a fôlha, e
os traços deliciosos de Virgem.

DA NIGÉRIA é essa pintura ma-
ravilhosa, igualmente designada
«Adoração dos Reis Magos». Exis-
te, nela, qualquer coisa do estati-
cismo egípcio, aliada a uma cer-
ta pompa oriental, notável sobre-
tudo nos trajes dos reis Magos.



O MACHADO DE PRATA

Por ARTHUR CONAN DOYLE

Ilustração de RAMÓN



NÃO, não! gritou, lamentosamente, o jovem estudante. Deus é testemunha de minha inocência!

— Pelo menos, você é culpado de haver atentado contra a vida de Strauss.

— Meu mais caro amigo no mundo! gemeu o rapaz. Oh! como pude fazer isso? Como pude fazer isso?

— A circunstância de Strauss ser seu amigo apenas contribui para tornar o crime ainda mais odioso, redarguiu sêcamente o inspetor. Que seja, pois, imediatamente conduzido a... Mas esperem! O que se passa?

A porta se abriu, e deixara entrar um homem tão envelhecido, tão acabrunhado, que mais se parecia com um fantasma que com um ser humano. Cambaleava a cada passo, e amparava-se a cada móvel, enquanto se encaminhava na direção do inspetor. Era difícil, verdadeiramente, reconhecer nesse miserável trapo humano o sub-diretor do Museu, o professor de Química Wilhelm Schlessinger, outrora tão alegre e jovial. Todavia, o olhar experimentado do inspetor Baumgarten não se deixou iludir por essa metamorfose.

— Bom dia, senhor professor — disse êle. Despertou cedo, hoje. Naturalmente, foi por causa do atentado de que foi vítima um de seus alunos, Strauss, por parte de outro, Otto von Schlegel, não?

— Não, não! Vim por minha própria causa, respondeu Schlessinger em voz rouca, levando a mão à garganta. Vim aliviar minha alma de um crime que lhe pesa trágicamente, embora — Deus o sabe — eu nada tenho premeditado. Fui eu quem... mas, meu Deus! O que é isso? aquela coisa terrível, ali... Oh! porque fui encontrá-la em minha vida?

Recuou, no paroxismo do terror, os olhos cravados sobre o machado, que jazia por terra, apontando-o com os dedos:

— Ei-lo, ei-lo! Vejam-no! Veio para me condenar! Vêem essas manchas escuras sobre sua afiada lâmina? Sabem o que é? E' o sangue de meu maior amigo, o professor von Hopstein! Vi-o tombar sobre a calçada, enquanto eu atravessava seu crânio com o machado! Meu Deus! Como me parece estar a ver tudo isso de novo!

— Sub-inspetor Winkel, disse Baumgarten, buscando conservar a dignidade de seu cargo, detenha êsse homem, acusado, por sua própria voz, de ter matado o professor Von Hopstein. Encaminho-lhe também Schlegel, aqui presente, acusado de tentativa de homicídio contra seu amigo Strauss. Conservará o senhor êsse machado (e soergueu-o, nesse interim, do solo) que, aparentemente, foi o instrumento de ambos os crimes.

Wilhelm Schlessinger apoiara-se contra a mesa, o rosto congestionado. Quando o inspetor terminou de falar, levantou a cabeça, e parecia super-excitado, quando falou:

— Que diz o senhor? Otto von Schlegel teria atacado Strauss? Os dois melhores amigos da Universidade! Eu, assassinei meu velho e caro Mestre? Só pode ser magia, asseguro-lhe! E' um encantamento, não é possível! Ah! eis a arma maldita! Maldita, três vêzes maldita seja ela!

O inspetor sorriu com superioridade.

— Acalme-se, por favor. O senhor está apenas agravando o caso, multiplicando suas lamentações e remorsos para o crime terrível que praticou. Magia, sortilégio, são palavras desconhecidas no vocabulário legal, como pode atestar meu amigo Winkel.

— O senhor acaba de dar razão ao senhor Schlessinger, acaba de provar a veracidade de suas palavras, respondeu Otto von Schlegel dando alguns passos para a frente, de vez que os policiais estupefatos o haviam deixado sóto. Eis o que o senhor fez: contradizendo a razão, a ciência e tudo aquilo que passa por ser normal, estamos diante de um poder mágico; é um fato indiscutível. Strauss, meu caro, bem sabes que, na posse de meu senso normal, eu seria incapaz de fazer mal a um fio de teu cabelo. E o senhor, inspetor Baumgarten, voluntariamente teria ameaçado a vida de seu amigo, o sub-inspetor Winkel?

— De modo algum, no mundo! confirmou o inspetor, enfiando o rosto entre as mãos.

— Pois não está então tudo esclarecido? Mas agora, Deus seja louvado, êste objeto maldito se partiu, e já não poderá causar nenhuma outra desgraça. Vejamos; o que é isso?

No exato meio do cabo jazia por terra um fino rôlo amarelecido de pergaminho. Um rápido olhar sobre o cabo do machado bastaria para demonstrar que êle tinha sido escavado. Pelas aparências, alguém devia ter colocado o pergaminho ali dentro, e após, fechara o cabo hermeticamente. Otto von Schlegel desenrolou o papel, cuja escritura antiquíssima era quase ilegível. Mas, pelo que pôde entender e decifrar, eis o texto que leu, em alemão medieval:

«Diese Wasse benütze Max von Erlichingen um Johanna Bodeck zu ermorden, deshalb, beschuldige ich, Johann Bodeck, mittelst der macht velche mir als mitglied des Concils des Rothen Kreuzes verlichen wurde, dieselbe mit dieser unthat. Mag sie anderen denselben schmerz verursachen den sie mir verursacht hat! Mag jede Hand die sie ergeift mit den Blut eines Freundes geröthet sein! Immer übel, niemals gut! Geröthel mit des Freundes Blut».

O que se podia traduzir como segue, mais ou menos:

«Essa arma serviu a Max Von Erlichingen para matar Joana Bodeck, razão pela qual eu, João Bodeck, a amaldiçoó, pelo poder que me foi dado como membro do Conselho da Rosacruz. Que ela possa causar a outrem a dor que me causou! Que cada mão que a empunhe seja manchada no sangue de um amigo! Sempre cruel, nunca compassiva, rubra eternamente com o sangue de um amigo!»

Quando Schlegel terminou a leitura do estranho documento, um silêncio mortal caiu sobre a peça e Strauss pousou afetuosamente a mão sobre seu braço.

— Essa prova era-me de todo inútil, meu amigo. No mesmo instante em que me agredias, já eu te perdoara, de todo o coração. E tenho a certeza de que, se estivesse aqui nosso velho professor, Wilhelm Schlessinger ouviria de seus lábios essas mesmas palavras.

— Senhores, interrompeu o inspetor, levantando-se e retomando sua atitude e sua voz oficiais, por mais estranho que seja o caso, deve ser interpretado à luz do Código Penal. Sub-inspetor Winkel, na qualidade de seu superior, ordeno-lhe que me prenda como culpado de uma tentativa de homicídio em sua pessoa. Ficarei prêso hoje à noite, juntamente com Otto Von Schlegel e com Wilhelm Schlessinger. Na próxima sessão do Tribunal, seremos todos julgados. Enquanto aguarda, tome conta, ciosamente, dessa peça de testemunho (designando o pergaminho).

O PROCESSO QUE SE SEGUIU FOI DOS MAIS ESTRANHOS JAMAIS DEBATIDOS EM TÔDA A HISTÓRIA...

— Não sei, não sei — retrucou o sub-inspetor com um sacudir de ombros. Há tantas coisas estranhas por êsse mundo afora, que...

— O que? gritou furioso o inspetor Baumgarten. Ousas contradizer-me? Tens coragem de arriscar tua opinião a respeito? Queres ser o defensor desses malditos assassinos? Imbecil, miserável, imbecil! Arrepende-te-ás disso!

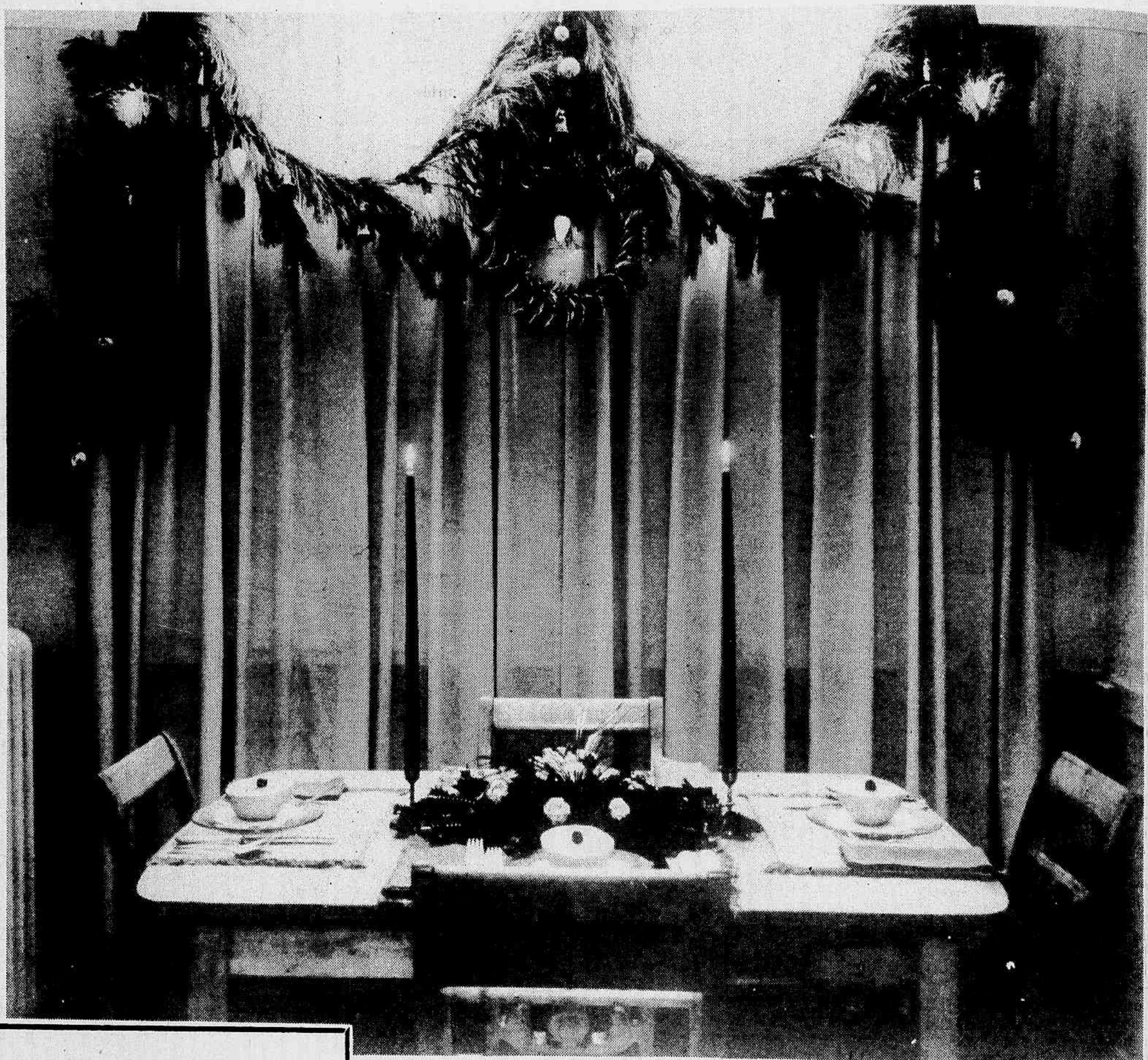
E, precipitando-se sobre Winkel, alucinado, tencionava dar-lhe uma machadada que certamente terminaria com a vida do outro, se, em sua cólera, não tivesse reparado na pouca altura do aposento. Ao erguer o arma, a lâmina penetrou profundamente numa das vigas do teto, e ali ficou, a vibrar, enquanto, com a violência do impacto, o cabo se espatifava em mil pedaços.

— O que foi que eu fiz? gemeu Baumgarten, voltando à calma, e tombando inerte sobre a cadeira. Que foi que eu fiz?

e empregue toda a sua energia em descobrir o assassino do judeu boêmio Schiffer.

O elo que faltava à essa estranha cadeia não tardou a ser logo descoberto. No dia 28 de dezembro, a mulher de Reinmaul, porteiro, ao entrar em seu quarto após um breve ausentar-se, encontrou seu marido enforcado em um laço erguido desde uma viga no teto. Havia amarrado o pescoço com uma fronha, e subira a uma cadeira para suicidar-se. Sobre a mesa, havia um breve bilhete, no qual êle se apontava como o matador de Schiffer, o judeu, acrescentando que a vítima era seu melhor amigo, e que havia matado sem qualquer premeditação, movido por um impulso irresistível. A dor e o remorso levavam-no (dizia) a destruir-se, e terminava essa confissão suplicando à misericórdia divina o repouso para a sua alma

(Cont. no próximo número)



"REVEILLON" EM FAMÍLIA

Com festões de ramos de pinheiros, sininhos, bolas brilhantes e um jôgo de luzinhas dispostas por entre as ramagens dos festões, você ornamentará sua sala para a ceia de ANO NOVO em família.

Como enfeite para a mesa um buquê central, com ramos de pinheiro e borlas, e duas velas vermelhas bem altas, que se acenderão para a ceia.

NÃO ABUSE...

O CORAÇÃO MASCULINO, sua susceptibilidade, seu amor próprio e sua paciência não são para se desprezarem. Se você dêles abusar decepcionará aquele que a ama com risco de perdê-lo. Portanto, tome cuidado, noiva ou namorada!... Muitas vezes os sentimentos evoluem, porém, não no sentido que se deseja!... Tudo aquilo que irrita ou fere seu namorado ou seu noivo, que ele não lhe diz por amor próprio ou para não magoá-la, tudo aquilo que ameaça esfriar os seus sentimentos e que sua melhor amiga não ousaria lhe dizer... está aqui exposto em poucos itens, no seu próprio interesse...

★ Não brinque com fogo. Todo homem detesta a mulher que "flirta". Provavelmente foi o que atraiu em você à primeira vista. Porém, ele acreditava piamente que aquela alegria e aqueles olhares de admiração exuberante eram provocados por ele "sòmente". Quando descobrir que você é assim diante de todos os homens que lhe agradem um pouquinho terá uma decepção amarga, e fundada... Do momento que existe amor entre duas pessoas não se justifica mais o "flirt".

★ Falta de pontualidade... um defeito bem brasileiro, porém intolerável! Aprenda a calcular bem o seu tempo! Não marque mais encontros em horas que lhe será impossível ser pontual! Acerte seu relógio pelo dêle para evitar atrasos involuntários.

★ Finalmente, temos o caso da jovem que, num restaurante, toma a iniciativa de pedir os pratos sem consultar seu acompanhante (compete a ele essa tarefa) e, além do mais, pede o que é mais caro, sabendo que o rapaz está numa fase de economia para poder se casar mais depressa! Este a considerará frívola, egoísta e desperdiçada! Algum dia se voltará para uma jovem mais modesta e menos exigente!

NOTINHAS ÚTEIS

FLORES NO DECOTE — Uma bonita flor natural no decote é um adorno juvenil e bem próprio para o verão. Para que as hastes não se curvem, porém, enfie-as num círculo de cartão com um furo no meio. É um processo do tempo da vovó...

ABAT-JOURS DE PLÁSTICO — Com abat-jours de plástico brilhante deve-se usar lâmpadas mais fracas que nos abat-jours de tecido ou pergaminho, pois o plástico faz com que a luz fique mais brilhante.

PARA MEDIR A MANTEIGA — Se deve medir menos de uma xícara de manteiga para o doce ou o bolo, use uma colher de sopa. Lembre-se que 16 colheres das de sopa enchem uma xícara e que 3 colheres das de chá enchem uma colher de sopa.

SUBSTÂNCIAS ÁCIDAS SÃO REMOVIDAS... com soluções alcalinas. Uma ótima solução alcalina é formada por uma colher das de sopa de amônia ou bicarbonato em um litro d'água.

PRATOS BONITOS RECORTADOS DE REVISTAS — Provavelmente você recorta sempre os pratos bonitos coloridos que vê nas revistas. Cole-os no seu próprio livro de receitas, nas margens, ou em folhas em branco que poderá acrescentar no fim.

OS COLARES tipo gargantilha, só devem ser usados por aquelas que possuem um pescoço de cisne, alongado e rosto comprido ou oval. Fica muito melhor para rostos redondos e pescoços curtos o tipo de colar que cai em curva longa. Combinam com os rostos pequenos **OS BRINCOS** largos e enfeitados. Os pinjentes foram criados para rostos redondos. Ficam bem nos rostos longos os brincos em formas de flores ou com pedras coloridas que tenham hastes ou pontas para cima.

OS BRACELETES largos e vistosos em ouro, com pedras ou sem elas, só podem ser usados com elegância pelas mulheres de pulsos bem torneados e não muito finos. Devem ser delicados e estreitos os braceletes para pulsos esguios. De um modo geral, os braços magros exi-



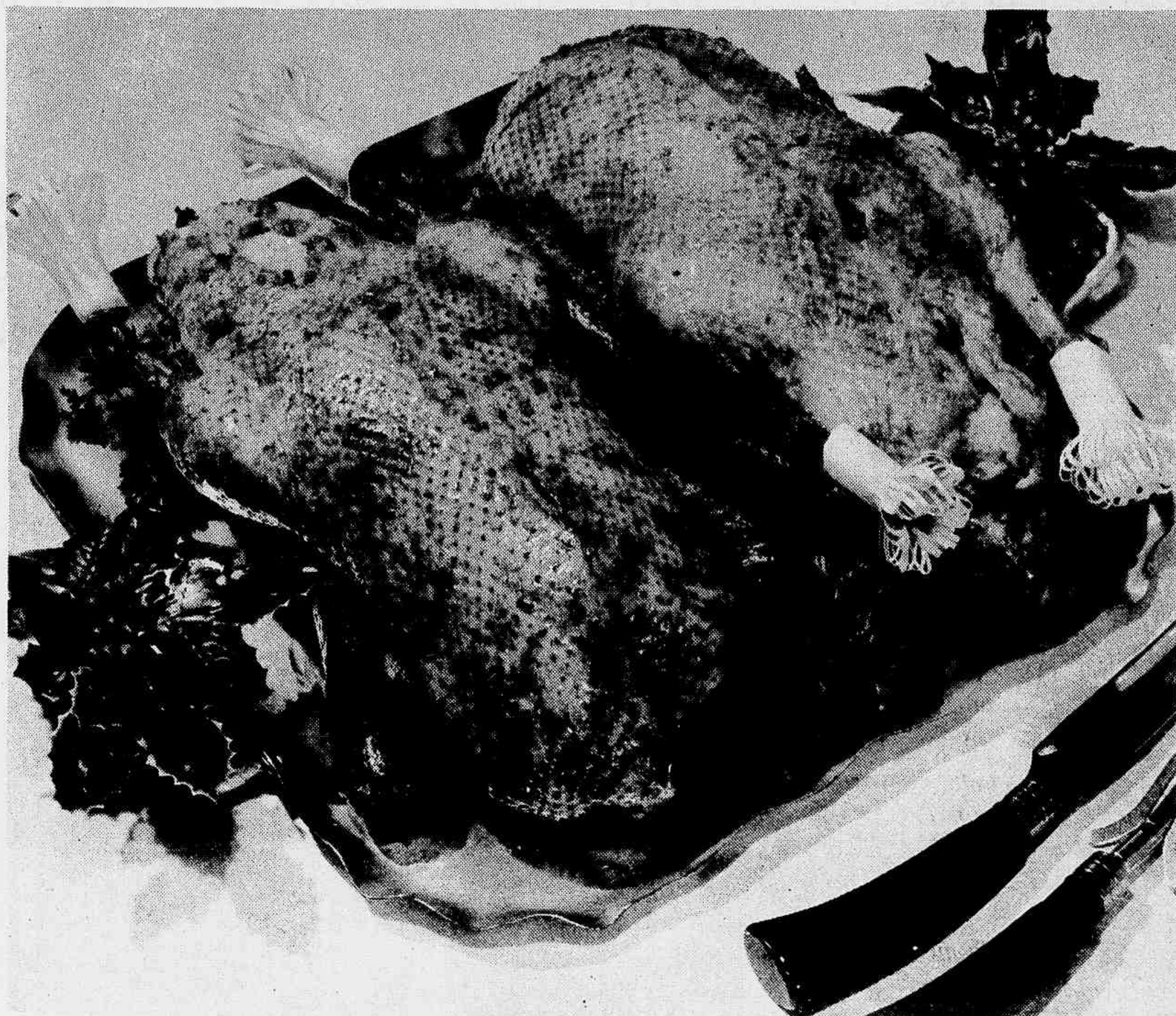
QUE JÓIAS DEVO USAR?

gem braceletes finos, assentando-lhes muito os conjuntos de aros de ouro, prata, ou coloridos.

SE SEUS ombros são estreitos use clips e broches pequenos, com desenhos muito delicados. Ombros largos pedem clips maiores e mais vistosos.

Anéis pesados ficam ótimos nos dedos longos ao passo que dedos curtos e grossos exigem anéis pequenos e graciosos. Use sempre uma tonalidade de esmalte de unhas que esteja de acordo com o metal e as pedras de seus anéis e pulseiras.

PARA A CEIA DE ANO NOVO



Peru ou pato recheado constituem iguaria indispensável para a ceia da passagem do ano. Se você quer preparar este ano uma destas aves de maneira deliciosamente diferente, recheie-a com **MAÇA E CEBOLA**, assim:

Asse 8 cebolas de tamanho médio, em forno moderado, cerca de 25 minutos (com a casca). Descasque e pique. Pique também o fígado da ave. Corte 3 maçãs em pedacinhos pequeninos e refogue-as em 4 colheres das de sopa de manteiga, até ficarem macias. Misture tudo isso com 6 copos de quadrinhos de miolo de pão. Tempere com sal e pimenta. Recheie a ave com essa mistura. **NOTA** — a quantidade de recheio foi calculada para uma ave de 5 quilos.

Depois de recheada a ave, deve ser assada numa assadeira funda, em forno moderado, calculando-se uma hora por quilo. Regue de 15 em 15 minutos com cerveja quente.

Uns viajam a **UBERABA**

outros a

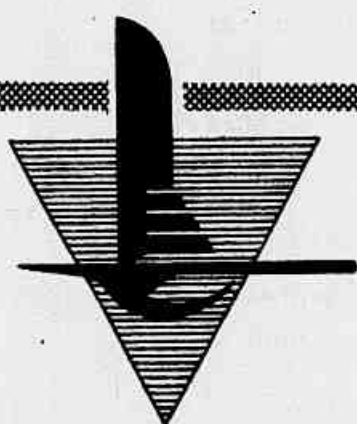
BELO HORIZONTE

mas todos
seguem
o mesmo
caminho:

**CIDADES SERVIDAS EM
MINAS GERAIS:**

Alfenas	Lambari
Aimorés	Lavras
Almenara	Machado
Araçuaí	M. Carmelo
Araguari	M. Claros
Araxá	Nanuque
B. Horizonte	Passos
Bocaiúva	Patos
Cambuquira	Patrocínio
Campanha	Pedra Azul
Caratinga	Pirapóla
Caxambú	Piumhi
Curvelo	P. de Caldas
Diamantina	Salinas
Formiga	São Lourenço
G. Valadares	Teófilo Otoni
Guaxupé	Três Corações
Ituiutaba	Uberaba
Januária	Uberlândia
Jequitinhonha	Varginha

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS



Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119 - Rio



Fundada em 1935

JOIAS E RELÓGIOS
ANEXO: DENTAL ROSARIO

ARTIGOS DENTARIOS EM GERAL
PREPARAÇÃO DE METAIS PRECIOSOS
PARA ARTE DENTARIA

Serviço de Reembolso Postal

JOALHERIA CARIOCA
SOARES, CIOCI & CIA. LTDA.
RUA DO ROSÁRIO, 147
TELS.: 52-9191 - 52-8893

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 - São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 - Caixa Postal 649 - São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

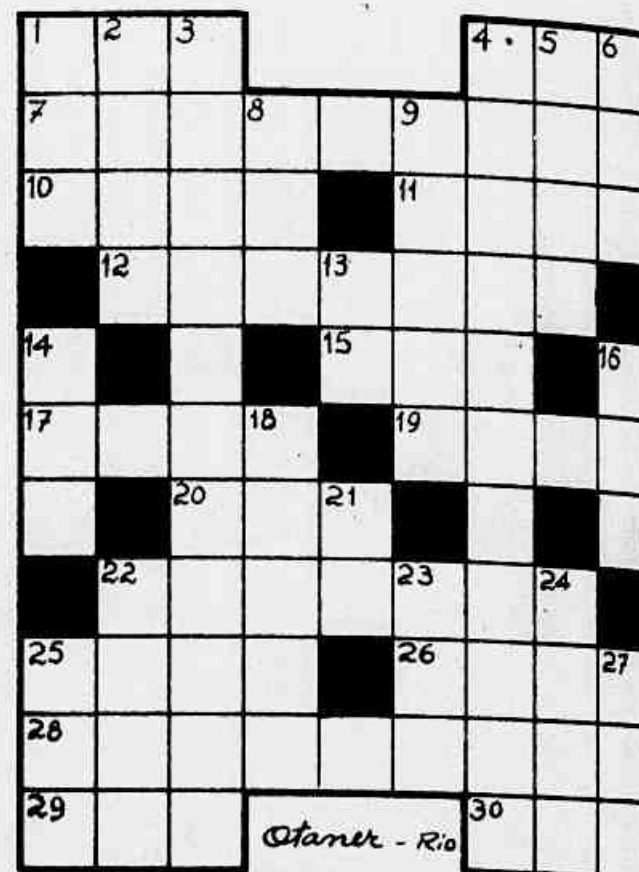
EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 - Lisboa

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 100

PARA VETERANOS

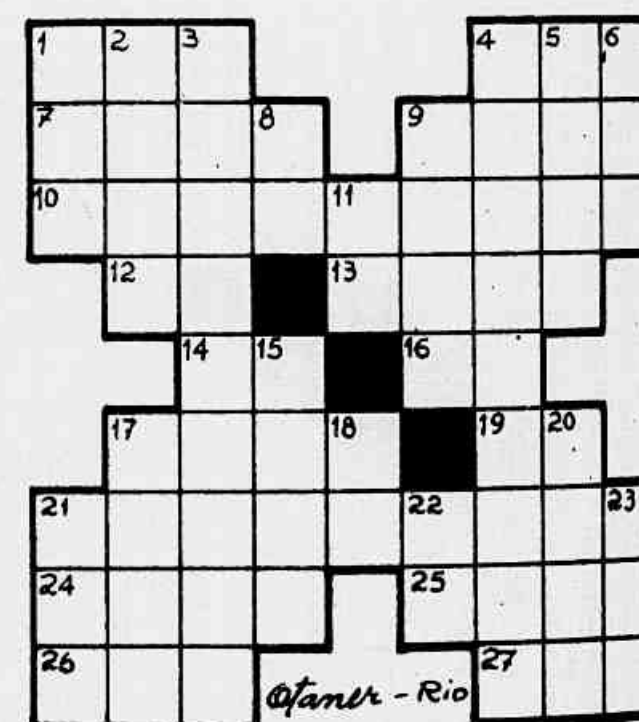
HORIZONTALS: — 1. Lisonja — 4. Interjeição que exprime admiração — 7. Prevenir para alguma coisa — 10. Espécie de peixe — 11. Ceva — 12. Que repercute — 15. Presidente de corporação administrativa, entre os mouros — 17. Reservatório — 19. Milésimo centésimo sexto — 20. Ato de mascar fumo — 22. Notável — 25. Impedir alguém que fale ou obre — 26. Pôrto abrigado por terras mais ou menos elevadas — 28. Cór brilhante (pl.) — 29. Cincho — 30. Época.



VERTICAIS: — 1. Que oferece obstáculos — 2. (Carlos Miguel), padre que fundou em Paris a escola de surdos-mudos — 3. Que tem cabeça branca — 4. Inclinação da cabeça para um dos ombros por efeito do reumatismo — 5. Trama — 6. Constelação austral, perto de Escorpião — 8. «Alto, elevado», o mesmo que Ram — 9. (Carlos de), general alemão, derrotado, na Grande Guerra na Champaña — 13. Prefixo que denota junção — 14. Cinzas — 16. Carlinga — 28. Doloroso — 21. Antes do meio-dia — 22. O que desempenha uma ação num acontecimento — 23. Nome de homem — 24. Perfume — 25. Pensão pecuniária dada na Índia em compensação de serviços públicos — 27. Azo.

PARA NOVATOS

HORIZONTALS: — 1. Casal — 4. Cloreto de sódio — 7. Rezem — 9. Macaco americano — 10. Fizera maior — 12. Igreja episcopal — 13. O mesmo que jobá — 14. Em a — 16. Abr. de senhor — 17. Transfera para outro dia — 19. Seguir — 21. Tornaram mais largo — 24. Desembarcadouro de estrada de ferro — 25. Verso — 26. Membro de ave — 27. Rio da Suíça.



VERTICAIS: — 1. Cabo náutico de extremos fixos — 2. Sapo das regiões da Amazonas (pl.) — 3. Pusera remendo — 4. Entreabria — 5. Negra, tenebrosa — 6. Apologia — 8. Voz dos ovelhas, cabritos e carneiros — 9. Ligas — 11. Símbolo de níquel — 15. Coisa vã — 17. Filos — 18. Símbolo da prata — 20. Rameda — 21. Oitava letra do nosso alfabeto — 22. Brisa — 23. Oceano.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 99

PARA VETERANOS

HORIZONTALS: pó — ir — albergado — ri — ler — em — gaipapa — Ob — al — acrotério — re — az — amenosa — ac — aca — ra — diarista — iá — má.

VERTICAIS: par — oligocracia — prepotência — idealizaram — rom — Eli — grã — abrem — paras — ear — oas — adi — asa.

PARA NOVATOS

HORIZONTALS: lá — cá — agradecer — cprar — rã — mari — ova — som — taci — só — árias — adormecia — Co — as.

VERTICAIS: la — agarotado — cerimônia — ar — A.C. — dom — eras — caros — avaro — Acir — iam — Sé — Ac — ás.

A FAMÍLIA NO PLANO DE ASSISTÊNCIA DO MONTEPIO

PENSÃO DE QUASE 50 % DOS VENCIMENTOS — PAGAMENTO DESSE BENEFÍCIO DENTRO DE TRINTA DIAS — CASA PRÓPRIA E FIANÇA PARA ALUGUEL DE CASA — AUXÍLIO FUNERAL E NATALIDADE — AMPLOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA — UM SEGURO DE VIDA EM CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS

OBJETIVO maior do Montepio dos Empregados Municipais é amparar a família dos funcionários da Prefeitura do Distrito Federal.

Criado no governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca, — tinha por fim conceder pensão aos servidores da municipalidade, benefício até então dado exclusivamente aos funcionários da União e aos militares.

Com o correr do tempo, o programa de benefícios do Montepio foi se desenvolvendo, chegando hoje em dia a figurar entre os mais amplos de todo o país, talvez mesmo de todo o continente.

Entretanto, embora crescessem incessantemente as vantagens oferecidas aos seus contribuintes, o Montepio se conserva na linha de seu objetivo primeiro — amparar a família do funcionário.

No curso de mais de sessenta anos de atividade, a pensão no MEM foi sendo melhorada paulatinamente, segundo a ascensão dos vencimentos e o encarecimento do custo da vida.

QUASE 50% DOS VENCIMENTOS

Contribuindo, compulsoriamente, com 5% ao mês, o servidor municipal deixa pensão equivalente, hoje, a quase 50% de seus vencimentos, isto é exatamente 47,90%.

Essa percentagem, assim elevada, não é comum nas demais instituições de previdência do país, o que coloca o Montepio em situação de real destaque no quadro da assistência social.

Mas não é só a alta percentagem da pensão que distingue o Montepio.

Outros benefícios, visando à proteção da família, são concedidos pelo Montepio. Ainda recentemente criou-se a

PENSÃO PROVISÓRIA

processo pelo qual a diretoria do Montepio procura evitar à família do contribuinte qualquer demora no recebimento da pensão.

O chefe de família previdente, fazendo sua «habilitação prévia», entrega ao Montepio a declaração de família, isto é a relação de seus herdeiros, juntando, ao mesmo tempo, os documentos comprobatórios. De posse dessa documentação, a entidade defere o pagamento daquele benefício trinta dias após o seu requerimento.

Com isso a esposa e filhos do mutuário deixam de sofrer as dificuldades naturais na oportunidade de sua falta. Entram desde logo no gozo da pensão.

Esse benefício é tanto mais importante quando se sabe que a maioria das esposas e filhos ignoram como e onde procurar as certidões necessárias à instrução do processo de pensão, o que retarda o início do pagamento.

Têm quase sempre que recorrer a amigos e colegas do chefe desaparecido, ficando ao sabor de sua boa vontade, quando não caem nas mãos de estranhos inescrupulosos que não se interessam pela sua sorte e ao contrário fazem parecer difícil tudo para valorizar seu trabalho e estorquir dinheiro à família necessitada.

Para poupar aos seus situações embaraçosas, basta ao funcionário promover em vida sua «habilitação prévia», que consiste na declaração dos herdeiros e juntada de documentos, tarefa fácil ao chefe de família e extremamente penosa para os que ficam.

Assim sendo, ao chefe de família previdente cabe promover, sem demora, sua

HABILITAÇÃO PRÉVIA

De posse dela, o Montepio satisfaz prontamente o pagamento da pensão, o que, fora de dúvida, interessa muito mais ao próprio contribuinte que à entidade.

Não sendo a «habilitação prévia» obrigatória por lei, ao Montepio não cabe forçar o mutuário à sua promoção. Cumpre-lhe apenas, e o faz na medida do possível, alertar quanto às vantagens dela decorrentes.

AUMENTOS SUCESSIVOS DA PENSÃO

Ainda como prova do zelo das direções do Montepio pela família do contribuinte, vale a pena referir os sucessivos aumentos que recentemente tiveram as pensões.

A partir de 1951, as pensões que já haviam sido majoradas por várias vezes em épocas diferentes, obtiveram outros aumentos muito expressivos.

Muitas delas, que não passavam de poucas dezenas de cruzeiros, foram majoradas em porcentagens que chegaram em alguns casos a 700! Passaram todas, de início, a Cr\$ 400,00; depois a Cr\$ 600,00; ainda mais tarde a Cr\$ 750,00, ascendendo, agora, com a recente incorporação do abono a Cr\$ 1.750,00.

Vê-se, desse modo, que houve substancial aumento desses benefícios num período de pouco mais de quatro anos.

CASA PRÓPRIA E FIANÇA

Ainda com o fito de proporcionar assistência à família do contribuinte o Montepio concede empréstimos imobiliários para a aquisição de casa própria ou apartamento, construção ou reforma de imóvel de propriedade do mutuário.

Por outro lado, quando o contribuinte não pode ou não quer comprar casa para residência, o Montepio lhe proporciona carta de fiança para aluguel de casa.

Além da pensão, a família participa, ainda, de muitos benefícios que o Montepio concede.

SEGURO DE VIDA EM CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS

Por exemplo, o pecúlio facultativo, é, sem dúvida, um seguro de vida em condições excepcionais.

Em troca de uma contribuição pequena, cobrada mensalmente, pode o funcionário municipal legar à família um seguro apreciável. Este, pelas suas peculiaridades, poderá ser pago de uma só vez, como legado, ou convertido em pensão especial, com o que virá a ser fortemente ampliada a pensão compulsória.

Ademais, quando a pessoa que institui o pecúlio não tem herdeiros forçados, pode, ainda, através do pecúlio facultativo legar pensão ou pecúlio simplesmente a qualquer pessoa que viva sob sua dependência econômica.

Exatamente por se tratar de um legado, cabe ao instituidor destiná-lo livremente. Parente ou estranho, maior ou menor, não importando o sexo ou a idade, pode beneficiar-se de um pecúlio.

Não sendo, porém, obrigatório, como o próprio nome define, o pecúlio precisa ser conhecido em todas as suas particularidades pelos servidores da municipalidade.

AUXÍLIO FUNERAL E NATALIDADE

Outros benefícios apreciáveis são o funeral, de Cr\$ 2.000,00 para auxiliar as despesas de sepultamento do contribuinte.

Também digno de nota é o auxílio natalidade, concedido para auxiliar o custeio das despesas com o nascimento de cada filho.

Preterindo outro qualquer processo, esses benefícios são pagos incontinenti, o funeral; dentro de 24 horas a natalidade.

AMPLOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA

Também aos funcionários e suas famílias concede o Montepio assistência médica, dentária e jurídica gratuitas.

Aos doentes de tuberculose e sua família o Montepio fornece antibióticos de toda a natureza gratuitamente até o padrão «H», e pelo preço de custo para os demais, além de internamento em casos de necessidade.

Proporciona exames de raios X e de laboratório, ambulatório de clínica médica e clínica médico infantil, com fornecimento gratuito de medicamentos.

No campo da assistência social, promove o estudo e solução de casos sociais e internamento de menores em educandários particulares.

Quanto à clínica dentária, à exceção de trabalhos de prótese, proporciona toda assistência ao contribuinte e família.

Por outro lado, assiste o contribuinte em todos os processos judiciais em que se veja envolvido, a menos que se trate de crime comum.

CASAMENTO DO CONTRIBUINTE E DOS FILHOS

O Montepio mantém uma carteira de empréstimos vários, com movimento verdadeiramente considerável.

Concede auxílio financeiro, através de desconto em folha. Empréstimos comuns, que não têm destinação específica; empréstimos de emergência, para férias, tratamento de saúde, tratamento dentário, funeral, calamidade pública.

Dentre os empréstimos referidos, vale a pena ressaltar o que se destina a casamento do contribuinte ou de seus filhos, dado em condições favoráveis, em vista da importância social de sua destinação.



A menção, em síntese rápida, dos benefícios do Montepio que interessam à família do contribuinte, dão bem a idéia do quanto essa instituição se preocupa no amparo à família de seus associados.

Contando em seus quadros com mais de 60.000 associados, e tomando-se por média razoável quatro pessoas por família, teremos que o Montepio alcança em seu plano de assistência mais de 250.000 pessoas, o que equivale a 10% da população do Distrito Federal.

Em mais de sessenta anos de existência, tem o Montepio ampliado grandemente o plano de seus benefícios. Sempre, porém, tendo em mira principalmente a situação da família dos associados.

A
SUL AMÉRICA
completa
60 anos
de existência



Busto do sr. Joaquin Sanchez Larragoiti.



REVISTA DA SEMANA — 36



O dr. Ricardo Jaffet e sra. em palestra com o marquês de Ségur.

O senhor e a senhora Ernesto Waller.



O sr. Antônio S. de Larragoiti Júnior e a sra. dr. Ipanema Moreira.



Sr. Joseph Arcelus, Antônio Marques e sra, embaixador dr. Eugênio Generoso de Marchena, da República Dominicana, sr. Guilherme Hohaga.



O sr. Antônio S. de Larragoiti Júnior quando fazia uso da palavra.

EM 1895, há 60 anos portanto, era fundada a «Sul América» Companhia Nacional de Seguros de Vida, obra de um pioneiro do seguro em nosso país, Don Joaquín Sanchez de Larragoiti. Com a valiosa ajuda de seu filho, Antônio Sanchez de Larragoiti, e do senhor Justus Wallerstein, a «Sul América» se desenvolveu rapidamente, e hoje, já sob a orientação duma diretoria na qual figuram vários descendentes do fundador, tornou-se a maior empresa do ramo na América Latina.

COMEMORANDO o acontecimento, a Diretoria da «Sul América» reuniu num coquetel as altas autoridades civis e militares e numerosos amigos. Nessa ocasião foi inaugurado nas novas instalações da Diretoria, pela senhora José de Ipanema Moreira, bisneta do fundador, o busto de Don Joaquín Sanchez de Larragoiti. Nossa foto fixa um aspecto da reunião no momento em que fazia uso da palavra o Vice-Presidente da «Sul América» Companhia Nacional de Seguros de Vida, senhor Antônio Sanchez de Larragoiti Jr., que salientou o significado da iniciativa privada num país livre como o nosso, e a importância social e econômica da «Sul América Vida», que em 60 anos se tornou uma das poucas empresas brasileiras com numerosas sucursais no estrangeiro: Espanha, Peru, Equador, Cuba e República Dominicana.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

31 de Dezembro de 1905

BACHARELANDOS DE 1905

Herbert G. Moses

Michelet compara com grande felicidade os dias á pontes, que uma vez atravessados abatem, desaparecem por completo no vasto abismo do tempo. Numa satisfação intensa, no meio de aplausos e abraços vemos hoje atravessar a grande ponte que nos levará ao futuro, incerto. A gravidade do porvir nos impressiona e com grande magua e pesar deixamos a quadra mais feliz da vida, de agradável convívio escolar. Olhamos todos para traz com os olhos cheios de lágrimas, uns lembrando dias amargos, outros chorando de pura satisfação e contentamento, mas todos vemos ao longe uma grande estrada lisa, larga,

de facil passagem, sem espinhos, sem obices, que nos levará rapidamente aos pináculos do poder, ao apice da gloria. Todos somos optimistas; os scepticos e os pessimistas deixam de lado as suas funebres ideias doutrinarias, abrem um pequeno parenthesis nas suas arraigadas crenças e vêem tudo por um prisma roseo. Chegaremos todos a alcançar a meta tão ardentemente desejada? Quantos desaparecerão no vasto, cruel e inclemente sorvedouro que a ninguém poupa, sem alcançar os grandes triumphos desejados? Não podemos responder, e si o podessemos, não divulgaríamos o resultado de nossas investigações, pois po-

deríamos com isso desanimar, talvez, a maioria dos neo-bachareis. Qual será o meio para triumphar? Não bastará o conhecimento dos textos juridicos, adquiridos na casa que hoje deixamos e administrados com tanto desvelo e carinho pelos sabios e amados mestres que pontificam nesse vasto templo do Direito e da Justiça. Será necessario que todos nós possuamos a consciencia nitida do direito, a nobreza de carater e sobretudo um acendrado e sincero amor pela profissão que vamos abraçar. Terminando, diremos como o poeta — caminharemos muito, lutaremos com todo o vigor de nossas forças, mas VENCEREMOS.

POR AQUI E POR ALLI

A SEMANA que findou foi para todos umas semana de festas e de alegria. O estribilho constante e por que não diremos também enfiadinho foi sempre o mesmo desde a mais humilde choupana até ao rico palacio: Muito boas festas. Pois bem: nós não podemos destoar do uso geral, e d'aqui destas columnas diremos sinceramente aos nossos leitores, que REVISTA DA SEMANA deseja a todos elles as melhores venturas e toda a sorte de felicidades.

Em epochas como esta em que a maioria absoluta da humanidade só aspira para si e para o proximo, fingida ou realmente, todas essas venturas e todas essas felicidades, passemos em silencio os tristes acontecimentos que enlutam por qualquer motivo povos e nações. A harmonia e a paz deveriam tão somente reinar como absolutas soberanas em todas as aggremações de homens se assim não acontece desejamos ao menos que assim seja para um futuro bem proximo.

Os nossos leitores pois devem deixar por momentos as preocupações da existencia e só pensar n'aquillo que elles mais desejam que se realize, para ver se assim os votos que todos fazem, uns para os outros, se podem tornar em realidade. Isto seria de facto a maior de todas as venturas, pois de Natal a Reis, todos os corações só aspiram que cada qual obter para si, seus amigos e seus parentes uma vida calma e feliz.

A REVISTA DA SEMANA, portanto, oferecendo este numero de Natal e de Anno Bom aos seus leitores, deseja-lhes que a vida lhes corra sempre placida e alegre, sem dissabores, nem privações, sem tristezas ou maguas.

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insufficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de applicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua da
Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.
NOME..... Nº.....
RUA..... Nº.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75.00

CRÔNICA

Recapitulando os fatos ocorridos durante doze meses, põe-se o homem a pensar no que será o futuro, ante o que se lhe afigura como sendo o seu presente, projetado no fundo de luz e sombra do que chamamos passado. Que é o passado? Di-lo sonoramente Raul Pompeia: «Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez, se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo — o funeral para sempre das horas.» Eis o que é o perpassar infinito do tempo, no parecer do famoso autor d'«O Ateneu» e das «Canções sem metro».

E é precisamente a esse transcorrer que vamos dar atenção por um momento, para logo em seguida nos entregarmos de novo à faina diária, que se fará acompanhar do imenso cortejo costumeiro de lutas, trabalhos, canseiras, incidentes, acidentes, alegrias, choques, surpresas, esperas e quantas modalidades porventura haja ainda mais, de vida e sofrimentos de conquistas e vitórias, de dissabores e derrotas... Balanceando os fatos de um ano, o homem chega, porém, a uma conclusão certa: a de que todos seguem inevitavelmente o seu destino, bom ou mau, certo e igual ou incerto e sinuoso, feliz ou desastrado, mas sempre e inapelavelmente o vemos como se obriga a que se decidam e se registrem os fatos decisivos de nossa vida. Inútil será nos iludirmos em pensar que somos as causas determinantes «necessárias e suficientes» dos eventos históricos, que obedecem quer individualmente considerando, quer coletivamente, a uma linha invisível e imponderável como que traçada dado poder escapar. As conjecturas que se fazem, os planos que se esboçam, os castelos que se constroem, são portanto, meras imagens ideais e aéreas, que corresponderão a uma realidade tangível se o Supremo Autor de todas as coisas, em seus imperscrutáveis desígnios, resolver deferir ao invés de denegar... Que os bons pensamentos e os votos bem orientados mantenham sempre, entretanto, a humanidade, dentro dos seus eternos sonhos, no castelo de marfim de sua grande ilusão.

BIBLIOTECA

«As amargas, não...», de Álvaro Moreyra, livro de reminiscências, lembranças, afirma definitivamente o renome do escritor de tantos livros e de tantos poemas e de tantas crônicas que edificam o espírito humano, com a sua filosofia mansa e ao mesmo tempo irônica, cheia de suavidade e ternura pela espécie humana. «Mesmo aos grandes desesperados, sempre resta alguma esperança»... E assim é a filosofia de Álvaro Moreyra.

«O Imperador e os artistas», de Guilherme Auler, é uma preciosa monografia histórica, cuja leitura recomendamos a todos os estudiosos, porque se trata de consciencioso estudo feito por um dos nossos mais eminentes pesquisadores. Nada menos de três trabalhos recebemos ultimamente do ilustre historiógrafo que de Petrópolis nos tem enviado os seus «Cadernos do Corgo Sêco», bela coleção de ensaios do mais alto valor. Neste opúsculo, são estudadas as tendências que o nosso segundo Imperador apresentava para Mecenas brasileiro, amparando as iniciativas de arte. Aqui desfilam as figuras de Boulanger, Taunay, Corrêa de Lima, Gros de Prangey, Ferrez, Sauvage, Planitz e Ciccarelli, através da prosa amena e ao mesmo tempo erudita de Guilherme Auler, o historiador de tantas monografias úteis, como estas duas outras quem também nos enviou: «Primeiros batizados» e «As últimas pensões e mesadas de Dom Pedro II».

«Poesias», de Onestaldo de Pennafort, editadas pela «Organização Simões» na sua coleção «Rex», se constituem num alentado volume de mais de 250 páginas, em que o ilustre poeta enfeixa sua obra poética, reunindo os versos constantes de seus livros «Escombros floridos», «Perfume», «Cenários», «Interior», «Espelho d'água», «Sob a vinha alheia», «Romanceiro», «Jogos da noite» e a parte inédita sob o título de «Nuvens da tarde», partes em que se divide o livro. O autor de «Shakespeare & Camões», teve assim, oportunidade de rever toda a sua poética, que há muito reclamava uma reedição, lucrando com isso, a bibliografia brasileira, que desta forma ganhou um belo livro de poesias, de um poeta de grande força e formosa sensibilidade.

LIVROS RECEBIDOS:

José Torre Revello — «José Toribio y la historiografía argentina», Buenos Aires — Imprenta de la Universidad, 1954.

Fernando Callage — «Na querência da Palma» (Romance) S. Paulo, 1955.

Wladimir Dias Pino — «A máquina ou a coisa em si» — Ed. Igrejinha, Cuiabá 1955.

Joaquim Vieira da Luz — «Dunshee de Abranches», Rio, 54.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Orígenes Lessa, autor de «O feijão e o sonho», «Rua do Sol» e contista admirável de «Nazareth, telefonista».)

1ª pergunta: — Se pudesse escolher, que arte você gostaria de cultivar?

Resposta: — A caricatura.

2ª: — Se ganhasse hoje dez milhões de cruzeiros, que faria?

R.: — Um grande esforço para acreditar.

3ª: — Gostaria de ter vinte anos menos?

R.: — Eu preferia ficar como estou por mais vinte anos.

4ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Não gostaria em hipótese alguma e de jeito nenhum.

5ª: — Acredita em discos voadores?

R.: — Poderia acreditar. Não acredito é nos que os têm visto.

6ª: — Onde gostaria de morar atualmente?

R.: — Num pequeno sítio em Paraíba do Sul.

7ª: — Qual a sua maior ambição literária?

R.: — Ter tempo e oportunidade para uma varredura geral em tudo o que já publiquei.

8ª: — Tem livro novo a publicar?

R.: — Dois. «João Simões Continua» e «A Experiência». Ambos, de contos.

POESIA

SOLIDÃO

Bela é a solidão em que me encontro
O silêncio maravilhoso,
Envolve minha alma,
E prende meu coração de poeta.
Que belas montanhas!
Que belas matas!
Que lindas campinas,
Que bonito campo brotado de flores.
Que perfume, que silêncio,
Que beleza tão pura, e tão terna;

Que suavidade dessa floresta,
Dessa brisa que sinto agora.
Que lua maravilhosa,
Que beleza pura a dêsse céu estrelado,
Que céu, que estrelas, que lua,
Que brilho bonito tem as verdes matas,
E como são belas as noites enluaradas,
Em minha aldeia,
Em meu sertão,
Em meu mundo de poeta;

FABIO ALDEIANO DE MINAS.

O QUE ELES DIZEM

De GOETHE: Uma vida ociosa é uma morte antecipada.

De CAMILE FLAMARION: «Todo ser vivo é um ser dinâmico. O pensamento nada mais é que um ato dinâmico».

De PLATÃO: «A paz do coração é o paralisso do homem».

De TEMÍSTOCLES: «A preguiça é a sepultura dos vivos».

De GEORGE SAND: «A recordação é o perfume da alma».

De ARISTÓTELES: «O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra».

De CHATEAUBRIAND: «Caminhamos constantemente de uma dor para outra».

De CLAUDE BERNARD: «Se eu tivesse que definir a vida numa palavra, esta seria: Criação!»

De MARDEN: «Sê perfeito em tudo o que fizeres».

De CAMPOAMOR: «A música é a voz do infinito».

De ROUSSEAU: «Somos sempre fortes para fazer o que fortemente queremos».

De RUI: «Ousai sempre o que meditadamente resolverdes».

De CERVANTES: «Tudo é bom na vida, mesmo a morte».

De DOM: «Vida sem idéias é como navio sem rumo».

NOTICIÁRIO

Realizou-se no dia 24, no auditório do PEN Club a conferência do pintor francês, sr. Marcel Dimanche, sobre a liberdade do artista, arte figurativa. O conferencista referiu-se à conveniência de um estatuto internacional para as atividades artísticas, sendo muito aplaudido pela seleta assistência.

Aposentou-se no cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, o poeta Ademar Tavares, membro da Academia Brasileira de Letras.

Foram entregues, em reunião festiva, os prêmios atribuídos este ano pela Prefeitura Municipal, por iniciativa do vereador R. Magalhães Júnior e que distinguiram os seguintes escritores: Geir Campos (Prêmio Olavo Bilac, pelo seu livro «Canto Claro e outros poemas»); Marco Koenigil (Prêmio Carlos de Laet, pelo seu livro «Influência social do cinema»); João Bittencourt (Prêmio Júlia Lopes de Almeida, pela peça «Tinoco ou as Aventuras de um Cavalo Marinho no Fundo do Mar»). O Prêmio João do Rio coube aos repórteres Edmar Morel e Braga Filho.

Comemorando o aniversário natalício de D. Pedro II, o Instituto Histórico de Petrópolis promoveu uma sessão solene no último dia 3, no salão nobre do Museu Imperial. Oradores: Herbert Camabarro Reichardt e Lourenço Luís Lacombe.

RETROSPECTO DE

ARI BARROSO PERDEU O BIGODE... ★ CAIU PERON ★ EXILADO O SULTÃO
SIDI MOHAMMED BEN MULAY BEN ARAFA ★ AMEAÇADA DE CAIR A TÔRRE DE
PISA ★ MARGARETH NÃO TROCAVA O TÍTULO POR UM AMOR, O BOTAFOGO
MARCAVA UMA VITÓRIA E A CIDADE PRANTEAVA A MORTE DE CATARINA

Retrospectivo de HYNENNY GOMES FERREIRA

SETEMBRO

7 — Com o mesmo entusiasmo dos anos anteriores e apresentando três inovações no empolgante desfile militar deste ano, a Parada da Independência carregou para as ruas centrais da cidade, principalmente para as avenidas Getúlio Vargas e Rio Branco, u'a mole humana verdadeiramente excepcional, vibrante de amor cívico e que não regateou aplausos aos nossos bravos soldados de Terra, Mar e Ar, ali irmados num só ideal: o culto da Pátria, à qual um dia juraram defender com o sacrifício da própria vida. Das inovações verificadas na grande parada, ressaltaram-se as três seguintes: as tropas motorizadas precederam a infantaria, ao contrário do que vinha ocorrendo nos anos anteriores; a presença, pela primeira vez, dos «Cosme e Damião» e finalmente a apresentação das gaitas de fole escocesas pela banda dos Fuzileiros Navais, que muito agradaram ao público presente.

12 — Por causa de uma aposta mal sucedida,

o popular Ari Barroso, um dos milhões de fanáticos que o Flamengo possui por esse mundo afora (Oropa, França e Bahia), mesmo a contra-gosto teve que raspar o bigode para satisfazer o desejo mórbido do compositor Haroldo Barbosa («pó de arroz» convencido), que afinal de contas houvera ganho a aposta anteriormente feita com o Ari, no tocante ao resultado do primeiro Fla-Flu do ano. Com um 2x1 sensacional sobre o seu tradicional adversário (Ari ficou por aqui com o crioulo Didi), o Fluminense pôs por terra um respeitável bigode de 30 anos, um xodó na vida do autor de «Risque».

17 — Divulga-se aqui no Rio, com manchetes berrantes de certos jornais, a hoje mui famosa e discutida «Carta Brandi», de efeitos tantos e conclusões as mais controvertidas.

19 — Em consequência do levante conjunto da Marinha e do Exército, iniciado na sexta-feira 16, era deposto do cargo de Presidente da Argentina o senhor Juan Domingo Perón, que por tantos anos, a exemplo do que sucede nos países das Américas do Sul e Central, dominou com absolutismo a co-irmã do sul. Deixando a Casa Rosada, Perón refugiou-se na Embaixada

do Paraguai, sob cuja tutela ficou até o dia em que zarpou para Assunção. O caudilho Perón, como os demais ditadores, não pôde evitar o desmoronamento do seu «reinado».

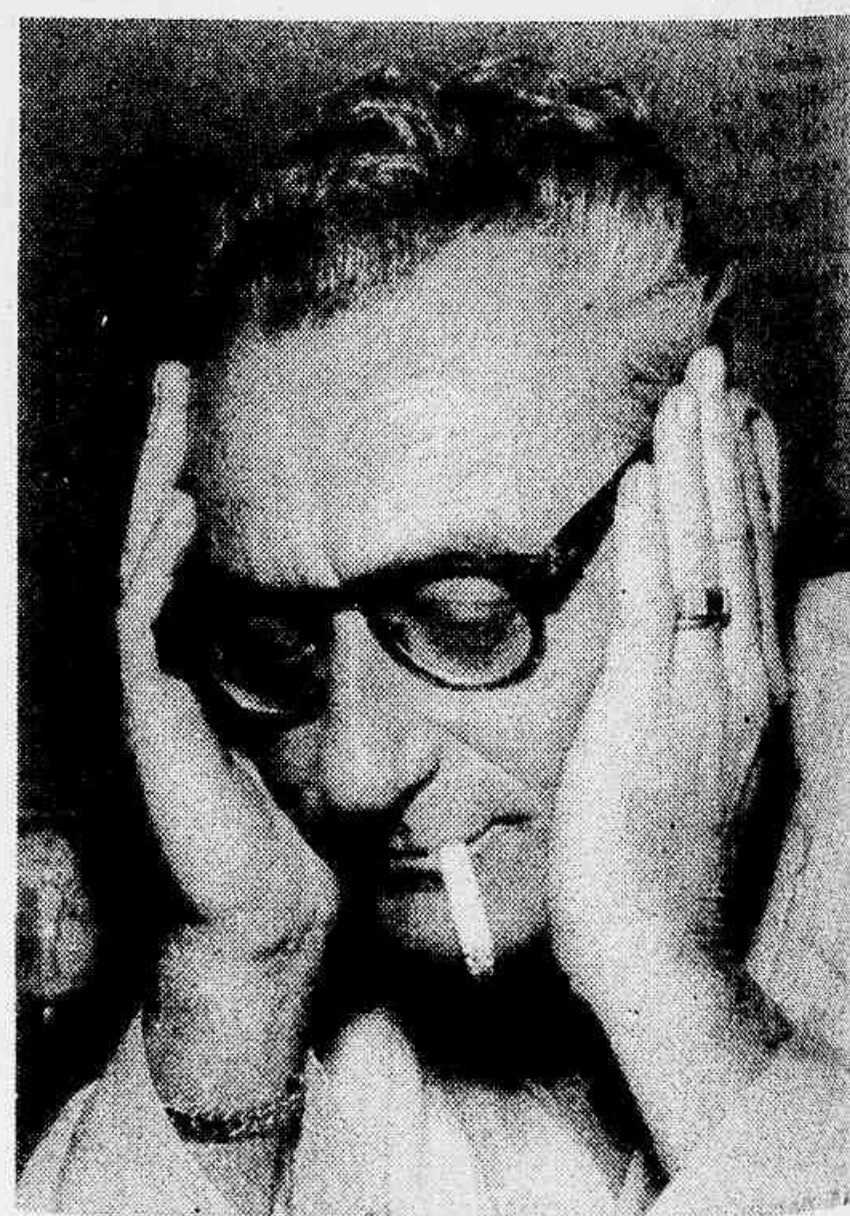
22 — A bordo do «Bretagne», chegava de volta da Europa o afamado conjunto «Brasiliense», que durante quatro anos deliciou as platéias da América do Sul, África do Norte, Europa, etc., com as danças e músicas tipicamente brasileiras. Os representantes da nossa arte tiveram ensejo de participar dos mais prestigiosos espetáculos da Inglaterra e da França, sendo que no primeiro país dançaram ante a pessoa do Duque de Edimburgo, espôso de Sua Majestade a Rainha Elizabeth II.

24 — Os meios políticos dos Estados Unidos, partidários republicanos ou adversários democratas, amigos de tôdas as classes ou opositores encarniçados — enfim, os povos do mundo inteiro — receberam com sincera emoção e muita apreensão a notícia de que o Presidente Eisenhower fôra acometido de um enfarte do miocárdio — motivo porque se afastara do cargo, recolhendo-se a um hospital especializado.



PARADA DE SETE DE SETEMBRO

O desfile militar do Dia da Independência do Brasil teve, esse ano como principal atração, as cornamusas e apresentadas pelos fuzileiros.



ARI BARROSO
Era uma vez um bigode
rubronegro.

SETEMBRO A DEZEMBRO

OUTUBRO

3 — Debaixo de grande expectativa e com uma chuvazinha impertinente que, inclusive, serviu para serenar um pouco os ânimos exaltados dos políticos e seus correligionários, realizou-se de modo ordeiro o pleito eleitoral que escolheria, para os próximos cinco anos, o Presidente e o Vice-dito da República, dentre os sete concorrentes registrados, do qual (pleito) sairiam vencedores os senhores Juscelino Kubitschek e João Goulart, candidatos da coligação PSD-PTB. O sr. Ademar de Barros, que se supunha chegasse em primeiro lugar (o segundo já era uma concessão por demais pessimista que se fazia para o chefe populista), teve que se contentar, no final da história, com um modesto terceiro lugar, cedendo o segundo posto para o general Juarez Távora, o candidato revelação. E contrariando os prognósticos, o senhor Milton Campos também foi o segundo colocado, formando com o general a chapa vice-eleita.

— O sultão Sidi Mohammed Ben Mulay Ben Arafa comprovando, por fim, que lhe era de todo impossível manter-se no trono do Marrocos, partia para o exílio. Sua partida constituiu um grande alívio para a França, que dois anos atrás o havia colocado no trono, na esperança de conter o nacionalismo que defendia seu predecessor (e posterior substituto) Sidi Mohammed Ben Youssef.

4 — Falecia em Atenas, com a idade de 72 anos, o herói e premier da Grécia, marechal Alexandre Papagos, que até o último momento recusou-se a abandonar o cargo, em meio da crise desatada em torno da ilha de Chipre.

6 — Sessenta e cinco pessoas morriam no pior desastre da aviação civil nos Estados Unidos, quando um avião DC-4 da United Air Lines chocou-se contra o pico Medicine Bow, em Wyoming.

13 — Numa alocução dirigida aos membros do Centro Italiano de Estudos para o Fomento da Conciliação Internacional, o Papa Pio XII fez um apelo aos estadistas para que recorressem ao direito natural para livrar o mundo da «carga das guerras periódicas», dizendo também que a conferência realizada em Genebra pelos «quatro grandes», demonstrou que existia um abismo que separava as nações.

18 — Os habitantes de Pisa advertiam à Municipalidade de que não estavam dispostas a tolerar «tolices científicas» com sua famosa torre inclinada, no sentido de que fôsse a mesma demolida e levantada outra vez, sempre inclinada, sobre bases mais sólidas. A célebre torre, se ainda não sabem os leitores, tem apenas 781 anos de idade. Uma ninharia, como vêem...

19 — Falecia em Washington, aos 68 anos de idade, o senhor Carlos Dávila, secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA).



EISENHOWER

Um pouco de repouso não faz mal a ninguém.



TRES DE OUTUBRO

3 de outubro indicou Juscelino para a Presidência.



JURACI MAGALHÃES

Um «show» a parte na Exposição Léger.



PAULO BITTENCOURT

Ganhou, ou perdeu, no pugilismo?

e que durante quatro anos foi embaixador do Chile nos Estados Unidos.

20 — Por não gostarem da cara (ambas guardadas a óculos) um do outro e por haver o senhor Paulo Bittencourt feito careta, através as páginas do seu jornal, para o senador cearense pela Bahia, o ilustrado senhor Juraci Montenegro Magalhães, êsses dois homens públicos, dos quais era lícito esperar-se um comportamento

mais comedido com as suas funções, engalfinharam-se, num desforço físico condenável, no recinto do Museu de Arte Moderna, espetáculo extra-programa, com o qual não contava a exposição Léger. Muito bonito mesmo...

25 — Em meio do troar dos canhões e da pompa e da majestade de tempos medievais, o Presidente de Portugal, general Craveiro Lopes, acompanhado de sua comitiva, era recebido no

1955 PASSADO A LIMPO



CRAVEIRO LOPES

Inglaterra e Portugal — uma aliança que dura há mais de sete séculos.

cais de Westminster pela Rainha Elizabeth, a Princesa Margareth, o Duque de Edinburgo e pelo premier Sir Anthony Eden, que foram até ali dar as boas-vindas ao presidente luso, na visita destinada a reforçar os tradicionais laços de amizade entre as duas nações.

31 — Falecia nesta capital, de volta dos Estados Unidos — aonde fôra em tratamento de saúde — o general Canrobert Pereira da Costa, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

NOVEMBRO

1 — Em meio à dramática expectativa de toda a Nação, presentes centenas de jornalistas e fotógrafos, nacionais e estrangeiros, o general Maurell Filho, presidente da Comissão de Inquérito Policial-Militar, entregava à imprensa o resultado das amplas e minuciosas investigações por ele procedidas e que conduziram à constatação pura e simples de que «não só a carta (Brandt) era incontestavelmente falsa em sua assinatura, em sua grafia e na sua forma, como, ainda, os fatos nela constantes mais ainda se distanciavam da verdade».

— Em Londres, a Princesa Margareth redigiu um comunicado, através o qual notificava ao Império, bem como ao mundo inteiro, que renunciava definitivamente ao amor do coronei Peter Townsend, e que a partir de então iria se dedicar única e exclusivamente aos interesses do Estado e da Igreja Anglicana, da qual a sua mana, a Rainha Elizabeth, era (e é) a chefe espiritual.

3 — A bordo de um avião militar paraguaio passava por esta cidade, rumo a Nicarágua, o ex-Presidente Perón, que durante três horas permaneceu ali no Galeão, sob a asa esquerda do «Presidente Stroesner», sem que ninguém o molestasse.



CANROBERT PEREIRA DA COSTA

O moléstia venceu o general. Seu entêrro atraiu grande massa de pessoas

7 — Descia no Galeão, quietinha e sem temperamento algum, a atriz negra Dorothy «Carmen Jones» Dandridge, grande intérprete da música popular ianque e mundialmente consagrada no cenário cinematográfico através de sua interpretação na película «Carmen Jones», para cuja estréia no Brasil veio especialmente convidada.

13 — Aqui no Rio, o quadro brasileiro, numa sensacional partida, derrotava a representação paraguaia pelo escore de 3x0, tentos marcados na segunda fase do jogo, quando grande era o desespero da torcida carioca. Além dos paraguaios, foram derrotados espetacularmente naquele prélio, pelo «mestre» Zizinho, os técnicos (cabeças-dura) Zezé Moreira e Martin Francisco, que quando responsáveis pelo quadro brasi-

leiro deixaram de fora esse consumado craque patricio. No jogo com os paraguaios, em disputa da «Taça Osvaldo Cruz», Zizinho fez dois tentos magistrais, além de dar um verdadeiro «show» de bola no meio do campo.

25 — Vitimado por um enfarte do miocárdio, falecia o presidente do Flamengo, senhor Gilberto Cardoso, após a dramática vitória do seu clube (basquete) sobre o Sírio e Libanês, nos instantes finais da partida. Recorde-se que o Flamengo perdia por um ponto para o seu adversário, quando numa reviravolta os rapazes do rubro-negro marcaram uma cesta, justamente a que asseguraria ao quadro a grande vitória e a que, por outro lado, levaria deste mundo o benquisto presidente do «mais querido». Uma vez Flamengo...



GENERAL MAURELL

A «Carta Brandt» é realmente apócrifa.



TOWNSEND E MARGARET

Melancólico fim de uma história de amor.



CATARINA

O chimpanzé morreu ao amanhecer, deixando um treinador inconsolável.

28 — Vítima de um enfarte do miocárdio, falecia no zoo desta cidade a célebre macaco «Catarina», que por toda uma vida divertiu uma geração, sem nada exigir da mesma, senão afetividade, carinho e compreensão (e algumas bananas).

DEZEMBRO

1 — Seis pessoas (quatro tripulantes e dois passageiros) morriam no acidente de aviação ocorrido na Base Aérea de Val de Cans, em Belém do Pará, quando o aparelho «Douglas» da Cruzeiro do Sul, de prefixo PP-CCC, logo após alçar vôo, perdia altura devido a uma «pane» em um dos motores, caindo ao solo e ocasionando violenta explosão e incendiando-se em seguida.

7 — O Botafogo de Futebol e Regatas, que há mais de um milhão de anos não vencida uma só partida, graças à cabeça-dura e à teimosia do técnico Zezé Moreira (Alfredo Júnior, para os íntimos), com um escore de 3x0 sobre o Olaria fazia as pazes com a vitória, graças ao uniforme novo que estreava naquele jogo. Outro motivo da vitória alvinegra na tarde daquele domingo, foi a presença do treinador Geninho à frente do quadro, fato que se repetiria no domingo seguinte, quando o «Glorioso» derrotaria o Canto do Rio nos seus próprios domínios. Decididamente o senhor Zezé Moreira (Alfredo Júnior, para os íntimos) é o azar do Botafogo. Os botafoguenses que o digam.

8 — Iniciava-se, nesta cidade, com inúmeras comemorações, a Semana da Marinha.

9 — Pinheiro, o renomado defensor do Flumi-

BANGU 5 x VASCO 0

Os primeiros colocados tombaram vergonhosamente ante o time de Zizinho

nense (e amigo muito íntimo daquela a quem chamam de «branquinha», «umas e outras», «guarda-chuva de pobre», etc.), surpreendia meio-mundo dizendo que «fizera do leite a sua cachaça», acrescentando que, quem o quisesse ver completamente regenerado, bastava comparecer à leiteria do Castilho, que embora não funcionando muito bem nos últimos tempos, ainda assim arranjava uns bons litros do precioso líquido (o certo seria dizer-se alimento).

11 — Aqui no Maracanã, em meio a surpresas gerais, o Bangu Atlético Clube, numa tarde inspirada, desprezando todo o cartaz dos comandados de Flávio «Bronquinha» Costa, dava um verdadeiro «banho de bola» (cinco tentos a zero) no Vasco da Gama, o que levou muitos vascaínos a rasgarem as suas carteiras, em estado de desespero. Perder é uma contingência do futebol, e disso não se lamentam os compatriotas do Almirante. Sua mágoa é que com aquela derrota, o Vasco deixou de ser invicto, permanecendo um ponto apenas na frente do Flamengo, que no dia anterior fôra derrotado pelo Olaria. E como que fazendo um lembrete ao senhor Zezé Moreira (Alfredo Júnior, para os íntimos), o «mestre» Ziza foi o mesmo jogador de sempre, aquele que o Tsé Tsé desprezou na Copa do Mundo do ano passado.

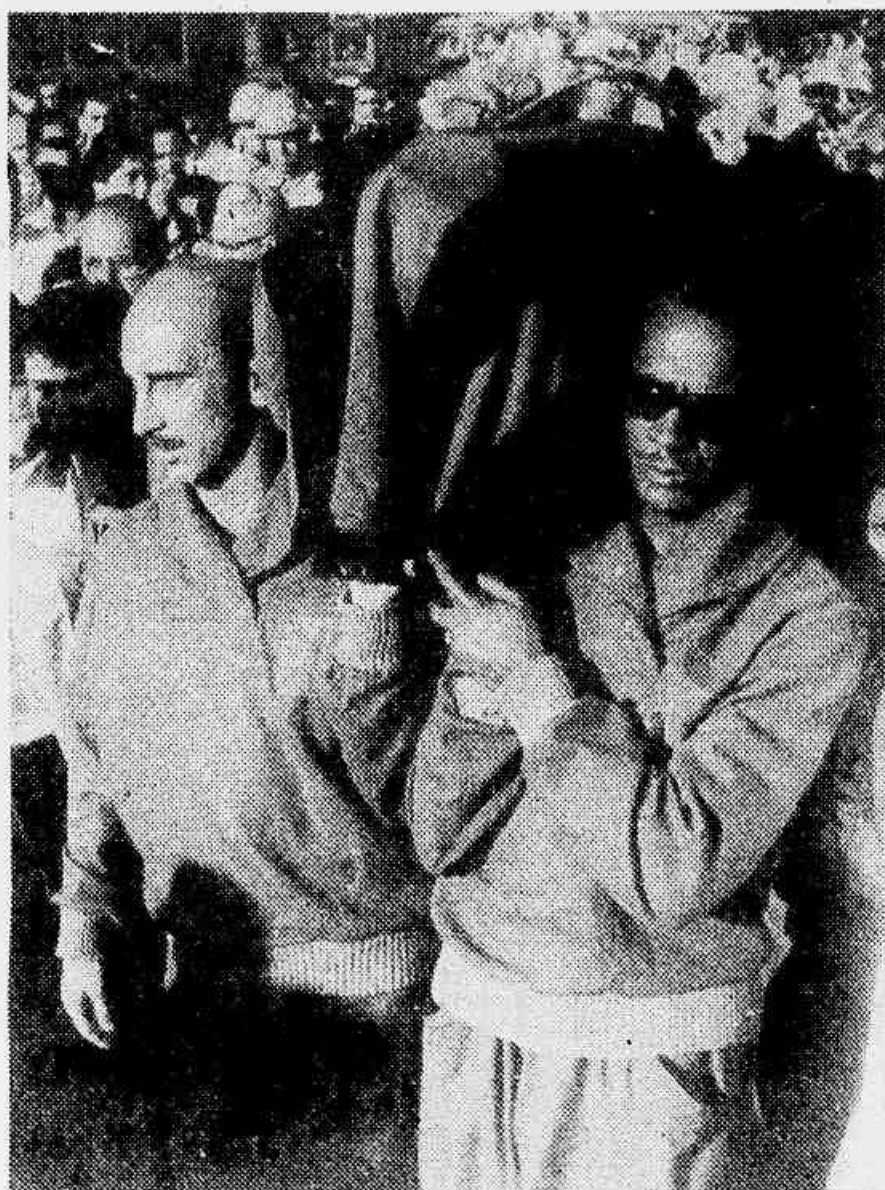
13 — Falecia em Portugal o neurologista Egas Moniz, cientista de projeção mundial, que em 1949 ganhou o Prêmio Nobel de Medicina.

15 — O astrólogo Pingal S. Reddy, de 53 anos de idade, bancando o «amigo da onça», anunciava em Karachi que um golpe de Estado militar na Alemanha Ocidental seria o ponto de partida para a terceira guerra mundial, após o rompimento da qual Hitler (atualmente escondido) reapareceria em grande estilo, forçando sir Winston Churchill a reassumir a chefia do governo britânico.

N. da R. — Os acontecimentos da segunda quinzena de dezembro serão resumidos em nosso próximo número.



DOROTHY (Carmen Jones) DANDRIDGE
Passou pelo Rio como um meteoro negro.



GILBERTO CARDOSO
Morreu de alegria com a vitória do Flamengo.

ESPORTE ILUSTRADO

TUDO SOBRE ESPORTES

AS QUARTAS-FEIRAS — PREÇO: CR\$ 5,00

**AUTOMÁTICO
e preciso!**



CYMA
Automático

- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Para-choque
- Antimagnético
- Vidro Inquebrável
- Preciso
- Elegante

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 31 DE DEZEMBRO DE 1955
E 6 DE JANEIRO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Deixe para os três últimos dias da semana o que de maior importância estiver programado. O início do novo período, fraco como será, não lhe dará margem segura às realizações de maior interesse.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Os eflúvios astrais serão elevados na semana entrante, melhorando consideravelmente a posição do leitor. Aproveite a oportunidade para firmar contratos e para o lançamento de qualquer iniciativa.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Encha-se de otimismo, no curso da semana em pauta. Qualquer modificação no ambiente dos astros, será para melhor, no seu caso, não havendo, assim, quaisquer desfavorabilidades. Nos negócios, tudo conforme.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — No curso da semana o leitor se sentirá propenso aos atos de violência. Andará impulsivo e nervoso, agitando-se por qualquer motivo. Fuja das soluções apressadas, pois o seu estado e o do ambiente poderão levá-lo a uma situação embaraçosa.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Sua posição será muito boa, principalmente nos quatro primeiros dias da semana. Os negócios virão às suas mãos, bons e tentadores. Haverá folga financeira e paz doméstica, prenúncio de um novo ano bem feliz.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — A nova semana será bem equilibrada, havendo entradas na proporção das saídas, apesar da movimentação que se vai dar. Os melhores dias para negócios novos serão 2, 3 e 4 de janeiro.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não corra, não precipite os acontecimentos. Não haverá necessidade, mesmo, de um procedimento assim. Além de diminutas, as realizações possíveis, no seu caso, se darão naturalmente e com oportunidade.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Haverá desfavorabilidades muito fortes na sua vida sentimental. Não force, pois, as situações que se oferecerem para não agravar a falsa posição ocupada. No mundo dos negócios, igualmente, tudo será duvidoso, desfavorável.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — O novo período facilitará e beneficiará as viagens. As mudanças, igualmente, serão favorecidas. Haverá lucros imprevistos nas especulações e boa ordem nos negócios.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Seus negócios correrão favoravelmente no decorrer da nova semana. Os influxos planetários reinantes serão os melhores e lhe darão o maior estímulo para as realizações. Tudo sairá a contento.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — As coisas ficarão bem distantes da posição ocupada pelo leitor. Terá de ir apanhá-las e para tanto terá de movimentar-se. O ambiente astral lhe exigirá o máximo de atividade para conseguir algo.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Os próximos sete dias constituirão uma fase de boas e fáceis realizações. As idéias materializar-se-ão quase que imediatamente. Tudo lhe será facilitado, até mesmo o crédito, tão vasqueiro, não obstante, nesses dias.

OS NOMES DA SEMANA

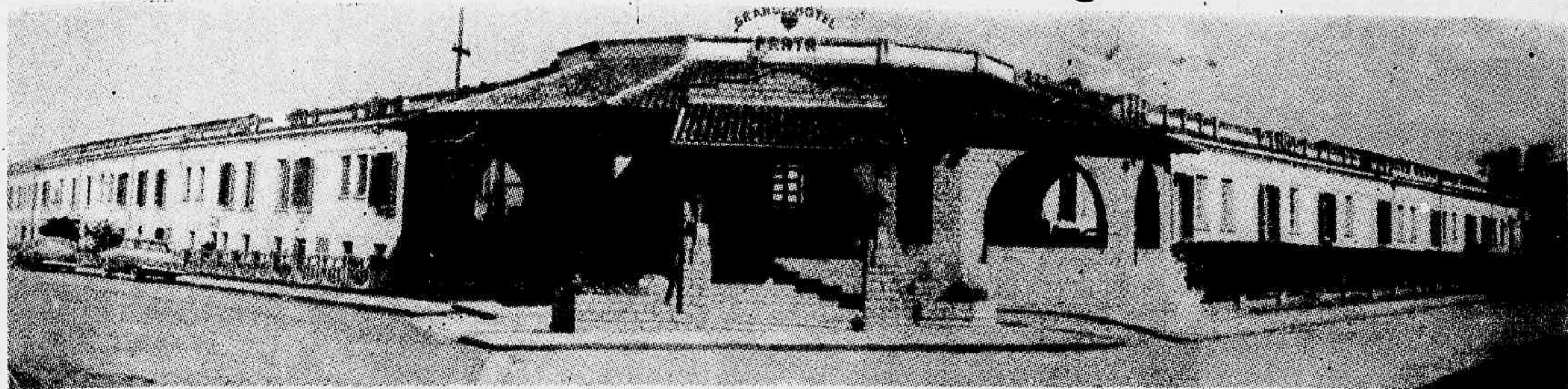
Dezembro, 31	—	Jânio	—	Emília.
Janeiro, 1	—	Israel	—	Domênica.
" 2	—	Jônatas	—	Josilla.
" 3	—	Elmiro	—	Eloisa.
" 4	—	Crispim	—	Autá.
" 5	—	Donato	—	Umbelina.
" 6	—	Leopoldo	—	Leopoldina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Dezembro, 31	9° 1' 58"	(Signo do Capricórnio)
Janeiro, 1	10° 3' 6"	(" " ")
" 2	11° 4° 15"	(" " ")
" 3	12° 5' 24"	(" " ")
" 4	13° 6' 33"	(" " ")
" 5	14° 7' 43"	(" " ")
" 6	15° 8' 53"	(" " ")

Grande Hotel Prata



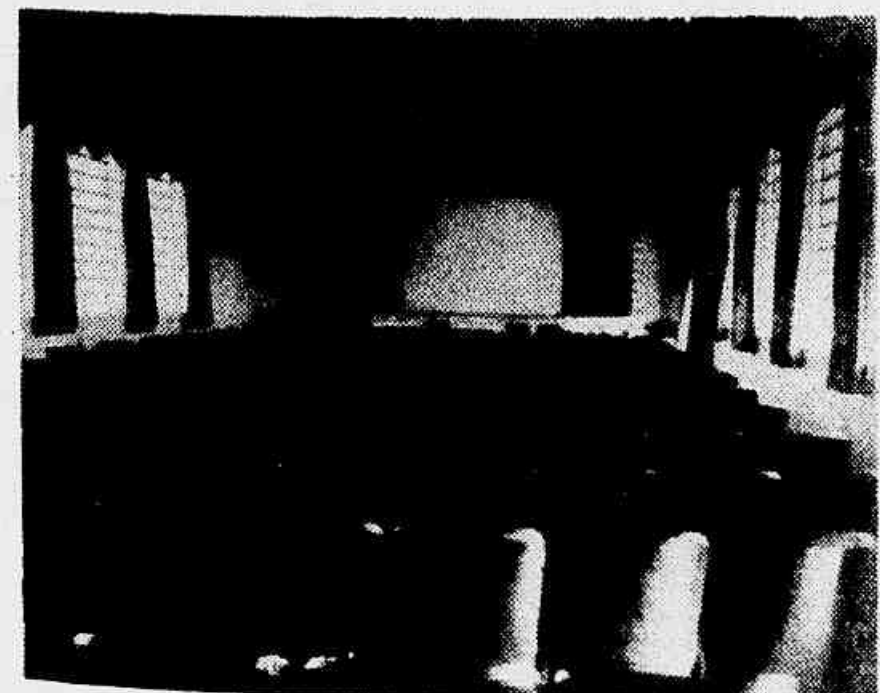
Vista geral do Grande Hotel Prata.



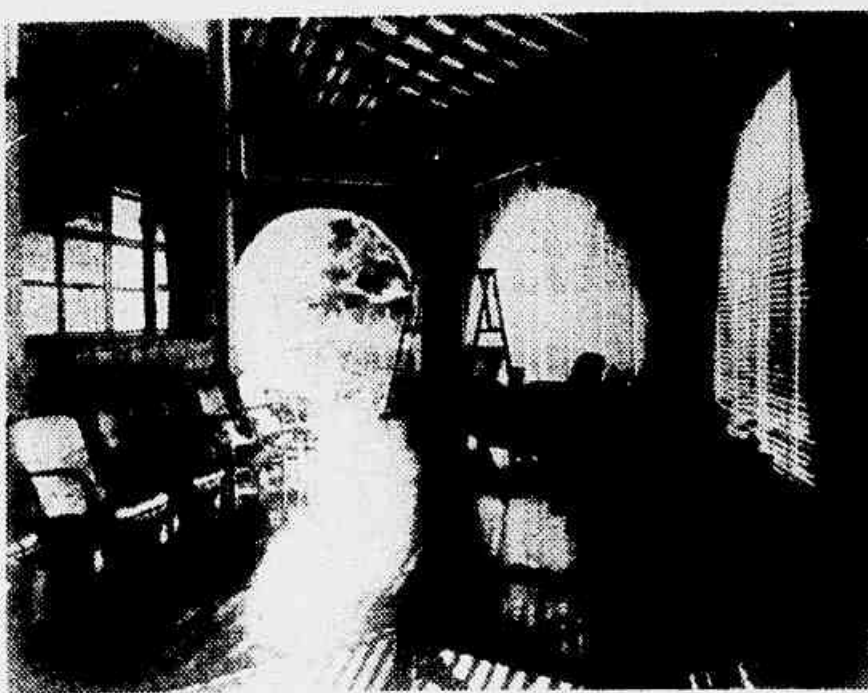
A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



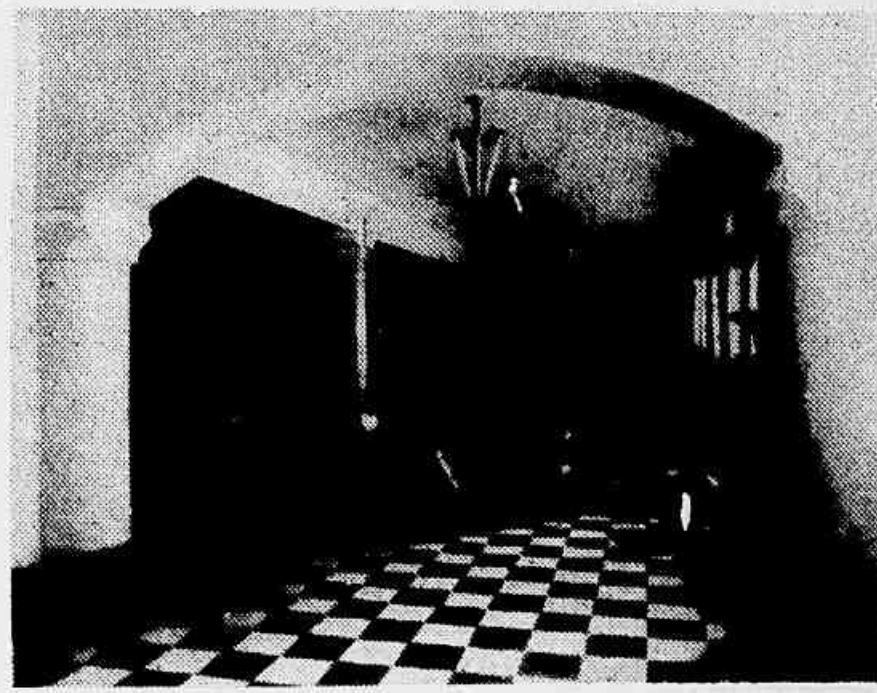
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.

FERRO CABELEIREIRO

● Deseja BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO às suas distintas clientes e comunica-lhes sua transferência para **TERRY MASTELLE**, à rua Rodolfo Dantas, 16-A, onde espera continuar desfrutando da sua honrosa preferência.

Telefone: 37-3327

Vemos na foto ao lado o conhecido cabeleireiro quando preparava Miss Distrito Federal para a disputa do título da mais bela do Brasil.



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

OS FUNDAMENTOS DA MUSICOLOGIA

● Em artigo publicado na «Revue Internationale de Musique» (número 9, página 221), Handschin define a musicologia como uma «ciência histórica que tem por objeto não a música como um fato em si, mas o próprio homem, desde que se expresse musicalmente».

Esta definição, entretanto, de caráter marcadamente sociológico, não é mais que a síntese de toda uma tendência que vem se firmando no campo das pesquisas musicológicas. Como oposição a esse espírito totalizador, e por muitos considerado dispersivo, encontramos aqueles que se apegam, exclusivamente, ao chamado método técnico. V. Fedorov, por exemplo, acha que somente a história sistemática da técnica musical pode servir de base às pesquisas musicológicas: donde se conclui facilmente que, para esse grande expoente da musicologia contemporânea, o simples conhecimento do texto musical é suficiente para situar a obra no tempo e no espaço. E como apoio à tese de Fedorov, a maioria dos que a seguem invoca a excelência incontestável do ensaio do dinamarquês Knud Jeppesen, onde o estilo de Palestrina é dissecado de maneira impressionante, mediante a aplicação de um método de análise verdadeiramente satisfatório (1). Classificando as diferentes fórmulas harmônicas através de processos estatísticos, Jeppesen descobriu uma prática peculiar do elemento dissonância, acabando por atribuir a Palestrina uma personalidade inteiramente diferente da dos demais polifonistas. Será que toda essa elaboração crítico-histórica, cuja profundidade ninguém, até hoje, atreveu-se a contestar, não passa de um produto genuíno da habilidade do autor? Em resposta, muitos afirmam que Jeppesen representa a mais elevada expressão da «Contra-Reforma» em música.

Por outro lado, não se pode esquecer as poderosas correntes que negam inteiramente o valor analítico desse tecnicismo. A primeira tem por fundamento as conclusões do célebre musicólogo norte-americano Edward Lowinsky, que efetuou notáveis estudos sobre as origens do cromatismo nas composições religiosas da

Renascença (2). Até certo ponto, Lowinsky utilizou o método estatístico de Jeppesen. Porém, foi sobre essa visão técnica que alicerçou sua magnífica tese. Constatou que a presença de modulações «secretas» utilizadas pelos compositores renascentistas da Holanda, refletia o enfraquecimento do respeito popular para com as autoridades religiosas, chegando mesmo a revelar a existência de palavras com «duplo sentido», nas formas mais rústicas de expressão musical.

A segunda está representada pela obra de Ernst Meyer (3). Este musicólogo germânico baseou-se em Marx e Engels, para chegar à conclusão, até certo ponto simplista, de que a história da música era «uma parte natural do desenvolvimento geral da sociedade». Ernst Meyer pretende encontrar as origens da música de câmara inglesa na música instrumental da Idade Média. E acrescenta, com evidente malevolência, que tanto a Igreja como a sociedade estimularam a difusão da polifonia como um meio de paralisar o progresso social; demonstra ainda que o caráter melífluo e hipnótico da polifonia visava fundamentalmente «consolidar no espírito do ouvinte uma firme crença na imutabilidade do mundo». Para ele, a generalização do uso dos instrumentos e os sentimentos individualistas provocados pelos mesmos teriam levado a Igreja a empreender uma terrível perseguição contra os menestres, que simbolizavam a liberdade artística em seu sentido mais amplo.

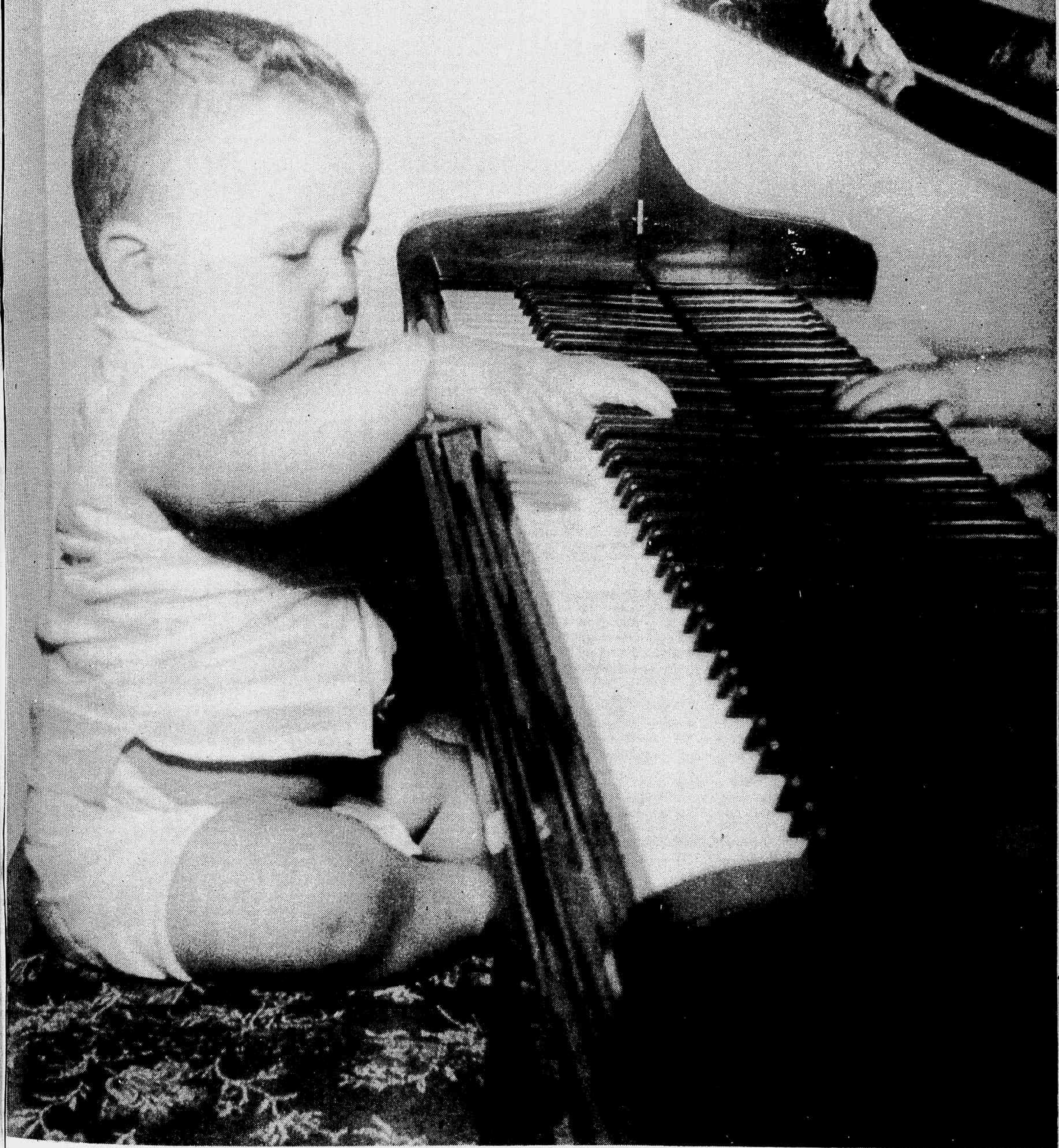
Em que pese a colisão dos sistemas de pesquisa e a diversidade da interpretação, o que não podemos é desprezar os aspectos verdadeiros de cada qual, que, embora por processos diferentes, sempre chegam a conclusões em tudo e por tudo semelhantes.

(1) «The Style Of Palestrina And The Dissonance», Copenhagen, Londres, 1946.

(2) «Secret Chromatic Art In The Netherlands Motets», Nova Iorque, 1946.

(3) «English Chamber Music», The History Of A Great Art From The Middle Ages To Purcell, Londres, 1946.

MÁRIO JÚNIOR NÃO DÁ BOLA PARA OS ACONTECIMENTOS



"COMO É QUE ALGUÉM TEM CORAGEM DE PENSAR QUE ABANDONEI MEU MÁRIOZINHO?" — LAMENTA, EM CHORO CONVULSO, CONCHITA MASCARENHAS ★ O GAROTO CRIADO, DESDE QUE NASCEU, PELOS PAIS DELA, TEM AGORA SETE MESES E... SEIS "DENTINHOS" ★ NÃO VÊ O FILHO DESDE O ROMPIMENTO. CONFESSA-SE APREENSIVA PELA SAÚDE DO PIRRALHO ★ "PELAS FOTOGRAFIAS DOS JORNAIS, ACHO-O MUITO ABATIDO. VEJO-O SEMPRE DE OLHOS INCHADOS, TALVEZ DE TANTO CHORAR..." MAS, MÁRIO JÚNIOR, PELO MENOS QUANDO "ESTUDA" PIANO, PARECE NÃO DAR MUITA "BOLA" PARA TODOS ÊSSES ACONTECIMENTOS...

DECLARA MASCARENHAS

(Cont. da página 10)

Na nova sede, ainda em obras e sem luz aquela hora da noite, Mário Mascarenhas parece um «duende» a tropeçar por sobre andaimes e montanhas de areia e cimento. Esquecendo, por alguns momentos Conchita, entra em devaneios.

Num gesto musical de verdadeiro artista, abre os braços apontando o teto:

— Aqui vou mandar recompor a ornamentação de «gregas» para igualar o conjunto. Logo ali adiante vou mandar erguer um grande palco e aqui assim, (caminha indicando um outro local), vou colocar aquela estátua (assim, assim... e descreve-a em largos gestos) que tenho lá em casa. Que é que o senhor acha? Não vai ficar bonita?

Esse «mineirão» simplório (que já carregou sacos de cimento às costas, «dormiu em vagões da Central» e habitou «infectos porões do Estácio» — conforme confessa), criando um «método próprio» para o ensino do acordeão, correu o Brasil de ponta a ponta e fundou mais de 100 escolas, governando, hoje, no seu «império» mais de 50.000 alunos por todo o país.

E' natural, portanto, o seu entusiasmo por tudo quanto diga respeito às coisas da sua profissão.

Culminando as suas realizações no terreno da música (e ele já produziu mais de 1.500 «arranjos» de melodias de todo o mundo, para adaptá-las à técnica da interpretação do instrumento que o tornou famoso) teve a honra de realizar, no gênero o «maior espetáculo da terra» — apresentando 1.000 acordeonistas num concerto público no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Tudo isso Mário nos conta, sem falsa modéstia, enquanto nos mostra as várias dependências de sua nova sede:

— O senhor está vendo? E eu vou botar o nome dela...

Conchita volta a baila e nós a Academia para buscar algo esquecido.

— Meu casamento começou com um «escândalo» e vai terminar com outro... — Lamenta-se Mário, sentando-se em frente à sua mesa.

(Intervém o jovem acompanhante para nos aconselhar a que não publicássemos essa frase).

Mário Mascarenhas se empolga, porém:

— Tenho 20 testemunhas que poderão depor a meu favor. Ela ia para as «boites», divertia-se a valer com seus «amiguinhos», e quando eu chegava em casa, cansado do trabalho, ia para a cama dormir direto...

Vovó se confessa incapaz de calçar os sapatinhos do neto. Mário vem em seu socorro. Ah!... que falta me faz aquela «danada» — confessa.

SE PEDIR PERDÃO PODE VOLTAR

— Não tenho mesmo «cabeça para nada»... Estou num aturdimento medonho, o senhor nem imagina. Procurei meu advogado e ele não quer mais falar comigo... porque, diz que eu não deveria dar entrevistas... Mas, como posso fazer isso, se sou amigo de todos vocês?

Fêz um gesto desanimado:

— Se eu não falo, «eles» me «metem o pau»; se falo, o meu advogado briga comigo... Não sei o que fazer!

Após reafirmar, categórico, de que não desejava falar «dela», abre uma enorme caixa de papelão e espalha por sobre a mesa um maço enorme de fotografias. Contempla, envaidecido, a estampa da jovem esposa, numa pose especial vestida de «Salomé», e acrescenta, informado:

— Dela se pode dizer tudo... mas, a «danada» é bonita mesmo, o senhor não acha?

Assume um ar patético:

— Fiz tudo o que podia pela Conchita... Dava-lhe 10 contos por mês só para comprar «coisas» para ela... E a ingrata fêz o que fêz...

Aí intervém o jovem «censor» para explicar que o professor Mário estuda a possibilidade de um «desquite amigável», que seria tomado em segredo de justiça, ou então um processo de «anulação de casamento», também sem publicidade.

Mário confirma pesaroso, e indaga, emocionado:

— E o nosso filhinho? O senhor já pensou?

Cabisbaixo por alguns momentos, relembra:

— Foram as «más companhias» que perderam Conchita. Eu bem que a avisava... «Fulana» não serve; não debes sair com ela. Mas, Conchita não me ouvia... Fiz tudo por ela, repito. — Agora mesmo, acabo de comprar um andar inteiro, «por cima da A Brasileira», aqui na Cinelândia, e vou construir, ali, a «maior Academia da América do Sul». São 30 salas de aula, com auditório e palco.

Faz uma pausa e arremata:

— E sabe qual é o nome que vou pôr?

Abre os braços, num movimento delicado de mãos:

— «Academia Conchita Mascarenhas»...

Volta o jovem acompanhante para esclarecer que a «entrevista» tinha que ser encerrada nesse ponto, pois o prédio «já fechar».

Saimos e ao chegarmos à rua, Mário nos convida a visitar a sua nova «Academia», ali mesmo em frente.

Só para «as tantas» é que ela me chegava em casa... E depois vem dizer pelos jornais que eu jogava «água quente» na cara dela...

Levanta-se, põe as mãos nas cadeiras e indaga:

— Eu sou de jogar água quente em alguém? Inda mais naquela «danada» de quem sempre gostei tanto? E as «navalhadas»? O senhor leu? E logo eu que tenho um pavor danado de «navalhas»? Quando me barbeio em casa, só uso «giletes»... Onde é que eu tinha navalha, onde? Raspei o bigode, sim, mas foi no barbeiro... E raspei o bigode por causa dela, também. Tinha uma porção de fios brancos, e ela achava muito «chato» andar pintando sempre...

Senta-se. Passa as mãos pelos cabelos, e continua:

— Ela disse também que eu a obrigava a exhibir-se nua... Outra mentira. Essa vestimenta de «Salomé» (procurava nervoso a foto no meio do maço) foi que deu o «bode»... Mas, o senhor mesmo pode ver... Onde está a indecência?

Aponta para o detalhe:

— Ela está de «meias compridas» o senhor vê? E o espetáculo («Dança dos sete véus») em que ela se exibiu teve o consentimento do próprio juiz de Menores.

Fica silencioso por algum tempo. Depois, prossegue:

— Vem se queixar, também, de que eu não era bom marido. Ora, tudo que um marido faz, eu fazia também... Que é que ela queria mais? Um filho? Pois, lhe dei um filho...

— Que é que o senhor acha? Não sou um bom marido?

O acompanhante, que desistira de «censurar» o nosso entrevistado, concorda, também, com a opinião do professor.

Mário fica mais calmo, agora. E em tom queixoso, arremata:

— Meu pai sempre me dizia: «Filho, a «mancha» da mulher é como «nódoa» em pano de seda... Não sai nunca mais. Mas, já conosco — os homens — é diferente: é mancha em saco de aniação... A gente lava e sai logo...» Não quero saber mais dela... Tirei-a do subúrbio e fui de Conchita uma moça da sociedade... E é assim que ela paga.

Foi aí que sugerimos:

— Mas, e se «ela» voltar?...

Mário sorri, desesperançado:

— Não sei, não! Só se ela me PEDIR PERDÃO, MUITO BEM PEDIDO pela desgraça que me causou. E se isso acontecer, só a aceitarei de volta por amor de nosso filhinho.

DECLARA CONCHITA

(Cont. da página 10)

Subimos a escada estreita e nos foi oferecida uma cadeira na ampla sala de refeições da residência Chmura.

Móveis de estilo colonial, tapeçarias, quadros, lustres — tudo, para surpresa nossa — revelando ambiente de luxo e sobriedade — o que contrastava, tremendamente, com o aspecto exterior do prédio e daquela rua suburbana toda esburacada...

Enquanto aguardávamos que as ligações telefônicas fossem completadas, passou por nós, em direção aos fundos da casa, a bela Conchita.

Não usava pintura e estava muito pálida, apenas aparentando serenidade de espírito; em nada se parecendo com aquela bonequinha de suas fotografias de propaganda. Vestia um traje leve de verão, simples, sem adornos nem jóias.

D. Didi reaparece e nos convida a passarmos ao «living» onde um receptor fora do gancho nos fez compreender a hora da decisão...

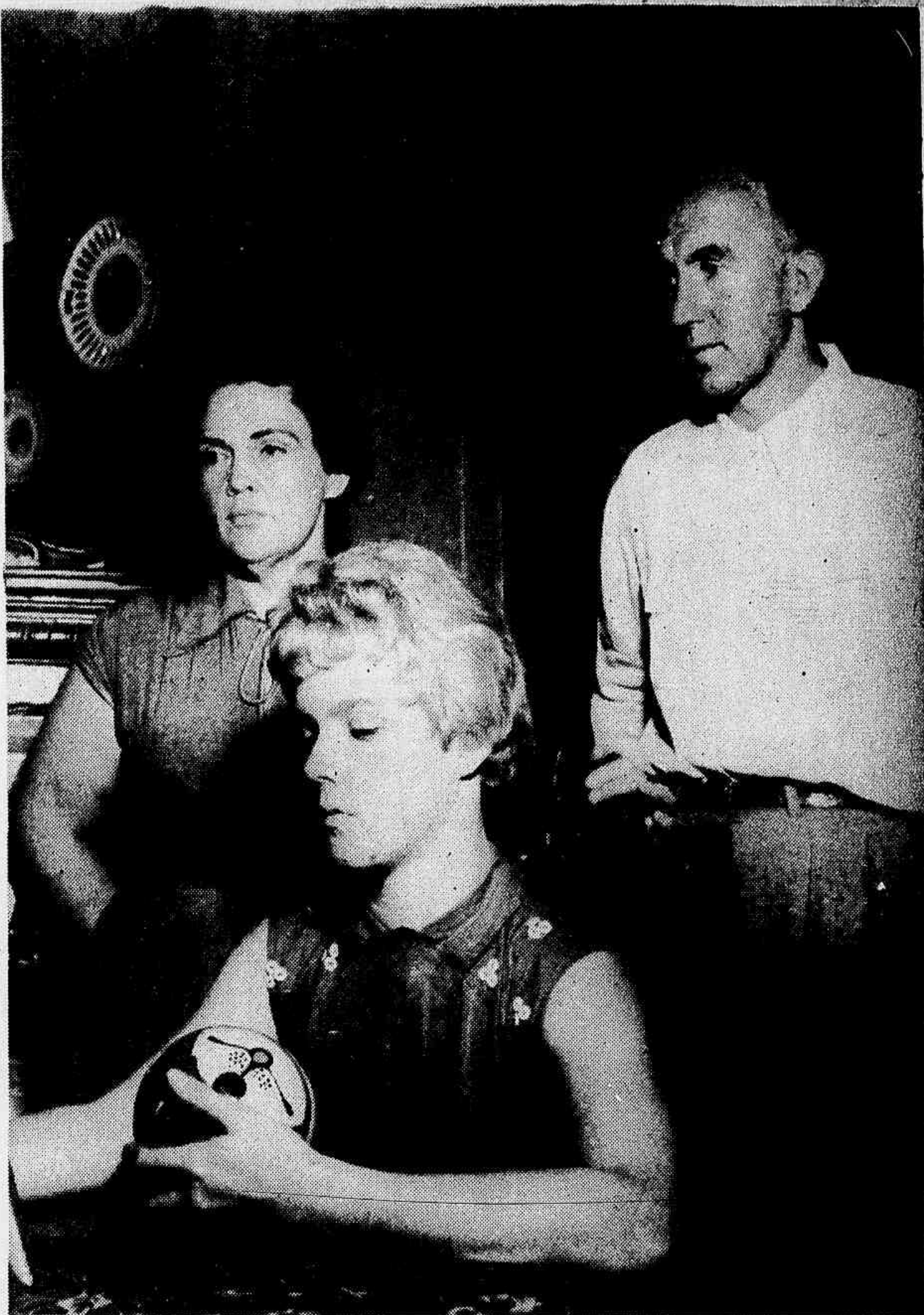
O dr. Geraldo não se mostrava disposto a ceder, apesar de sua extrema gentileza para conosco. Avesso à publicidade, cuidava de preservar apenas a sua cliente, profissionalmente. Desenvolvemos nova e profusa argumentação sobre a necessidade de um pronunciamento de Conchita já agora, tão injuriada publicamente. Afinal de contas, já ali estávamos em contacto com ela... Passamos o aparelho para o sr. Eugênio Chmura que acabava de entrar na sala, em companhia de Conchita, do tio Antônio e de outra moça (irmã de d. Didi).

Mais alguns minutos e voltamos a falar com o dr. Geraldo, que ante a nossa ponderação, aquiesceu por fim, uma vez que nos comprometêssemos a reproduzir, apenas, aquilo que a moça nos declarasse. Retornando o aparelho ao sr. Eugênio, retiramo-nos, discretamente, da sala.

Quando a família toda reapareceu, ficamos mais animados, pois já o pai de Conchita esboçava ligeiro sorriso e nos convidava a beber alguma coisa. Agradecemos a cortesia. Conchita sentou-se a um canto da mesa. D. Didi a enlaça, ternamente, e a jovem corresponde com um sorriso apagado.

Antes de iniciarmos, faz compreender que lhe amargava ter que falar, novamente, à imprensa, de questões que deveriam ficar somente entre ela e o marido. Mas, entendia, também, que ela mesma devia uma satisfação...

«Seu» Eugênio, d. Didi e Conchita. «Não podíamos supor que Mário aproveitasse a presença casual de seu filho para chamar os jornalistas»...



NÃO QUERO SABER MAIS DÊLE!

fação ao público, às pessoas amigas e conhecidas. Por isso estava a nossa disposição, reservando-se, porém, o direito de responder apenas aquilo que lhe aprouvesse.

A nossa primeira pergunta, Conchita baixa os olhos e comprime os lábios.

— Não. Não é verdade que eu tenha abandonado meu filho. Pois se ele foi criado aqui em casa, por mamãe e papai, desde que nasceu — acrescentou surpresa. Eu só conseguia ver Máriozinho aos domingos, quando mamãe ou papai o levavam ao nosso apartamento no Russel... O senhor quer uma prova? Olhe ali naquele quarto. Tudo aquilo é de meu filhinho. Ele tem «caminha», «balancinho», «roupinhas», «brinquedinhos», tem tudo enfim aqui em casa.

D. Didi afirma que não pode compreender como se possa pensar uma coisa dessas. E talvez pela emoção do momento, é tomada de soluços.

O sr. Eugênio se aproxima e conforta a esposa. Conchita fica imóvel e a sua palidez se acentua ainda mais. Quem fala é o pai:

— Minha filha está muito doente. Veio de fora, apanhar algumas roupas e vai voltar daqui a pouco. O táxi está esperando. Nós temos sofrido muito com tudo isso que está acontecendo.

Conchita acaricia a mão da progenitora e D. Didi se retaz. A outra pergunta, reluta um pouco:

— Ora, o Mário concordou com tudo, no dia do nosso rompimento. Ajudou-me a fazer as minhas malas e prometeu-me não dar publicidade ao nosso caso. Ele sabia muito bem para onde eu ia. Foi dar uma volta, para evitar a despedida.

Calam-se por alguns momentos e depois fala com indignação:

— É mentira que eu tenha deixado o menino sozinho. Máriozinho ficou com a empregada, que ele mesmo diz que é de confiança, até a manhã seguinte quando meus pais o foram buscar como havia prometido.

Toda a família confirma e d. Didi acrescenta um detalhe importante:

— Trouxemos o menino para casa, como de costume, e ele por aqui ficou até o domingo seguinte, quando meu genro telefonou para que levássemos o garoto lá, pois «ele estava com muitas saudades». Nós nem podíamos supor que fosse fazer o que fez. Aproveitar-se da presença de Máriozinho em seu apartamento para chamar os jornalistas...

Insistíamos em conhecer detalhes do drama. Conchita nega-se de modo categórico:

— Não quero nem tomar conhecimento do que vem dizendo o Mário... Já chega! Algum dia a coisa vai se esclarecer, em definitivo, e veremos quem é que está com a razão...

A sua preocupação é a questão do pimpolho, por isso, volta ao assunto:

— Se Deus quiser (e junta as mãos em prece) Máriozinho há de ser criado por mamãe e papai como sempre foi. E não naquele ambiente infernal no apartamento dele... onde entra e sai gente a toda hora.

D. Didi confirma o que a filha diz e papai Eugênio reprova, também, com um movimento de cabeça. Conchita vai além:

— Aquilo não é ambiente para educar filho de ninguém... Nunca pude me conformar em viver a vida como era obrigada a levar. A coisa estava ficando insuportável para mim. Sempre vivi com meus pais e tinha saudades dos tempos de casa. Tinha saudades dos meus «peixinhos», do meu filhinho e do sossego que a gente tem aqui...

Percebe-se que Conchita, no íntimo, ainda é a menina a quem, na idade da boneca, impingiram um marido...

Levanta-se e nos convida a ver o quarto de Máriozinho.

— Está vendo esta «caminha» aqui? Pois foi presente do Mário. Olhe os brinquedos dele... Como é que alguém tem coragem de pensar que abandonei meu Máriozinho?...

A sua voz é embargada por soluços e por fim o choro desata convulso, no ombro de d. Didi.

Ficamos constrangidos e o sr. Eugênio nos convida a um refrigerante. Vamos até a varanda externa contemplar os peixinhos do aquário.

Muito delicadamente o pai de Conchita nos faz compreender que deveríamos dar por encerrada nossa missão, pois havia certa pressa no regresso da filha. Solicitamos licença para colher alguns flagrantes da casa e Conchita reaparece. Vem de olhos vermelhos e traz nas mãos uma valise de couro.

A uma última pergunta sobre o futuro, responde em tom altivo:

— Vou fazer o clássico no ano que vem no «Souza Marques» e pretendo seguir Direito, na Faculdade Nacional mais tarde. Estudar e me formar em advocacia sempre foi meu sonho. Vou ver se agora posso realizá-lo, longe de tanta confusão e em companhia de meus pais e de meu Máriozinho.

— E a reconciliação com o professor, virá um dia?

— De modo algum. Posso lhe afirmar. Para mim já chega. Não quero saber mais dele.

ÚLTIMO FLASH

● **DUAS FURTIVAS LAGRIMAS** correm pelo rosto desta bela criança. Seus olhos negros se apertam, num sentimento de revolta, enquanto a boca, entreaberta, deixa escapar um balbúcio confuso. Todo o seu rosto é a personificação de um desapontamento. Que lhe terá negado Papai Noel, para que assim se transmute a natural alegria infantil numa dolorida máscara de choro?

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. Na Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 53 — Rio de Janeiro — 31-12-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarmos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA
EM FOCO



J. M. A.

Tem um nome complicado
Que sai quase sempre errado
Mas no fim acaba certo.
Anda agora dando um fino
Pra ajudar o Juscelino
E sonha com um céu aberto...

MEU
DEUS

Nízia Figueira

Conto de MARIO DE ANDRADE

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

BELAZARTE me contou:
Pois eu acho que tem. Você já sabe que sou cristão... Essas coisas de felicidade e infelicidade não têm significado nenhum, se a gente se compara consigo mesmo. Infelicidade é fenômeno de relação, só mesmo a gente olhando pro vizinho é que diz o «atendite et videte». Macaco, olhe seu rabo! Isso sim parece o cruzamento da filosofia cristã com a precisão de felicidade neste mundo duro. Inda é bom quando a gente inventa a ilusão da vaidade, e, em vez de falar que é mais desinfeliz, fala que é mais feliz... Toquei em rabo, e estou lembrando o caso do elefante, você sabe?... Pois não vê que um dia o elefante topou com uma penuginha de beija-flor caída numa folha, vai, amarrou a penuginha no rabo com uma corda grossa. E principiou todo passeando na serrapilheira da jungla. Uma elefanta mocetona que já estava carecendo de homem pra cumprir destino, viu o bicho tão bonito, mexe pra cá, mexe pra lá, ondulando feito onda quieta, e se engraçou. Falou assim: — «Que elefante mais bonito, porca la miséria!» Pois êle virou pra ela encrespado e: — «Dobre a língua, sabe! Elefante não senhora! sou beija-flor». E foi-se. Eis aí um tipo que ao menos soube criar felicidade com uma ilusão sarapintada. E' ridículo, é, mas que diabo! nem tôda a gente consegue a grandeza de se tornar como referência de si mesmo. Quanto a que lhe suceda como com o Nízia, homem! isso estou imaginando que só com ela mesmo... Que Nízia? ... se chamava... não me lembro bem... se Ferreira, Figueira... Qualquer coisa em «eira». Creio que era Nízia Figueira. Essa sim, de família nacional da gema, carijó irumoguara com Figueira ascendente até o século dezessete.

Quando em 1886, tendo vendido o sítio porcaria perto de Pinda, o pai dela veio pra São Paulo, virou mexeu até que teve coragem de comprar com o dinheiro guardado êsse fiapo de terra baixa, então bem longe da cidade, na hoje bairro da Lapa. Em 88 Nízia com dezesseis anos de mocidade, guardada com olho de Figueira pai sempre em casa, foi com o velho e a criada preta que vinham morar na chacinha recém-comprada. Figueira pai, nem bem mudou, deu com o rabo na cerca por causa dum antraz que o panema dum boticário novato imaginou que era furúnculo. Resultado: antraz tomou conta de Figueira que morreu apodrecido. Dores tamanhas, que, se tivesse vizinho perto, não podia dormir de tanto gemido que todo o orgulho daquela carne tradicional não podia que não saísse, arrancado do coração meio com bastante vergonha até.

Nízia se via só neste mundo, contando apenas dezessete anos e uma inocência ofensiva, bimbando estupidez, valha a verdade. Só mais a «prima Rufina», como ela desde criancinha se acostumara a chamar a criada preta. Prima Rufina tinha vinte e muitos, e era bem enérgica... Plantaram pereira, pessegueiro, uma hortã grande. Nízia tricotava, tricotava, fazendo sapatinho, paletózinho, touquinha de lã pros filhos desses homens. Prima Rufina vendia tudo na cidade, couve hoje, pêssegos verde pra doce amanhã, trabalhinho de lã todos os dias. Eu sei que chegava muito pra elas viverem e até Nízia guardava um pouco pra velhice.

Prima Rufina saía com o baú na mão, ia na casa dum, na casa doutro, se afreguesou um instante, com tanta lábia... Péra de presente pra filha de dona Maria, bala de açúcar pros filhos de seu Guimarães, saber seu Quitinho como passou: trazia sempre dinheiro pro sustento. Menos o tostão ficado na venda, em troca da boa pinga de Deus.

Nízia olhava a dinheirama se engrossando, porém não sabia que dinheiro se gasta noutras coisas; e os mil réis continuavam empilhados na gavetinha da cômoda. Prima Rufina é que aprendeu a vida... Não contava nada, quieta, preparando o jantar, cachimbo no beijo grosso. No entanto bem que aprendeu... Não durou muito, se enrabichou por um canhabora saía do que vivia ali mesmo, nas barbas da cidade. O filho-da-mãe abusou dela quanto quis, deixou prima Rufina barriguda e inda por cima desapareceu de repente, levando trinta e seis mil réis que pedira de emprestado pra ela. Nízia olhava aquela barriga redondinha que nem arandela, afinal perguntou.

— Uai! nhá Nízia, é doença! Estamo trabalhando, barriga empina. A muié de nhô Marcondes já me prometeu limão-brabo pra mim. Limão-brabo sara eu!

Nízia pensava no antraz do pai — e tinha medo.

Barriga, de tanto crescer, teve um dia em que careceu de botar o desgraçadinho pra fora. Prima Rufina veio correndo pra chácara, deixou o baú por aí, nem sabia mais na casa de quem só portando na venda pra comprar a garrafa de caninha.

— Olha que tu vais por bom caminho, rapariga!

— Cuide de seu negócio, viu?

Chegou, fechou-se por dentro no quarto, e o filho veio vindo sem que prima Rufina desse um gemido, tal-e-qual os animais do mato. Nízia mandara ela preparar o janta, «Não posso! prepare mecê!» ela roncava apertado. Que seria que tinha sucedido pra prima Rufina!... Era o antraz, na certa... Nízia teve mortes, de medo de ficar sôzinha.

— Mecê se deita, num s'incomode cum eu!

Quando ela vinha chamada por aqueles guinchos abafados, que nem choro de criança. Não era choro, não, naturalmente prima Rufina que sofria com o antraz... Que havia de fazer? Deitou. Perguntou pra escuridão. Não era nada. Meia inquieta adormeceu.

Prima Rufina, quando viu que não tinha mais vida na casa, se levantou. Pinga já estava tôdo no lugar do tizi saído e sonhando na capa do xadrez. Carecia de coragem. Pois foi na guarda-comida buscar o espírito-de-vinho e mamou na garrafa mesmo. Enrolou bem a criancinha e saiu. Saiu sim! De vez em quando sentava no caminho, suor correndo bica de dor, vista feita vidraça de neblina... Não era madrugada ainda, a preta já não tinha mais filho no braço. Dinheiro? não vê que se esquecera de trazer: primeira venda entreaberta, pronto: entrou. Foi um pilão daqueles! Só dia velho, empurrou a porta da casa, rindo bôba, com os olhos derretidos num choro sem querer, cantando o «Nossa Gente, Toca zumba zumba zumba»... Nízia até chorou de susto, pensando que Prima Rufina estava maluca. Que maluca nada! era mais infelicidade saindo de mistura com bebida.

Prima Rufina ficou doente uns dias. Depois sarou e aprendeu. Quando tinha vontade, ia nas vendas, procurando homem disposto. Porém não sei como fazia, sei que nunca mais teve antraz. E foi desde aquela bebedeira que ela pegou chamando Nízia de «mia fia».

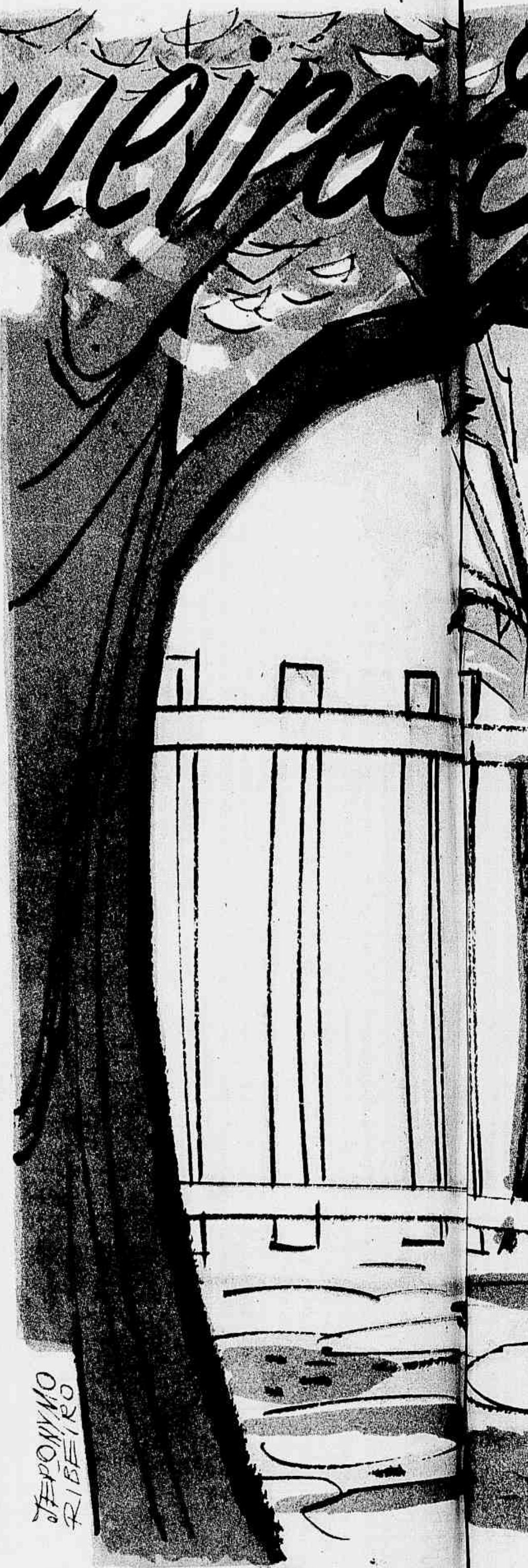
Nízia, vinte, vinte e um, vinte e dois anos, continuava esquecida naquela chacinha sem norte. Não tinha nada de feia, principiou se enfeitando, foi na cidade algumas vezes... Ficava no portão parada, sempre de hora em hora alguém havia de passar... Passava porém mal reparava em Nízia. Pois até, uma feita, ela foi numa loja concorrida da cidade, se encostou no balcão esperando. Os caixeiros passavam,

serviam todo mundo, pois não é que esqueceram de servir Nízia! Esqueceram, meu caro! Não estou fantasiado não! Então ela chamou um e pediu entremeio.

— Sim, senhora, já trago.

Outro pediu que êle endireitasse a pilha de chita quase caindo, começou a endireitar, endireitou, não sei quem pediu entremeio pra êle, serviu outra freguesa e esqueceu Nízia. Ela ficou ali muito serena, esperando. Quando viu que entremeio não vinha mesmo, desolada, foi-se embora. E prima Rufina continuou comprando tudo quanto Nízia precisava.

Desejos, não posso dizer que não tivesse desejos, teve. Olhava homens passando, alguns eram bem simpáticos, havia de ser bom com êles... Mas iam tão distraídos na rua republicana já!... Nízia voltava murcha pra dentro, sempre matutando que havia de ser bom com êles. Porém isso era fogo de palha. Sapatinho de lã toma atenção senão a gente erra o número dos pontos... Que-dê tempo pra imaginar homens?...



JERONYMO
RIBEIRO



O que cresceu foi a intimidade com a prima Rufina. Começaram a conversar mais. Nízia inventava curiosidades depois do jantar, ali sentadas na varanda. A filha do nhô Guimarães enfim tinha casado com o moço médico; o caso da mulher que matou o marido na rua Major Quedinho, e assim. Então quando teve aquela dor de dente, por causa duns limões verdes que andou chupando e comeram o esmalte dum canino, prima Rufina fez ela beber um trago importante de cachaça. Nízia quase morreu de angústia, ficou tonta, lançou que foi um horror. Prima Rufina sempre junto dela, consolando, limpando a blusa suja, deitando a bêbeda com tanto carinho... A dor de dente passou, isto é que eu sei. E a intimidade entre as duas aumentou muito. Nunca mais Nízia bebeu, mas a outra contava as razões da pinga, e Nízia acabou sabendo as tristezas do nosso mundo.

Teve um momento em que a humanidade pareceu se lembrar dessa apartada. Foi com o seu Lemos o caso. Seu Lemos era fluminense não sei donde, meio pálido, com bigodinho torcido e

cabelo crespo repartido do lado. Vinha pela estrada, sem custo carregando o corpo baixote, saber duas, três vezes por semana o protetor como passou, lá num sítio enorme que ficava mais ou menos onde é o bairro do Anastácio agora. Assim também o graúdo, que já dera pistolão pra ele entrar como carteiro nem bem chegadinho do Estado do Rio, não se esquecia de arranjar coisa melhor. Homem... será mesmo que seu Lemos queria coisa melhor?... Indivíduo macio, fala rara, não olhando. Sentado, ficava ali uma meia-hora, respondendo se perguntavam, que ele ia bem, que mamãe também ia passando bem, que o serviço ia muito bem... Tudo ia bem pra seu Lemos! Depois pegava no chapéu, ia-se embora pra casinha, alugada debaixo do viaduto do Chá.

- Sua bênção, mamãe.
- Como vai seu Anastácio?
- Bem.

Comiam. Estou pensando que foi esse Anastácio que decerto deu nome pro bairro, não?...

Depois seu Lemos ia palitar o dente na janela baixa. A noite vinha descendo, tapando o Anhangabaú com uma escuridão solitária. Os quintais molhados do vale, botavam uma painhinha de névoa sobre o corpo e ficavam bem quietinhos pra esquentar. Era um silêncio!... Poc, poc, poc... Alguém passando no viaduto. Sapo que era uma quantidade. Luzinha aqui, luzinha ali, mais sapo querendo assustar o silêncio, qual o quê! silêncio matava São Paulo cedinho, não eram nem nove horas. Seu Lemos não tinha mais no que imaginar. Ia direito botar o restico de palito mastigado no lixo, fazia o Nome-do-Padre e caía na cama já dormindo. A mãe inda ficava rezando, uns pares de horas, pra cada santo esquisito que ela escarafunchava lá de quanta alcova tem o Paraíso. Santo Anastácio mártir; novena de São Nicolau; oração pra evitar mordedura de cobra; oração pra evitar esbarro-de-estômago; oito Crém-dos-padres para não pegar fogo na cidade.

(Continua no próximo número)

FORTUNA (fazendo os melhores votos) **APRESENTA**

Ano Novo

MOMENTOS ANTES DA
ÚLTIMA HORA DE 1955

NÃO POSSO CONTINUAR
NESTA VIDA DE INDOLÊNCIA.
VOU PROCURAR TRABALHO
AGORA NO ANO NOVO.

ÊSSE NEGÓCIO
DE MUITOS NAMO-
RADOS NÃO RESOL-
VE. VOU ARRANJAR
UM SO, MAS CERTO,
AGORA NO ANO NOVO.

COITADA!
VOU LHE DAR
UM VESTIDO
AGORA NO ANO NOVO.

DEFINITIVAMENTE
VOU DEIXAR DE FUMAR
AGORA NO ANO NOVO!

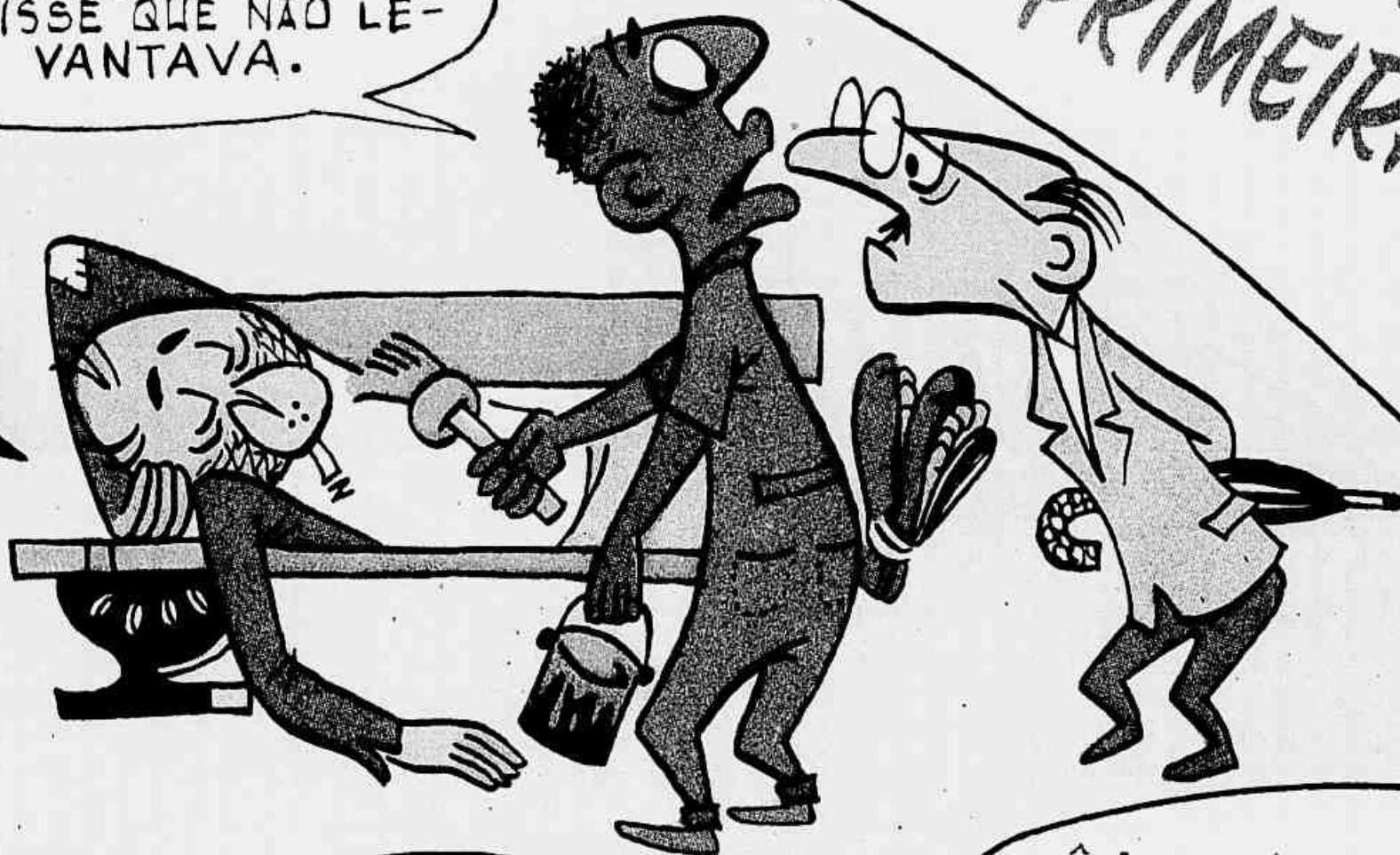
ACHO QUE NÃO FICA BEM
COMPLETAR DOZE ANOS
DE NOIVADO. VOU PEDIR
A MÃO DE MARGARIDA
AGORA NO ANO NOVO!



Viola Nova?

MOMENTOS DEPOIS DA
PRIMEIRA HORA DE 1956

E' O JEITO, SEU
CAPATAZ! O' HOMEM
DISSE QUE NÃO LE-
VANTAVA.



NÃO! ESSE AI' AINDA
ESTÁ BEM BOM!
E' SO' PARA ANDAR EM
CASA, NÃO É?



ALÔ! E' INÁCIO, DIGO,
JORGE? OH, DESCULPE!
E' VOCÊ, MAURÍCIO?
(SERA' QUE NUNCA
ACERTO O TELEFONE
DO REGINALDO?)



SOU TODO OUVIDOS,
JOVEM. PODE DIZER
O QUE PRE-
TENDE ME
PEDIR...



BEM, E' A RES-
PEITO... A RESPEI-
TO... AHN... DE
SEU RÁDIO DE PILHA!
PODE ME
EMPRESTAR
PARA
DOMINGO?



JÁ NASCEU,
DOUTOR?



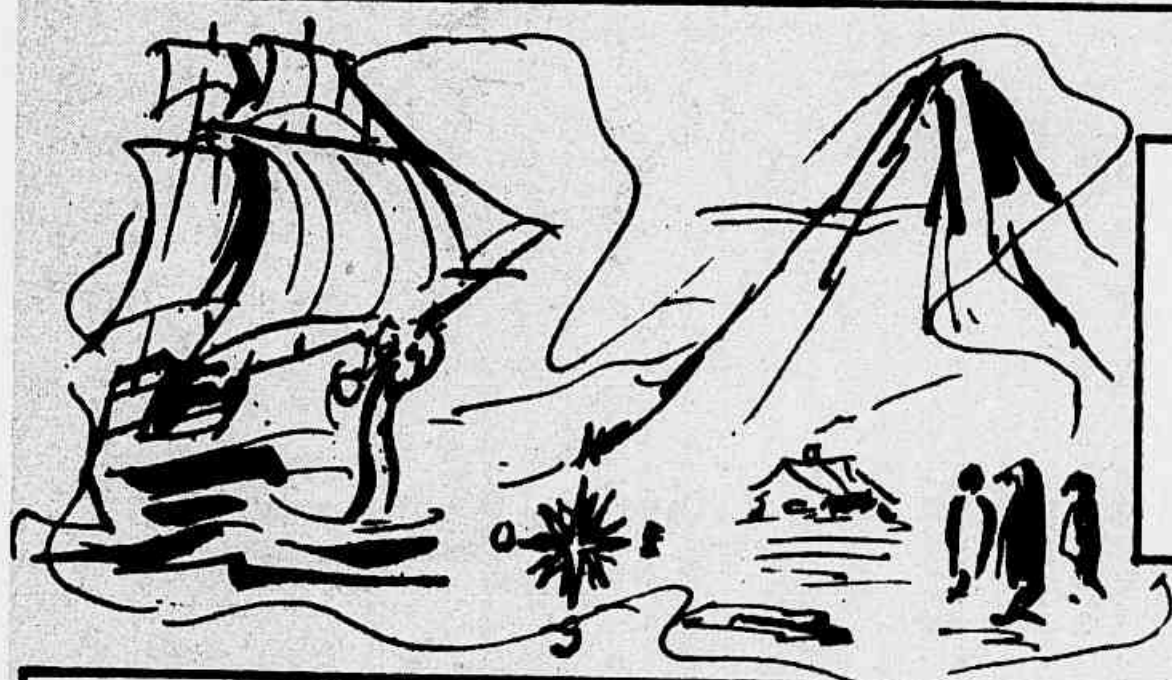
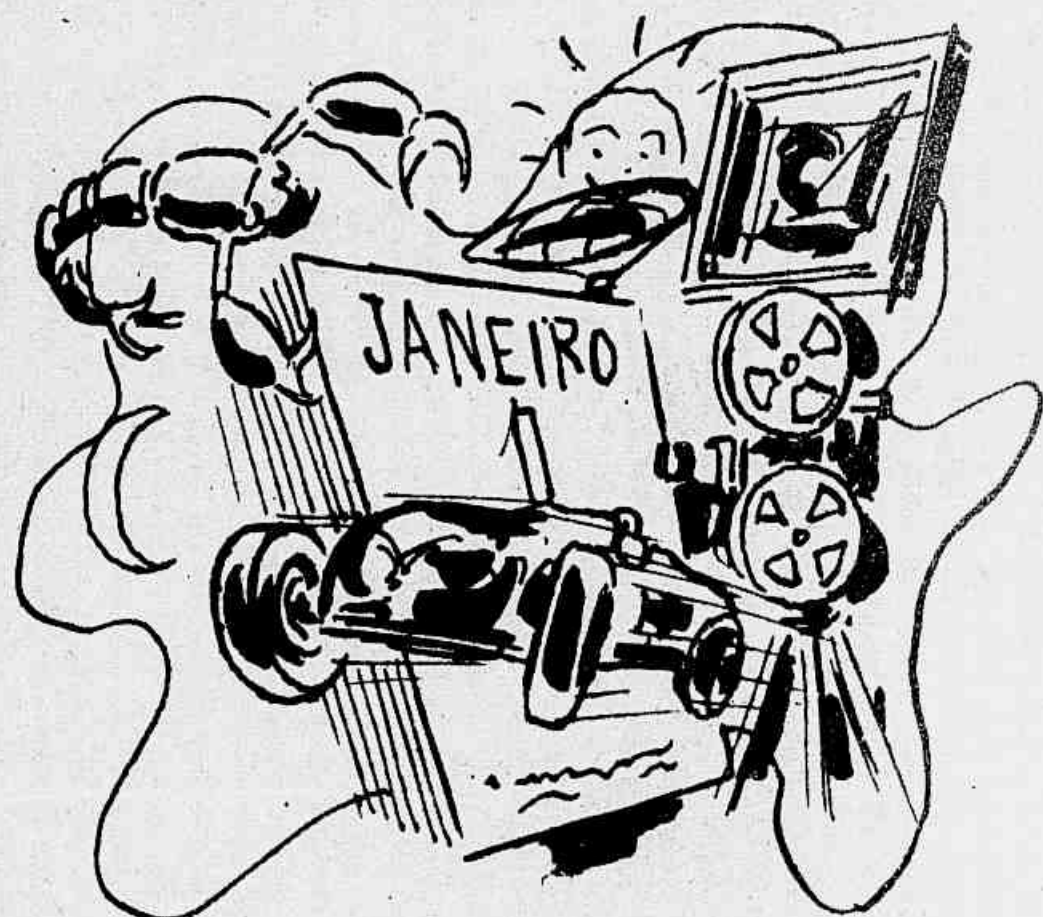
ALMANAQUE EU SEI TUDO

para

1956

O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO
QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE
SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

CALENDÁRIO PERPÉTUO ★ CALENDÁRIO PERPÉTUO
DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDÁRIO CATÓLICO ★
CALENDÁRIO PROTESTANTE ★ CALENDÁRIO CIVIL
★ CALENDÁRIO CRISTÃO ★ O ANO AERONÁUTICO
★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRAFICO
★ O ANO ARTÍSTICO ★ O ANO AUTOMOBILÍSTICO
★ O ANO CIENTÍFICO ★ O ANO EX-LIBRÍSTICO ★ O
ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRÍCOLA ★ FASES
DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS
ANOS, CONCORDÂNCIAS COM AS DEMAIS ERAS



A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SÔBRE O AVANÇO
DO HOMEM SÔBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE.
«O FIM DO DESCONHECIDO»

RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES,
MAPAS E CARTAS MÂRÍTIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR
Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações
UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR



Propriedade da CIA. EDITORA
AMERICANA — Rua Visconde
de Maranguape, 15 — RIO

ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!